

EDSON ARLINDO SILVA

**CARISMA, PODER E POLÍTICA LOCAL: ESTUDO DE CASO EM SÃO
DOMINGOS DO PRATA – MG**

Tese apresentada à Universidade
Federal de Viçosa, como parte das
exigências do Programa de Pós-
Graduação em Extensão Rural, para
obtenção do título de “Magister
Scientiae.”

**VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2005**

**Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV**

T

S586c
2005

Silva, Edson Arlindo, 1972-

Carisma, poder e política local: estudo de caso em São Domingos do Prata - MG. / Edson Arlindo Silva. - Viçosa: UFV, 2005.

xv, 127f : il. ; 29cm.

Inclui anexo.

Orientador: Maria Izabel Vieira Botelho.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referência bibliográfica: f. 115-118

1. Antonio, Padre - 1954 - 1976. 2. Comunicação - Aspectos religiosos - Igreja Católica. 3. Liderança cristã. 4. Religião e política. 5. Religião e sociologia. 6. Espiritualidade. 7. Igreja Católica - São Domingos do Prata (MG). I. Universidade Federal de Viçosa. II. Título.

CDD 22.ed. 302.2

EDSON ARLINDO SILVA

**CARISMA, PODER E POLÍTICA LOCAL: ESTUDO DE CASO EM SÃO
DOMINGOS DO PRATA – MG**

Tese apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, para obtenção do Título de “Magister Scientiae.”

APROVADA: 18 de Abril de 2005.

Francis Paulina Lopes da Silva

France Maria Gontijo Coelho

**José Roberto Pereira
(Conselheiro)**

**Lourdes Helena da Silva
(Conselheira)**

**Maria Izabel Vieira Botelho
(Orientadora)**

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Maria das Graças de Jesus Silva, mulher dedicada e trabalhadora que em suas inúmeras faxinas e atividades como empregada doméstica, foi a base de sustentação de uma família de cinco membros, se tornando uma mulher incansável e companheira nos momentos mais decisivos de minha vida, sendo responsável direta por minha formação universitária e profissional. Saiba minha mãe, sem você eu não teria chegado até este momento.

AGRADECIMENTOS

A finalização de um trabalho é o reconhecimento do dever cumprido e uma volta aos erros e acertos das etapas percorridas. Etapas essas, na maioria das vezes, marcadas pela frustração, insegurança, incertezas, contrabalançadas por momentos de apoio, segurança, amizade, incentivo e crença na possibilidade de atingir os objetivos almejados em etapas anteriores. Se puder afirmar, que este trabalho é fruto da parceria do autor com diversas pessoas e instituições que se fazem presentes neste, não poderia deixar de mencionar esses personagens que possibilitaram a concretização deste trabalho. Portanto, gostaria de agradecer, no mais íntimo significado que essa palavra possa ter, especialmente:

À memória de Padre Antônio Sebastião Ferreira Barros, carinhosamente chamado por familiares e pela população de São Domingos do Prata de Titoni. Exemplo de homem que não conheci fisicamente, mas que sob a forma de entrevistas, histórias de vida e relatos de pessoas que com ele conviveram, consegui mensurar sua personalidade de dedicação, amor ao próximo e extrema valorização pela vida alheia. Sua imagem será eternizada em nossas mentes e corações, servindo sempre de referência para as gerações que o conheceram, para as presentes e para aquelas que estão por vir.

À família da Bibiana Maria da Assunção Barros, entre tantos, destaco a própria Bibiana, Dona Maria Serapia, Coracy, Clara, Isabela, Leninha, Geraldo, sua esposa Martinha e Laura, que durante todos esses anos, com amor e generosidade, me abriram as portas de suas casas e me permitiram partilhar de seu cotidiano e conhecer suas histórias de vida. Agradeço a todos vocês, não somente pela acolhida, mas pelos momentos de companheirismo, diálogos, esclarecimentos e ensinamentos que se configuravam a cada conversa.

À população de São Domingos do Prata – MG, em especial: Laércio, Paulo Albeny, Brazuca, Dona Perpétua, Sr. Goar, Sr. Levi, Sr. Joaquim, Maria Paula, Sr. Lima

e esposa, Dona Marília de Dirceu, Dona Raimunda Maria, Dona Maria Aparecida Rolla, Irmã Monique, Ênio Piscineiro, Dona Maria dos Santos, Dona Maria de Lourdes, Dona Maria Rolla Perdigão, Dona Maria Aparecida dos Santos, Guido Mota, Cicil, Dona Alice Mendes, Dona Alaíde – mãe do Prof. José Roberto Pereira –, Dona Maria da Conceição Nunes, José Calazans, José Milton, Ana Lúcia Braga e Padre Abdala, pela disposição e cordialidade em me atender em suas casas e locais de trabalho.

À minha família e demais amigos e amigas, em especial ao irmão Wellington Vander da Silva, pela paciência e incentivo. Aos meus sobrinhos Juninho, Livia e Daniele pelo carinho e amor transmitidos.

Ao amigo e Professor José Roberto Pereira, pelos incentivos e confiança em meu trabalho desde o ano de 2000, quando trabalhamos juntos na Iniciação Científica. Com ele, aprendi que é preciso ouvir e observar mais, antes de tomar qualquer atitude precipitada.

À Professora Maria Izabel Vieira Botelho que me “adotou” como orientando em substituição ao Professor José Roberto Pereira, transferido para Universidade Federal de Lavras, mas que não deixou de me atender em momento algum, sendo paciente, amiga e conselheira em todas as etapas desse trabalho.

À Professora Lourdes Helena da Silva pelos aconselhamentos, comentários críticos e pelas sugestões.

Às Professoras France Maria Gontijo Coelho e Francis Paulina Lopes da Silva, por aceitarem o convite para participarem da conclusão desse trabalho e que trouxeram contribuições significativas.

À Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural do Departamento de Economia Rural e todos os professores ligados ao mesmo, que me incentivaram e compartilharam comigo sugestões, críticas e elogios. Aos amigos e amigas do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, Hércio, Fabrício, Daniel, Rodrigo, Juscelino, Thaís, Kênia, Ana Paula, Léa, Camila, Juliane, Esther e Anne, pelas trocas de conhecimentos e experiências de vida.

À Regina da Silva, namorada e companheira, que durante esses anos foi a base de sustentação das minhas conquistas e esteve sempre ao meu lado, ajudando-me nas transcrições e digitações de entrevistas e documentos, e tendo paciência e compreensão, nas minhas inúmeras ausências.

Ao irmão-amigo Marco Aurélio Marques Ferreira, doutor em economia aplicada, pelos diálogos e apoios recebidos.

À amiga e historiadora Fernanda Abreu Nagem, pelas ajudas iniciais.

Aos funcionários e funcionárias do Departamento de Economia Rural (DER), Tedinha, Luíza, Sr. Expedito, Ruço, Carminha, Brilhante, Adelaide, Helena, Sr. Antônio, Carlito, Dona Maria, Cida, Rosângela, Graça Freitas e aos demais, de cujos nomes não me recordo, mas que, nem por isso, deixam de ser importantes. Saibam que, sem vocês, seria muito difícil concretizar esse trabalho, pois em vocês encontrei apoio, amizade e ajuda.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo suporte institucional que viabilizou a realização deste trabalho.

À Universidade Federal de Viçosa pelas portas que se abriram e braços que se estenderam ao longo de minha vida acadêmica.

Ao espírito de luta franciscano que tem guiado, no decorrer desses últimos oito anos, meus pensamentos e atitudes em prol de uma sociedade justa e solidária.

“Em algum remoto rincão do universo cintilante que se derrama em um sem número de sistemas solares, havia uma vez um astro, em que animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais soberbo e mais mentiroso da história universal: mas também foi somente um minuto. Passados poucos fôlegos da natureza congelou-se o astro, e os animais inteligentes tiveram de morrer. – Assim poderia alguém inventar uma fábula e nem por isso teria ilustrado suficientemente quão lamentável, quão fantasmagórico e fugaz, quão sem finalidade e gratuito fica o intelecto humano dentro da natureza. Houve eternidades, em que ele não estava; quando de novo ele tiver passado, nada terá acontecido. Pois não há para aquele intelecto nenhuma missão mais vasta, que conduzisse além da vida humana. Ao contrário, ele é humano, e somente seu possuidor e genitor o toma tão pateticamente, como se os gonzos do mundo girassem nele. Mas se pudéssemos entender-nos com a mosca, perceberíamos então que também ela bóia no ar com esse *páthos* e sente em si o centro voante deste mundo. Não há nada tão desprezível e mesquinho na natureza que, com um pequeno sopro daquela força do conhecimento, não transbordasse logo como um odre; e como todo transportador de carga quer ter seu admirador, mesmo o mais orgulhoso dos homens, o filósofo, pensa ver por todos os lados os olhos do universo telescopicamente em mira sobre seu agir e pensar.” (FRIEDRICH NIETZSCHE).

ÍNDICE

LISTA DE SIGLAS.....	IX
LISTA DE QUADROS	X
LISTA DE FIGURAS E FOTOS.....	XI
RESUMO.....	XII
ABSTRACT.....	XIV
1. INTRODUÇÃO	1
1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO TEMA DE PESQUISA	6
1.2. O MUNICÍPIO DE SÃO DOMINGOS DO PRATA E SUA HISTÓRIA.....	9
1.3. A HISTÓRIA POLÍTICA DO MUNICÍPIO – 1958 A 1998.....	12
2. IGREJA CATÓLICA, TENDÊNCIAS POLÍTICAS E PRÁTICAS	
SOCIAIS.....	16
2.1 O PROBLEMA DE PESQUISA	16
2.2 BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS.....	18
2.2.1 <i>PROCEDIMENTOS DE COLETA DAS INFORMAÇÕES</i>	20
2.2.2 <i>ESTUDO EXPLORATÓRIO</i>	21
2.2.3 <i>DIMENSÕES DA MEMÓRIA COLETIVA OU SOCIAL</i>	24
2.2.4 <i>HISTÓRIA ORAL E RELATOS DE CAMPO</i>	27
2.3 BASES TEÓRICO-SOCIOLÓGICAS.....	29
2.3.1 <i>A DÁDIVA NO CONTEXTO POLÍTICO-RELIGIOSO</i>	35
2.3.3 <i>TRADIÇÃO, CULTURA E PRÁTICAS DO COTIDIANO BRASILEIRO</i>	39
3. POLÍTICA, RELIGIÃO E TRABALHO COMUNITÁRIO EM SÃO	
DOMINGOS DO PRATA.....	43
3.1 SÃO DOMINGOS DO PRATA – MG E ALGUMAS DE SUAS INSTITUIÇÕES....	43
3.2 O PAPEL INSTITUCIONAL DAS LIDERANÇAS LOCAIS.....	50
3.3 UM PADRE, UM HOMEM BOM, UM SANTO.....	53
3.4 ALGUMA COISA PODE SER FEITA	67
3.5 CAMPANHA POLÍTICA DE 1982	70
3.6 CAMPANHA POLÍTICA DE 1988	80
3.7 CAMPANHA POLÍTICA DE 1992	87
4. DA DOMINAÇÃO CARISMÁTICA À INSTITUCIONALIZAÇÃO DO	
PODER POLÍTICO: REFLEXÕES A PARTIR DO LEVANTAMENTO DE	
CAMPO	91
4.1 O PODER CARISMÁTICO E SUAS IMPLICAÇÕES NA SOCIEDADE.....	91
4.2 CARISMA COMO MANIFESTAÇÃO DE DOMINAÇÃO E PODER.....	98
4.3 VALORES E PRÁTICAS POLÍTICAS NO BRASIL.....	106

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
6. BIBLIOGRAFIA.....	116
7. ANEXOS.....	120
ANEXO I: PRINCIPAIS DATAS E FATOS QUE MARCARAM A TRAJETÓRIA DAS AÇÕES POLÍTICAS, COMUNITÁRIAS E RELIGIOSAS, BEM COMO A HISTÓRIA DE VIDA DE PADRE ANTÔNIO	120
ANEXO II: LISTA DE NOMES FICTÍCIOS DE PESSOAS QUE PARTICIPARAM DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADA E SEUS RESPECTIVOS PERFIS:	121
ANEXO III: QUESTÕES PRELIMINARES QUE SERVIRAM DE BASE PARA A ELABORAÇÃO DO ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA A SER APRESENTADO A SEGUIR (ANEXO IV)	122
ANEXO IV: ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA	123

LISTA DE SIGLAS

AAP: Associação dos Aposentados e Pensionistas de São Domingos do Prata

ACD's: Associações Comunitárias de Desenvolvimento

AIACABA: Associação de Intercâmbio Cultural entre África, Brasil e Alemanha

ALMG: Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais

CDC: Conselho de Desenvolvimento Comunitário

CEB's: Comunidades Eclesiais de Base

CPT: Comissão Pastoral da Terra

CNBB: Confederação Nacional dos Bispos do Brasil

CORPRATA: Cooperativa Regional Agroindustrial de São Domingos do Prata

EMATER: Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

FIA: Fundação Inter-Americana

FJP: Fundação João Pinheiro

FUNDEC: Fundo de Desenvolvimento Comunitário

GIPP: Grupo Integrado para o Progresso do Prata

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LBA: Legião Brasileira de Assistência

MARSDP: Movimento Associativista Rural de São Domingos do Prata

PIPMO: Programa Intensivo de Preparação de Mão de Obra

SAEMG: Secretaria de Agricultura do Estado de Minas Gerais

SETAS: Secretaria de Trabalho e Ação Social

OSSDG: Obras Sociais São Domingos de Gusmão

SIND-RURAL: Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Domingos do Prata

SUDECOOP: Superintendência de Desenvolvimento do Cooperativismo

LISTA DE QUADROS

Quadros

Páginas

1- Distribuição da área total do município de São domingos do Prata – MG	11
2- Distribuição Fundiária do Município de São Domingos do Prata – MG	11
3- Demonstração dos resultados das eleições municipais ocorridas em São Domingos do Prata – MG entre os anos de 1982 a 1992	79
4- Tipologia de sociedade e tipologia de autoridade	102

LISTA DE FIGURAS E FOTOS

Figuras e Fotos

Páginas

1- Local onde funciona, atualmente, a “Feira do Produtor”	45
2- Sede atual do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Domingos do Prata	46
3- Construção de creches na zona rural (1983-1988).....	48
4- Vista frontal de uma creche que funciona na zona rural	48
5- Vista parcial da Igreja Matriz de São Domingos de Gusmão.....	57
6- Comício de campanha política de 1988	82

RESUMO

SILVA, Edson Arlindo, M.S., Universidade Federal de Viçosa, Abril de 2005. **Carisma, poder e política local: estudo de caso em São Domingos do Prata – MG.** Orientadora: Maria Izabel Vieira Botelho. Conselheiros: José Roberto Pereira e Lourdes Helena da Silva.

Esta tese teve como objetivo compreender o significado atribuído pela população local ao conjunto de ações de caráter político, praticadas pelo ex-pároco do município de São Domingos do Prata, Minas Gerais. Essas ações influenciaram milhares de pessoas que se mobilizaram para superar as dificuldades econômicas e sociais a que estavam submetidas. A identificação das experiências políticas e religiosas, ocorrida sob a liderança do ex-pároco local, somente foi possível por meio da delimitação do período histórico entre 1958 a 1998 que, respectivamente, são os anos de chegada e morte de Padre Antônio Sebastião Ferreira Barros ou popularmente chamado de Titoni, no município. Por meio da análise da liderança de Padre Antônio é possível perceber diferentes concepções a respeito da influência da Igreja Católica entre os mais variados segmentos sociais desse município. Considerando essas concepções, contraditoriamente foi possível identificar os motivos que levaram a mesma população a não reconhecê-lo como um legítimo representante político institucionalizado, já que Titoni, como carinhosamente era conhecido, nunca conseguiu, nas vezes em que disputou a política local, ser eleito e assumir o cargo de prefeito do município, o que era seu maior desejo. Este trabalho apresenta-se como um histórico das ações de Padre Antônio ao longo de quatro décadas (1958 a 1998) em que esteve à frente das principais transformações ocorridas em São Domingos do Prata, além de retratar a trajetória multifacetada de sua liderança e organização social, influenciada tanto pela Igreja Católica quanto por instituições como cooperativa, associação, sindicato, prefeitura, entre outras. A metodologia de pesquisa utilizada foi

fundamentada na reconstrução da memória coletiva, via entrevistas semi-estruturadas, pesquisas bibliográficas e análise de documentos em poder das instituições e da população local. Dessa forma, as entrevistas semi-estruturadas e a documentação analisada foram indispensáveis na recomposição da memória dos atores sociais, envolvidos na trajetória histórica da experiência de liderança política e religiosa encampada por Padre Antônio, ocorrida em São Domingos do Prata, no período em evidência. As considerações finais foram feitas no sentido de identificar as principais contribuições das ações comunitárias organizadas e lideradas pelo Padre Antônio, e compará-las com as suas ações políticas institucionais no sentido de trazer elementos elucidativos para os questionamentos iniciais a respeito de compreender os motivos que levaram a mesma população local a não reconhecê-lo, como um legítimo político, e sim como um cidadão ilustre que apoiou, mobilizou e trabalhou junto, principalmente, com as camadas menos favorecidas. Sendo assim, acontecimentos como a sua saída do sacerdócio, o seu casamento e os interesses dos políticos arraigados em uma política clientelista que se configuravam à época, no município, foram decisivos para comprometer as suas tentativas em se eleger prefeito de São Domingos do Prata, o que era, segundo os que com ele conviveram, seu maior sonho. Assim, para dar conta dessa complexa reconstituição da história local, foi utilizada, ao longo desse estudo, a pesquisa qualitativa, realizando, dessa forma, o que TRIVIÑOS (1987) denomina *estudo de caso histórico-social*.

ABSTRACT

SILVA, Edson Arlindo, M.S., Universidade Federal de Viçosa, April 2005. **Charisma, power and local policy: a case study in São Domingos do Prata - MG.** Adviser: Maria Izabel Vieira Botelho. Committee members: José Roberto Pereira and Lourdes Helena da Silva.

This thesis was carried out to understand the meaning attributed by local population to the group of the politically characterized-actions practiced by the ex- parish priest of the São Domingos do Prata county, Minas Gerais. Those actions influenced thousands people who mobilized in order to overcome the economical and social difficulties they were submitted to. The identification of the political and religious experiences occurring under the local ex-parish priest's leadership were only possible by delimiting the historical period from 1958 to 1998, that correspond to the years of the Padre Antônio Sebastião Ferreira Barros' arrival and death in this county, who used to be popularly called as Titoni. Based on the analysis of the Padre Antônio's leadership, it is possible to perceive different conceptions concerning to the influence of the Catholic Church on the most different social segments in this county. Taking these conceptions into account, it was contradictorily possible to identify the reasons that led the same population to not recognizing him as a legitimate institutionalized political representative, since the person affectionately known as Titoni never succeeded in being chosen and assuming the county's prefect post, which was his greater desire, at the times when he disputed the local politics. The present study is shown as a report on Padre Antônio's actions during four decades (1958 to 1998) when he was the leader fighting for the main transformations, that later occurred in São Domingos do Prata. In addition, it portrays the multifaceted trajectory of his leadership and social organization, that was influenced either by Catholic Church and institutions such as cooperative, association, union, city

hall and others. The research methodology was based on the reconstruction of the collective memory, through semistructured interviews, bibliographical researches, and documentary analyses under both the institutions and local population's powers. So, either the semistructured interviews and analyzed documentation were indispensable in recomposing the memory of the social actors, who were involved into the historical trajectory of the political- and- religious leadership experience promoted by Padre Antônio, in São Domingos do Prata over the period under evidence. The final considerations were taken towards the identification of the main contributions provided by the community actions organized and led by Padre Antônio, as well as the comparison of these contributions with his institutional politic actions in the sense of bringing elucidative elements for the initial questionings about the understanding of the reasons why the same local population did not recognize him as a legitimate politician, rather as an illustrious citizen who supported, mobilized and mainly worked together with the less favored social layers. Therefore, events such as his priesthood' abandonment, his marriage, and his politic interests ingrained into a clientele politics that were configured in the county at that time, were decisive in endangering his attempts to be chosen as São Domingos do Prata' prefect, that was his major dream, according to those familiar to him. Thus, the qualitative research was used throughout this study to compose this complex rebuilding of the local history, therefore accomplishing what TRIVIÑOS (1987) denominated as a social-historical case study.

1. INTRODUÇÃO

Esta tese teve como objetivo analisar o significado atribuído pela população ao conjunto de ações de caráter político, praticadas pelo ex-pároco da cidade de São Domingos do Prata, Minas Gerais. As ações organizadas por Padre Antônio, desde o momento em que era sacerdote (1954 – 1976), influenciaram milhares de pessoas que se mobilizaram para superar as suas dificuldades econômicas e sociais. Ao mesmo tempo, buscou-se compreender também os acontecimentos que levaram a mesma população a não elegê-lo prefeito do município, nas vezes em que disputou as eleições municipais, depois de ter dedicado a maior parte de sua vida aos habitantes do município.

Ao decidir pelo estudo do papel exercido por lideranças religiosas e de suas capacidades em mobilizar determinado grupo de pessoas em torno de objetivos comuns, não pude deixar de recorrer às raízes à quais estou ligado. Trata-se em descrever a minha trajetória religiosa iniciada em dezembro de 1991, quando me engajei no grupo de jovens JOMEC (Jovens Mensageiros de Cristo), situado na Paróquia Nossa Senhora de Fátima em Viçosa – MG. Em 1994, passei a freqüentar a RCC (Renovação Carismática Católica de Viçosa), junto à qual realizei trabalhos comunitários na área da *espiritualidade*¹ até o ano de 1997. Mas, a grande transformação religiosa que ocorreu em minha vida foi quando um grupo de leigos da Paróquia Nossa Senhora de Fátima me convidou, no início de 1998, para articular a criação de um “albergue”, hoje denominado Casa Assistencial São Francisco de Assis (CASFA), entidade filantrópica, que visa tirar da marginalidade e exclusão social, “menores de rua”. A partir de então, alinhei-me àqueles que têm como ideal o combate à pobreza e à injustiça social, preconizados, principalmente, pelas correntes religiosas

¹ Para BOFF (1981: 209-210) “Viver no espírito ou também em Cristo é sempre contraposto ao viver na carne, segundo a carne ou no corpo de carne. Viver na carne (*Kata sarka*, em grego) é viver na limitação, no fechamento, na tribulação, na fraqueza e na tentação. Jesus de Nazaré viveu segundo a carne com todos os sentidos pejorativos que essa palavra encerra para a mentalidade judaica. Contudo, esse modo de existir carnal foi totalmente modificado pela ressurreição. Agora ele vive segundo o Espírito (*en pneumatí*, em grego, que ocorre 19 vezes em São Paulo) ou num corpo de glória ou ainda num espiritual (1Cor 15, 44). Viver segundo o Espírito; é viver com corpo e alma, mas totalmente repleto de Deus, significa ser homem completo mas agora numa forma que não conhece mais limitações, fraquezas, tribulações e ameaça de morte. É ser dotado de uma corporalidade para a qual o espaço, o tempo e o mundo já não são mais limites mas pura comunicabilidade, abertura e comunhão com Deus e com toda a realidade. O Espírito vem sempre de Deus e com toda a realidade. Por isso esse modo de existir é sempre determinado a partir de Deus.”

franciscana e vicentina. Posteriormente, na segunda metade do ano de 2001 e início de 2002, envolvi-me, na cidade de Mariana – MG, com o grupo “Fé e Política”, que objetivava conscientizar os leigos e religiosos da Diocese de Mariana, para uma atuação mais ativa nas situações políticas e religiosas em nossa sociedade.

Esses trabalhos religiosos e comunitários dos quais participei que, contribuíram, em meados de 2002, já como aluno do mestrado em Extensão Rural, para a realização da pesquisa sobre o fenômeno de uma experiência de liderança religiosa e política, ocorrida no município de São Domingos do Prata, sugerida pelo Professor Dr. José Roberto Pereira, da Universidade Federal de Viçosa. Essa experiência ocorreu entre os anos de 1958 e 1998, período marcado pela presença efetiva de um líder religioso e político que utilizou seu “carisma” para articular e conduzir milhares de pessoas em busca do desenvolvimento social, econômico e, principalmente, “humano”, da população local.

Percebendo que essa experiência ocorrida com Padre Antônio no município de São Domingos do Prata se identificava com os trabalhos que ajudei a realizar em Viçosa, nasceu em mim o interesse em elaborar uma proposta de pesquisa, tendo como tema central os impactos provocados pelas ações de lideranças religiosas e políticas em comunidades rurais e urbanas. Essa proposta foi apresentada ao Programa de Mestrado em Extensão Rural da Universidade Federal de Viçosa e aprovada em dezembro de 2002. A partir de então iniciou-se a preparação das técnicas e instrumentos de investigação necessários à coleta de informações acerca das transformações ocorridas em São Domingos do Prata, tendo como personagem central um líder político e religioso que “revolucionou” os trabalhos comunitários e pastorais até então ocorridos naquele município.

Em termos de importância, esse trabalho foi dirigido a três instâncias marcantes no desenvolvimento e conclusão do mesmo, quais sejam, comunidade acadêmica/científica, à população e o município de São Domingos do Prata, e para a Igreja Católica.

Para a comunidade acadêmica/científica, esse trabalho representou uma maior aproximação da academia em relação aos atores sociais que compõem o presente trabalho. Acredita-se, que trabalhos dessa natureza, proporcionam o

rompimento de barreiras entre a academia e seu público alvo, e inseri definitivamente o pesquisador no meio a ser pesquisado, possibilitando a transição entre o “pesquisador de gabinete” para a efetivação do “pesquisador de campo”. Outro ponto marcante é a descoberta, via relatos da própria população local, de características existentes em Padre Antônio que o posiciona como um extensionista dinâmico e eficaz, sem mesmo necessitar de conhecimentos científicos específicos para tal, mas que por outro lado, suas inúmeras ações e intervenções no meio rural demonstraram a força de sua capacidade em relacionar e instruir o homem do campo.

Para o município de São Domingos do Prata e sua população, a importância desse trabalho consiste no resgate de informações e evidências que constituíram a trajetória de vida de Padre Antônio, em um primeiro momento como líder religioso, e posteriormente, como líder político. Sua capacidade em articular as pessoas para os trabalhos comunitários, levando-as à constituição de empreendimentos importantes para o município e a população, como as associações comunitárias, cooperativas, sindicato, cursos profissionalizantes, creches, dentre outros, coloca esse personagem ilustre do município, como ponto de referência para membros da população local, bem como para as cidades circunvizinhas e demais localidades. Além do dinamismo e poder de persuasão encontrados na pessoa de Padre Antônio, a maioria das pessoas que com ele conviveram, ou apenas ouviram falar de seus trabalhos na comunidade, revelaram que profissões, prestação de serviços voluntários, participação na vida política, social e religiosa do município, somente foram possíveis devido aos incentivos e exemplos dados por ele ao longo do período em que esteve atuando na comunidade. Dessa forma, o presente estudo revelou uma liderança inquieta e que se tornou porta voz em benefício dos mais necessitados, mesmo depois de não ter conseguido alcançar seus objetivos políticos, quando ele próprio pensava “se como padre eu consegui fazer um pouco para o município e sua população, como prefeito eu poderei fazer muito mais.” Essa revelação demonstra um ser humano mais preocupado com os interesses coletivos e dos outros, do que com seus próprios interesses.

Para a Igreja Católica e seus membros, aos quais me incluo, a relevância desse trabalho sugere uma maior flexibilidade nas ações pastorais e em seus aspectos dogmáticos, encampados por essa instituição, já que após a saída de Padre Antônio do

sacerdócio, a Igreja Católica local não permitiu a continuidade de seus trabalhos comunitários e pastorais no seio da igreja, o que foi expresso em muitos testemunhos ao longo dessa pesquisa. Torna-se ainda necessário, uma minuciosa reflexão do papel de determinada pessoa, em um primeiro momento enquanto sacerdote, e posteriormente, como ex-sacerdote, já que mediante a tantos obstáculos, preconceitos e dificuldades, o ex-pároco não deixou de seguir os ensinamentos evangélicos difundidos pela crença cristã. Acredita-se, que tal análise poderá em um futuro não tão distante, dar mais vida e dinamismo às ações comunitárias e pastorais elaboradas e implementadas pela Igreja Católica, inserindo essa mesma igreja em mundo mais dinâmico e que requer transformações rápidas, pois do contrário seus dogmas, valores e princípios tendem perder a validade para algumas pessoas que a ela estiver ligada.

Sendo assim, a dissertação encontra-se estruturada em cinco capítulos.

No capítulo 1, levaram-se em consideração as informações iniciais a respeito da unidade de análise², a apresentação geral do município e de sua história política, no período entre 1958 e 1998. Buscou-se ainda, contextualizar a história de vida política de Padre Antônio, enumerando suas principais contribuições à população de São Domingos do Prata, ao longo de 40 anos (1958-1998) em que esteve à frente dos principais acontecimentos deste município.

No capítulo 2, são apresentadas as abordagens metodológicas e sociológicas, bem como a contextualização do problema de pesquisa. Durante seu desenvolvimento, buscou-se retratar as seguintes características: visão geral do conjunto de técnicas de pesquisas utilizadas ao longo da elaboração da pesquisa; procedimentos de coleta das informações, buscando melhor sistematizar sua coleta e análise; estudo exploratório, contribuindo para a inserção dos pesquisadores na área estudada; o uso da história oral e da memória coletiva, enquanto metodologias de pesquisa, que possibilitaram a reconstrução do período histórico em evidência (1958-1998), e permitiu compreender o significado que os atores sociais atribuem à sua própria história e à história de sua comunidade. Na coleta de informações e dados,

² A unidade de análise dessa dissertação foi direcionada a compreender as múltiplas ações comunitárias desenvolvidas por Padre Antônio (Titoni) junto à população de São Domingos do Prata – MG, em um primeiro momento como representante da Igreja Católica e, posteriormente como liderança política do município.

utilizou-se a análise documental e a entrevista semi-estruturada, por meio de relatos orais.

Ainda no capítulo 2, foram analisadas e discutidas as abordagens a respeito das intervenções de lideranças política e religiosa ligadas à Igreja Católica e seus valores tradicionais, como por exemplo, *clientelismo*, *paternalismo* e *dádiva*, disseminados no interior da população e em instituições de origens diversas, o que possibilitou a manutenção da hierarquia social e política durante vários anos da história brasileira. Essas instituições, que dão dinamismo à vida social e política, são de origens variadas como a própria família, escolas, cooperativas, associações, sindicatos, Igrejas, entidades filantrópicas, prefeitura e centros comunitários. Tratou-se de analisar, principalmente, o papel exercido pelos membros da Igreja Católica no Brasil, a partir da segunda metade do século XX. Buscou-se ainda, enumerar o conjunto de intervenções promovidas pela Igreja Católica, nos segmentos sociais menos favorecidos, encampados de um lado, pela Teologia da Libertação; e de outro, pelos “Movimentos Carismáticos”, que se embrenharam nas diversas lutas, reivindicações e manifestações sociais, visando libertar e conscientizar o “povo oprimido de Deus.”

No capítulo 3 foi analisado o surgimento das principais instituições, criadas sob a liderança política e religiosa de Padre Antônio, bem como o papel atribuído, nesse período, às lideranças locais, exercidas dentro ou fora das principais instituições existentes no município de São Domingos do Prata e, conseqüentemente, a atuação da comunidade no processo histórico, que coincide com a chegada e morte de Padre Antônio no município. Buscou-se também, analisar as principais campanhas políticas municipais ocorridas neste mesmo município, e que tiveram à frente das disputas Padre Antônio e diversos adversários, entre eles, pessoas da elite local, como médicos e proprietários rurais.

No capítulo 4, fez-se a discussão a respeito das diversas abordagens elaboradas sobre o “carisma” e de suas implicações sociológicas ou não, demonstrando suas influências no processo de legitimação da dominação e do poder. Procurou-se, ainda, analisar as práticas e os valores difundidos pela “elite de poder” que esteve à frente das principais decisões políticas do país, principalmente na primeira metade do século XX. Tais práticas foram, ao longo do século, sendo reproduzidas em todas as

regiões do Brasil, e estão presentes em muitos municípios do interior brasileiro. A revisão de literatura permitiu compreender o processo de liderança também como manifestação de dominação e controle.

No capítulo 5, são apresentadas as considerações finais acerca da atuação de liderança política e religiosa exercida por Padre Antônio, e de sua capacidade de mobilização social, relacionando os aspectos empíricos com os aspectos teóricos pertinentes aos desafios colocados para a população, no período, que vai de 1958 a 1998. Deste modo, os relatos e percepções dos atores sociais de diversos segmentos sociais do município de São Domingos do Prata foram indispensáveis na reconstituição histórica das ações políticas, religiosas e de liderança do Padre Antônio, o que permitiu compreender os principais acontecimentos que estavam por trás da trama política que se instituiu no município, nas campanhas políticas de 1982, 1988 e 1992.

1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO TEMA DE PESQUISA

As histórias das experiências de lideranças político-religiosas no Brasil sempre foram marcadas por alto índice de abrangência, devido principalmente ao fato de o Brasil ser o país de maior contingente católico do mundo, propiciando a emergência de lideranças nessas instâncias. Em toda a história do Brasil percebe-se o surgimento de lideranças com características político-religiosas e messiânicas. Mas, a partir do século XIX, pode-se observar maior propagação de manifestações de caráter messiânicos e religiosos, como foram os casos particulares de Antônio Conselheiro (Guerra de Canudos); Monge José Maria (Guerra do Contestado); Padre Cícero (Ceará) e Frei Damião (Pernambuco). Esses líderes religiosos mobilizaram e influenciaram vários segmentos de nossa sociedade, contudo suas ações foram mais bem aceitas no interior do Brasil, com as camadas populares menos favorecidas da sociedade.

Nesse sentido, as ações de caráter religioso³ tiveram, no Brasil, influências em vários segmentos da sociedade. Porém, tanto para BOFF (1981) quanto para IOKOI

³ A respeito dessas ações de caráter religioso pode-se perceber, atualmente, a sua presença em várias partes do país, como retrata LAVALLE, A. G. & CASTELLO, G., em seu trabalho intitulado “**As benesses deste mundo: associativismo religioso e inclusão socioeconômica**”. CEBRAP: Revista Novos Estudos, São Paulo, março/2004, pp-88-89. Este trabalho buscou compreender as atuais ações das Igrejas Evangélicas e Católica nas favelas de São Paulo.

(1996), na primeira metade dos anos de 1960, teve início no Brasil um conjunto de práticas religiosas desencadeadas por influência da Igreja Católica, que propunha maior aproximação com o *povo oprimido de Deus*, procurando conscientizá-lo de sua condição de oprimido, e a partir daí promovendo sua organização e autonomia. Foi à luz do ideal de libertação do “povo oprimido de Deus” que vários padres, religiosas e religiosos, ligados à Igreja católica “começaram a entrar no continente dos pobres, a assumir a sua cultura, a dar expressão às suas reclamações e a organizar práticas consideradas pelo *status quo* como subversivas.”⁴ Esta perspectiva religiosa vincula-se às Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) por meio da “Teologia da Libertação” que visava a organização dos cristãos. Além desses aspectos, o movimento da Teologia da Libertação propunha uma profunda reestruturação na hierarquia da Igreja Católica e maior autonomia aos padres e religiosos de paróquias.

No entanto, em algumas regiões do Brasil, as populações pobres e excluídas não sofreram interferência direta ou indireta da Teologia da Libertação, mas ainda assim, estiveram sob a influência de setores sociais, inclusive da Igreja Católica, que não alinhavam exatamente com os princípios propagados pela Teologia da Libertação, mas que se aproximavam, em termos de prática e de trabalhos pastorais. É nesse contexto que emerge, a partir de 1960 na cidade de São Domingos do Prata, Minas Gerais, os trabalhos religiosos e políticos, sob a orientação de Padre Antônio, pároco da cidade, que implementou um conjunto de ações assistencialistas, visando atender aos anseios e necessidades da população local menos favorecida.

Dessa forma, as ações religiosas e políticas organizadas por Padre Antônio em São Domingos do Prata, parecem confluir para uma prática bastante frequente no meio rural e em pequenos municípios, onde os setores sociais de maior prestígio econômico, social e político, exercem controle sobre as camadas menos esclarecidas da população e quase sempre, destituídas de direitos mínimos. As ações paternalistas, ou de cunho religioso ou não, estão presentes na história brasileira e apontam objetivos diferenciados. A Igreja Católica e outras, bem como fazendeiros e “coronéis” utilizaram e ainda utilizam destes mecanismos para assegurar prestígio social, econômico e político na sociedade, por meio do apoio das camadas sociais marginalizadas. Esta

⁴ BOFF, Leonardo. **Teologia da libertação: Igreja, carisma e poder**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1981, p-23.

forma de intervenção religiosa ou não, no Brasil, pode ser verificada, por exemplo, nos mandos e desmandos dos “coronéis” via controle, paternalismo, violência e doações, mantendo grupos de pessoas submetidos a leis e regras bastante rígidas. Assim, garantiam poder político, econômico e social, e a disponibilidade de uma enorme camada subserviente às suas ordens e poder.

Contrariamente às práticas de cunho paternalista, autoritário e repressivo, observadas nas ações dos “coronéis”, surge no interior da Igreja Católica um movimento de libertação a favor dos oprimidos e desprotegidos. A opção pelo “povo oprimido” ou pelos “pobres”, organizada pela facção progressista da Igreja Católica comprometida com a Teologia da Libertação fortaleceu-se com a formação das Comunidades Eclesiais de Base (CEB’s), que visavam organizar círculos de discussões bíblicas e manter reflexões a respeito dos problemas sociais, econômicos, políticos e culturais em que se encontravam. De acordo com SCHERER-WARREN (1996), a ala “progressista radical” da Igreja Católica, representada pelos bispos, padres e religiosos da Teologia da Libertação, concebia o povo oprimido e pobre sob dois sentidos: o *material* e o *espiritual*:

No sentido material, a Igreja deve trabalhar pela libertação das várias formas de opressão econômica (classe e exploração estrangeira), política (interna e externa), étnica, sexual, etária, etc. No sentido espiritual, objetiva libertar as pessoas da alienação, falsa consciência, falta de coragem e autodeterminação. Objetiva recuperar a perda da dignidade da pessoa humana e transformar os oprimidos em agentes de sua própria história, apoiados por sua fé em Deus⁵.

Portanto, além das intervenções realizadas pela Igreja Católica no interior das camadas menos favorecidas da sociedade brasileira, o Estado também utilizou de suas intervenções para expandir suas “idéias reformistas” junto à população marginalizada e excluída da sociedade. Algumas das idéias de reforma, propostas pela ala progressista da Igreja Católica coincidiam, em parte, com as *reformas de base* propostas pelo presidente João Goulart. SILVA (1998), ao analisar este período, enfatiza que essas medidas defendidas por João Goulart deixaram preocupados os conservadores e os partidos de direita que buscavam vincular a economia brasileira ao capital estrangeiro, principalmente o norte-americano. Em meio a essas turbulências políticas, veio o “golpe militar” de 1964. A partir de 1968, os movimentos de lutas sociais

⁵ SCHERER-WARREN, I., **Redes de movimentos sociais**. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1996, p-39.

e as ações populares da Igreja Católica foram duramente reprimidos e combatidos pelos militares sob a justificativa de manter a ordem e garantir a paz.

Os relatos históricos desse contexto sociopolítico, ocorridos no Brasil a partir da segunda metade do século XX, permitem afirmar que nem mesmo a repressão e a violência, que se instalaram no período do regime militar, conseguiram eliminar as reivindicações sociais que encontravam apoio no seio da Igreja Católica e dos partidos de esquerda, que se espalhavam por várias regiões do Brasil. Contudo, ressalta-se que, em meio a incertezas e crises que ocorriam em níveis mundial e nacional, diversos agentes, como por exemplos o Estado e a Igreja Católica, organizaram-se no interior da sociedade brasileira, com o objetivo de superar as mazelas sociais e resgatar a democracia. Sob pressão e visando reduzir os impactos das inúmeras manifestações e reivindicações que se avolumavam por todo o país, o Estado, representado pelos governantes militares, implementou uma série de medidas político-econômicas tentando controlar as constantes crises sociais.

Em meados da década de 70, o país entrou em uma nova fase de sua história, conhecida como “milagre brasileiro”, marcada, sobretudo, pelo processo de industrialização, pela modernização da agricultura e pelo crescimento econômico e urbano. Por pressão de setores sociais internos e externos, processou-se, no bojo da sociedade brasileira, o início da redemocratização, a partir da primeira metade da década de 80. Essas transformações refletiram as ações de diferentes agentes na sociedade, tais como o Estado, a Igreja Católica, as organizações sindicais, trabalhadores, empresários e partidos políticos.

1.2. O MUNICÍPIO DE SÃO DOMINGOS DO PRATA E SUA HISTÓRIA

O município de São Domingos do Prata está localizado na Zona Metalúrgica de Minas Gerais, cuja extensão territorial é de 791 quilômetros quadrados, o que o torna um dos maiores do Estado. Pela sua dimensão territorial, serve-se com vantagens de importantes mercados vizinhos, como o complexo siderúrgico e metalúrgico do “Vale do Aço”, Belo Horizonte, Vitória, entre outros, que concorrem para o seu desenvolvimento. Têm na criação de gado e lavoura suas principais atividades

econômicas. Situa-se a 577 metros de altitude e dista de Belo Horizonte 143,9 quilômetros.

De acordo com as análises históricas feitas por SANTIAGO (1995), em sua origem, o município de São Domingos do Prata, era coberto por densas florestas onde viviam índios botocudos, tem as origens de sua fundação ligadas à aventura de Domingos Marques Afonso. Esse personagem foi um dos primeiros a obter sesmarias na região. Embrenhou-se na mata, certa vez, para caçar, acabou se desorientando e ficou perdido, por vários dias, alimentando-se de frutos e raízes. Já sem esperanças de salvação, aguardando resignado a morte pelos índios ou alguma fera, invocou a proteção divina, prometendo a São Domingos de Gusmão doar um patrimônio, no local onde estava sua roça de milho. Essa roça ficava à margem do ribeirão, local hoje denominado “Lava-pés”, próximo ao centro da cidade. Em 1760, Domingos Marques Afonso e Antônio Alves Passos deram início à construção da capela dedicada a São Domingos de Gusmão, cuja imagem veio de Portugal. Em 1890, a vila de São Domingos do Prata elevou-se à categoria de município, tendo seu território desmembrado de Santa Bárbara.

São Domingos do Prata é limítrofe dos municípios de Antônio Dias, Nova Era, Bela Vista de Minas, Rio Piracicaba, Alvinópolis, Dom Silvério, Sem-Peixe, São José do Goiabal, Dionísio e Marliéria. Encontra-se em uma região próxima às grandes usinas siderúrgicas, como a USIMINAS, BELGO MINEIRA, ACESITA e COMPANHIA VALE DO RIO DOCE.⁶

O município tem grande parte da sua topografia acidentada, onde se estima, que 10% da área é plana, 30%, ondulada e 60%, acidentada. A utilização dessa área de 79.100 ha de terras é feita, segundo dados da EMATER-MG (2003/2004), aproximadamente, da seguinte forma:

⁶ Esses dados de São Domingos do Prata foram obtidos no site: www.ibge.gov.br (2000) e www.almg.gov.br/munmg (2004). Também foram utilizados dados disponibilizados pelo escritório local da EMATER – MG (2003/2004).

QUADRO 1.2.1: DISTRIBUIÇÃO DA ÁREA TOTAL DO MUNICÍPIO DE SÃO DOMINGOS DO PRATA - MG

Pastagens diversas	52.100 ha
Matas diversas	13.000 ha
Agricultura	10.000 ha
Áreas inaproveitáveis diversas	4.000 ha
Totalidade Territorial	79.100 ha

Fonte: EMATER – MG (2003/2004)

A estrutura fundiária do município é caracterizada pela predominância de pequenas propriedades rurais com áreas inferiores a 50 hectares que são, na maioria, exploradas para subsistência. O quadro 1.2.2., retrata a seguir, a distribuição fundiária existente atualmente no município:

QUADRO 1.2.2.: DISTRIBUIÇÃO FUNDIÁRIA DO MUNICÍPIO DE SÃO DOMINGOS DO PRATA – MG

Área (há)	Número de Propriedades	Área Ocupada (%)
Até 10	1.920	59
10 – 50	800	24
50 – 100	220	07
100 – 200	170	05
200 – 500	128	04
500 – 1000	32	01
Total	3.270	100

FONTE: IBGE, Censo de 2000 e escritório da EMATER – MG local (2003/2004).

De acordo com o Censo de 2000, feito pelo IBGE, a população do município de São Domingos do Prata é de, aproximadamente 17.411 habitantes, com concentração na zona rural, que representa 52,91% do total. Essa população se divide em cinco distritos, quarenta e quatro comunidades rurais e uma vila. A população urbana corresponde a 47,09% dos habitantes. Os quadros a seguir mostram a distribuição da população do município em termos de concentração rural e urbana e, posteriormente, a relação entre população ocupada por setores da economia local. A principal base da economia local assenta-se nas atividades de produção e transformação dos produtos de origem agropecuária. O município destaca-se na atividade de pecuária leiteira e na exploração de culturas diversificadas, como feijão,

arroz, milho, café, entre outros, além do comércio urbano que encontra-se em desenvolvimento.

1.3. A HISTÓRIA POLÍTICA DO MUNICÍPIO – 1958 a 1998

A história política do município de São Domingos do Prata, a partir da segunda metade do século passado, configurou-se pelo domínio de uma elite política local composta por fazendeiros, militares, profissionais liberais das áreas médica e judicial, principalmente, que obtinham apoio de religiosos e ricos empresários, garantindo, assim, a manutenção dos interesses políticos, sociais e econômicos, de uma minoria que se perpetuava no poder desde a criação do município, pelo Decreto Lei nº 23, em 01/03/1890, conforme observou SANTIAGO (1995). Nesse cenário político, eram comuns as denúncias de irregularidades tanto administrativa, quanto nas eleições, podendo ser ressaltadas as fraudes eleitorais, a compras de votos, “votos de cabresto”, clientelismo e nepotismo.

Em a esse contexto político, marcado por disputas eleitorais e alianças partidárias, tanto em nível nacional que vivenciava a experiência desenvolvimentista no governo de Juscelino Kubitscheck (1956-1961), quanto em nível local, que mantinha em funcionamento uma estrutura política secular, chega em São Domingos do Prata, em 1958, na condição de pároco, Antônio Sebastião Ferreira Barros. Nos primeiros anos de seu paroquiato, organizou uma série de trabalhos comunitários de caráter assistencialista, voltados à população local, aliando-se a vários segmentos sociais e instituições, inclusive a prefeitura, visando adquirir apoio e recursos financeiros e materiais.

Enquanto liderança religiosa, Padre Antônio atuou em todas as regiões do município, principalmente junto às comunidades rurais, realizando cursos, palestras, intermediando serviços técnicos via EMATER-MG e outros órgãos, encontros comunitários e incentivando as pessoas a atuarem de forma efetiva no contexto sócio-religioso do município.

Sua forte influência no meio popular permitiu, após abandonar o sacerdócio em 1977, constituir um grupo político coeso, com vistas a levá-lo a disputar o cargo de prefeito e a modificar a estrutura política tradicional que vigorava no município. Percebendo a ameaça que constituía a ascensão de Padre Antônio ao poder político local, as lideranças políticas do município organizaram um “acordo político” convencendo Padre Antônio a sair como candidato a vice-prefeito na chapa de João Braz Martins Perdigão. Esse “acordo político”, aceito por Padre Antônio e aliados políticos, previa a divisão do mandato político municipal (1983-1988) em duas fases, a primeira (1983 – 1985) ocuparia o cargo de prefeito o Sr. João Braz Martins Perdigão e na segunda fase (1986 – 1988) ficaria no cargo o Padre Antônio. Eleitos em 1982 e iniciando o mandato para um período de seis anos, esse “acordo político”, não obteve êxito. Quanto a esse processo, disse Padre Antônio em entrevista ao **Jornal Caminhando**, em agosto de 1985 que: “sempre quis fazer mais para São Domingos do Prata, então, eu resolvi ser prefeito e entrei na campanha de 1982. Eu fui impedido de ser prefeito, apesar de que havia um ‘contrato’, entre eu e João Brás, de divisão de mandato”. No mesmo sentido, outros moradores ressaltam o momento:

Padre Antônio não era político. O que ele via na política era a oportunidade de dar melhores condições de vida aos pobres. Era um homem humilde e exemplar, nunca quis nada pessoal. Eu penso que quando ele foi podado em administrar, eles não quiseram dividir o governo com ele. Acredito que o prefeito não quis dividir a prefeitura com ele, apesar de que o povo falava que havia um contrato entre eles de divisão de mandato para cada um, eu mesmo não vi este contrato. Houve um descompromisso por parte dos políticos. Mas tudo isso não tira de Padre Antônio o seu exemplo de fé, de religiosidade, e de conduta. [Sr. Bonsucesso, Empresário, 69 anos, 26/10/2004].

Assim, pode-se por meio desse testemunho mensurar o prestígio e o apoio comunitário que Padre Antônio tinha frente às camadas populares, pois para alguns mesmo depois de sua saída do sacerdócio, ele não perdeu o brilho de liderança que vinha carregando desde o tempo em que era padre, como poderá ser observado no trecho a seguir:

Ele era um líder político que ouvia, estava sempre presente nas comunidades, buscando uma administração participativa, sendo que seus trabalhos estavam sempre voltados para o desenvolvimento da comunidade. Para ele, o importante era todo mundo viver bem. Só para se saber como a liderança política de Padre Antônio era forte, ele foi colocado como vice-prefeito de João Brás, sendo que ele foi o responsável direto pela eleição de João Brás. Portanto, foi selado um “acordo político verbal” para se criar um rodízio de três anos entre eles, o que não foi cumprido, deixando Padre Antônio muito chateado. João Brás somente foi eleito pela ação de Padre Antônio, que visitou naquela época em torno de 4.500 casas, pedindo votos à comunidade. Na época do acordo, o prefeito era Dr. Antônio Roberto Lopes de Carvalho, que organizou o “acordo” chamando Padre Antônio para

ser vice, e o próprio Dr. Antônio Roberto em entrevista ao **Jornal Caminhando**, relatou o acordo firmado, lembrando que Padre Antônio somente foi convidado por ser naquela época a maior liderança política do município. Dr. Antônio Roberto afirmou ainda, que a única forma de ganhar a política daquela época era através de uma aliança política com Padre Antônio. O próprio prefeito João Brás, após a eleição de 1982 não deixou Padre Antônio atuar na prefeitura, sendo ele excluído de participar efetivamente, levando-o para o prédio Durval Mendes onde fica o almoxarifado da prefeitura, distante do gabinete do prefeito, eliminando sua participação. [Sr. Curador, profissional liberal, 53 anos, 26/10/2004].

Ao final de seu mandato político como vice-prefeito em 1988, Padre Antônio candidatou-se a prefeito, tendo o apoio dos deputados federais Paulino Cícero e José Santana de Vasconcelos sendo derrotado pelo então ex-prefeito Dr. Antônio Roberto Lopes de Carvalho que foi eleito para assumir o seu terceiro mandato (1971, 1977 e 1989). Em 1992, Padre Antônio voltou novamente a disputar uma eleição municipal, e novamente é derrotado pelo ex-prefeito, João Braz Martins Perdigão. A seguir, pode-se perceber depoimentos de políticos influentes da região, que apoiaram padre Antônio na campanha política de 1988:

E digo a vocês porque, deixa eu fazer um pouco de história, me permitam fazer um pouco de história, vamos fazer um retrospecto da história política de São Domingos do Prata. No princípio do século governou aqui por muitos anos em uma fecunda administração, o capitão Egídio Lima. E tem aí a família Lima e até o neto dele que é candidato a vereador, o meu querido amigo Giron, Geraldo Magela de Lima Drumond. Depois dele, em 1916 parece que..., Dr. Edelberto de Lélis Ferreira, também uma grande figura de nossa história e de nossa terra, governou São Domingos do Prata entre 1913 a 1936. Em 1936, pouco antes de eu nascer, meu pai assumiu, pela primeira vez, a prefeitura municipal de São Domingos do Prata e foi até 1941, quando assumiu a prefeitura o Sr. Nelson Lélis Ferreira, filho do Dr. Edelberto. E quando ele renunciou para voltar a seus negócios no Rio de Janeiro, assumiu o Sr. Neneco, Manoel Martins Gomes de Lima e tinha ali naquele lugar duas portas onde ficava a sua farmácia, onde está hoje a barbearia do Jarbas. O seu Neneco era genro do Dr. Edelberto. Três meses depois por um período curto, esse nosso querido e velho amigo de todas as horas, Chiquito Moraes, por três meses apenas, preparava depois da redemocratização, as novas eleições que chegaria. Em 1947, novamente eleito prefeito de São Domingos do Prata, quem? O meu pai, o Dr. Matheus. Depois, até 1950, houve um pequeno interstício em que governou o município o Sr. Célio de Castro de 1950 a 1954. E em 1954, novamente eleito prefeito de São Domingos do Prata, quem? O Dr. Matheus. Dr. Matheus tendo por vice eleito o saudoso e querido amigo Lúcio Monteiro de Oliveira, Pai do Malaquias, que está aqui do meu lado. Terminado o mandato em 1958, aí é a minha primeira vez, já é a nova geração. Eu chegando no lugar do meu pai. E aí veio o Walter Cota, veio o nosso querido amigo José Gomes. E em 1970, nós fizemos uma união municipal e colocamos o Dr. Antônio e depois trouxemos o Antônio Guido em 72 e depois veio de novo o Dr. Antônio por mais seis anos. E depois em 1982 veio João Braz. E agora chegou o momento em que o povo de São Domingos do Prata precisa quebrar essa estrutura. Estrutura de dominação política de que eu faço parte. De que eu faço parte. [Discurso do Deputado Federal Paulino Cícero em Campanha Política de Padre Antônio nas eleições municipais de 1988 – gravação de campanha política de 1988].

Nem mesmo o apoio de lideranças políticas consagradas no cenário local, estadual e federal, como os Deputados Federais Paulino Cícero e José Santana de Vasconcelos, foi suficiente para garantir a Padre Antônio seu primeiro mandato para

prefeito, na primeira eleição em que disputou, na condição de candidato a prefeito do município de São Domingos do Prata. Em meio às frustrações e decepções políticas, Padre Antônio continuou a exercer, com a população local, seus trabalhos comunitários. E quando tudo parecia confluir para sua eleição ao cargo de prefeito em 1996, inclusive com o apoio de adversários do passado, como o ex-prefeito Dr. Antônio Roberto Lopes de Carvalho, Padre Antônio sofreu derrame cerebral, o que o impossibilitou de disputar a eleição municipal. Com a saída de Padre Antônio do pleito eleitoral e em meio a alianças políticas firmadas, entrou na disputa eleitoral a chapa composta por Guido Mota, farmacêutico e candidato a prefeito, e Bibiana Maria da Assunção Barros, professora e esposa de Padre Antônio (Titoni), como candidata a vice- prefeita, sendo eleitos para o mandato de 1996 – 2000.

Depois de quarenta anos de uma dedicada vida à população e às instituições do município de São Domingos do Prata e de não ter se enquadrado no “jogo político” que instituiu-se nesse mesmo município, ao longo da segunda metade do século passado, Padre Antônio veio a falecer no ano de 1998, deixando inacabado o sonho de tornar-se prefeito do município, pois ele acreditava que, se como padre ele pôde fazer muito para as pessoas e para o município, na condição de prefeito, ele poderia fazer muito mais.

2. IGREJA CATÓLICA, TENDÊNCIAS POLÍTICAS E PRÁTICAS SOCIAIS

2.1 O PROBLEMA DE PESQUISA

Desse modo, após essa contextualização histórica, a configuração do problema de pesquisa delinea-se em torno das ações políticas que foram conduzidas pelo Padre Antônio na cidade de São Domingos do Prata e que contribuíram para tirar da marginalidade e exclusão social milhares de pessoas, membros da comunidade local.

O conjunto das ações de base religiosa e política que contaram com o dinamismo e influência de Padre Antônio, em um primeiro momento como liderança religiosa, e posteriormente, como liderança política, ao longo de 40 anos (1958-1998) em que esteve à frente das principais transformações políticas, religiosas, sociais e econômicas no município de São Domingos do Prata, apresentou características diversas que vão, desde ações eminentemente assistencialistas, até a constituição de instituições, como associações comunitárias, sindicato e cooperativas, com expressiva capacidade de organização e mobilidade social.

Essas ações comunitárias, bem como a organização das pessoas em associações, contribuíram para dinamizar as atividades elaboradas e desenvolvidas pelos pequenos produtores e demais pessoas envolvidas diretamente com a agricultura, que a exemplo da situação precária em que se encontrava o homem do campo em outras regiões do Brasil, não mediram esforços a fim de buscar melhorias para o seu meio. Sendo assim, o município de São Domingos do Prata e sua população eram influenciados, de uma forma ou outra, pelos acontecimentos vivenciados em âmbito nacional.

O contexto histórico brasileiro, a partir de meados do decênio de 1950, estava polarizado pelos antagonismos entre ideologias capitalistas e comunistas que, de certa forma, influenciaram diversos segmentos da sociedade brasileira, que ora se alinhavam aos ideais capitalistas de “livre comércio”, ora se alinhavam aos ideais comunistas de “coletivização dos meios de produção” (SILVA, 2001). Em meio a essa disputa, veio o golpe militar de 1964, e com ele o combate ferrenho aos ideais comunistas, com a justificativa de manter a ordem e garantir a paz social.

Em meio a essa realidade contraditória, emergiu no seio dos segmentos sociais desprotegidos e marginalizados da sociedade brasileira, a atuação da Igreja Católica e de seus membros. Dividida em facções antagônicas entre si, a Igreja Católica abrigava em seu interior, “tradicionalistas”, “conservadores”, “moderados” e “progressistas”, que disputavam espaço junto aos segmentos populares de um lado, e da elite dominante de outro, como observou MAINWARING (1985).

É nesse cenário de alianças e conflitos que surgiu, no interior da Igreja Católica, o movimento de libertação do povo oprimido de Deus, formado por religiosos e leigos, denominado “Teologia da Libertação”, como constatou LÖWY (1995). Desse modo, as transformações religiosas e políticas percebidas ao longo da história de São Domingos do Prata (1958-1998) permitem afirmar que os valores e ideais, difundidos por Padre Antônio, se alinhavam aos ideais da Teologia da Libertação, não em termos de concepções teóricas, mas principalmente, em suas inúmeras intervenções comunitárias em defesa das causas sociais, religiosas, econômicas e políticas do município.

Entretanto, uma reflexão sobre suas ações sugeriu a idéia de que sua condição de líder religioso e político propiciou o aglutinamento de pessoas ao seu redor, expressando, com isso, seu carisma. Porém, algumas questões a serem apresentadas a seguir, encontradas em documentos e nos relatos orais da população local, foram significativas para a compreensão das ações de Padre Antônio e permitiram a elaboração dos seguintes questionamentos: 1º) Que acontecimentos provocaram duas derrotas políticas consecutivas (1988 e 1992) de Padre Antônio com vistas em assumir o cargo de prefeito, depois de dedicar a maior parte de sua vida em prol da comunidade local?; 2º) Como a população interpretou a sua saída do sacerdócio e o seu rompimento com a Igreja Católica?; 3º) O fato do ex-pároco ter casado com uma mulher negra e pertencente às camadas populares, interferiu diretamente no seu desejo de se projetar na política institucional do município, assumindo o cargo de prefeito? 4º) Por que as ações multifacetadas que possibilitaram a aliança do pároco, não apenas com os excluídos e os marginalizados, mas com membros de outros segmentos sociais, como a classe média e parte da elite agrária local, não foram suficientes para promover o seu ingresso na carreira política institucional? E finalmente,

com todas as credenciais que Padre Antônio possuía junto à comunidade de São Domingos do Prata, com todo o seu carisma religioso e inúmeros trabalhos comunitários realizados, por que ele não conseguiu ser eleito prefeito?

Portanto, a sistematização dos fatos e relatos das pessoas que conviveram com Padre Antônio, possibilitou reconstruir a trajetória de suas ações em São Domingos do Prata, no período entre 1958 a 1998, e principalmente, nos permitiu compreender suas últimas ações como aspirante político ao cargo de prefeito, bem como seus ideais e suas frustrações. Foram identificados os motivos que levaram a população local a não legitimá-lo como seu representante político direto, depois dele ter se dedicado vários anos de sua vida em busca do desenvolvimento econômico e bem-estar da população do município.

2.2 BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

A dissertação estruturou-se a partir da revisão de autores que trataram sobre o assunto proposto nesta investigação, em relatos de memória das pessoas que conviveram com o pároco, ou que testemunharam, ou participaram das ações religiosas, comunitárias e políticas por ele organizadas, e em análise de documentos em poder das instituições e pessoas da cidade de São Domingos do Prata. Também foram utilizadas fontes secundárias sobre dados e informações específicas do município de São Domingos do Prata, junto ao IBGE, EMATER – MG e na Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais. Para o levantamento e coleta de informações foi utilizada, como técnica de pesquisa qualitativa, a entrevista semi-estruturada. As entrevistas semi-estruturadas foram realizadas com as pessoas do município de São Domingos do Prata que demonstraram interesse em falar sobre as ações de Padre Antônio.

Nesse sentido, a análise das ações políticas e religiosas, articuladas e orientadas por Padre Antônio, pároco da cidade de São Domingos do Prata, poderia fundamentar-se, apenas, em documentos escritos (jornais e documentos locais) ou nas inúmeras palestras, homilias e entrevistas por ele realizadas ao longo de sua trajetória, junto à população local. Deste modo, os pesquisadores, pessoas estranhas à

comunidade, fariam uma reconstrução histórica de dados e informações, sem precisar enfrentar o desafio de fazer repensar a figura em estudo, na memória da comunidade.

No entanto, esse tipo de procedimento iria, com certeza, omitir grande parte de suas ações no município, pois, não estando escrita ou de alguma forma registrada, encobrem práticas, sentimentos e, principalmente, a percepção da população em relação a esta pessoa que, durante quatro décadas, mobilizou milhares de pessoas, de vários segmentos sociais do município, no intuito de implementar um conjunto de ações políticas e religiosas que, segundo os entrevistados, culminavam quase sempre em transformações sociais e econômicas importantes para a população. Agindo assim, os pesquisadores estariam realizando, portanto, um relato de sua trajetória, enquanto liderança no município, muito incompleta. Por outro lado, a reconstrução das ações de Padre Antônio, junto à população local, somente foi possível recorrendo-se à “memória coletiva ou social” das pessoas que com ele conviveu, ou que de alguma forma foram por ele influenciadas.

Portanto, salienta-se que o papel da memória coletiva em determinada comunidade, pode revelar acontecimentos e fatos que expressem a origem das pessoas e o tipo de relacionamento social que se reproduz em um ambiente que é multifuncional, e que requer a reconstrução de datas e fatos para dar forma e vida à história das pessoas que vivem nessa mesma comunidade.

(...) se a memória coletiva não tivesse outra matéria senão séries de datas ou listas de fatos históricos, ela não desempenharia senão um papel bem secundário na fixação de nossas lembranças. Mas isto é uma concepção singularmente estreita, e que não corresponde à realidade. Foi-nos difícil, por essa razão, apresentá-la sob essa forma. Entretanto, era necessário porque está bem de acordo com uma tese geralmente aceita. Frequentemente, consideramos a memória como uma faculdade propriamente individual, isto é, que aparece numa consciência reduzida a seus próprios recursos, isolada dos outros, e capaz de evocar, quer por vontade, quer por oportunidade, os estados pelos quais ela passou antes. Como não é possível todavia contestar que reintegramos frequentemente nossas lembranças em um espaço e em um tempo (sobre cujas divisões nos entendemos com os outros), que nós as situamos também entre as datas que não têm sentido senão em relação aos grupos de que fazemos parte, admitimos que é assim. Porém é uma espécie de concessão mínima, que não poderia atingir, no espírito daqueles que a consentem, a especificidade da memória individual.⁷

É sob essa análise, que a utilização da memória coletiva possibilitou maior proximidade com os informantes, o que proporcionou a coleta de informações mais

⁷ HALBWACHS, M., **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos tribunais, 1990, p-67.

detalhadas, bem como favoreceu a percepção do pesquisador em relação ao comportamento e expressão manifestados pelos informantes durante as entrevistas.

2.2.1 PROCEDIMENTOS DE COLETA DAS INFORMAÇÕES

Como forma de desenvolvimento da pesquisa, a análise documental constituiu-se em uma fonte de informação importante, pois permitiu obter informações sobre a história e a atuação do pároco, enquanto liderança político-religiosa do município de São Domingos do Prata, principalmente em sua fase inicial, fundamentando muitas afirmações e relatos de testemunhas que com ele conviveram, ou que de alguma forma foram influenciadas por suas ações de trabalhos comunitários e pastorais.

Em relação às entrevistas semi-estruturadas, estas foram feitas com pessoas do município de São Domingos do Prata, familiares, amigos, políticos, adversários e demais envolvidos no processo de mobilização social e liderança do pároco. A entrevista semi-estruturada é um procedimento técnico que se desenvolve a partir de um roteiro básico de questões. A sua característica marcante, segundo TRIVINOS (1987), é a maior flexibilidade na sua condução, não existindo imposição de uma ordem rígida de questões. Essa flexibilidade cria uma atmosfera de interação, facilitando a fluidez das informações de forma espontânea e com maior riqueza de detalhes. Para tanto, foi utilizada, na seleção dos entrevistados, a representatividade qualitativa do grupo investigado, usualmente designada, como “amostra intencional.”⁸

Os relatos orais foram importantes, já que permitiram ao pesquisador reconstruir a história de vida político-religiosa de uma pessoa que não mais está viva, mas que de alguma maneira se mantém presente na memória coletiva da população local. Por meio das entrevistas, procurou-se “analisar que elementos simbólicos são construídos pela população, e que se apresentam, muitas vezes, como o avesso

⁸ SILVA (1995) citando THIOLENT (1986) afirma que a amostra intencional se refere a “um pequeno grupo de pessoas que são escolhidas intencionalmente em função da relevância que elas apresentam em relação a um determinado assunto”.

daquilo que lhe é imposto cotidianamente, à medida que essa população convive, tolera, assimila, reproduz”⁹ a sua própria história e a história de seus atores sociais.

Sendo assim, a elaboração e aplicação das entrevistas foi o início do longo caminho percorrido pelo pesquisador, já que os relatos orais dos entrevistados remetem ao exercício de atenção, imparcialidade e desenvoltura, para não se deixar perder em meio à complexidade de informações. De acordo com FERREIRA (1994) “o uso de entrevistas orais como fonte de informação para pesquisas já era procedimento, até certo ponto corrente entre cientistas sociais, mas não havia a preocupação de, a partir da relação depoente e pesquisador, mediada por um gravador, produzir documentos.”¹⁰ Desse modo, procurou-se, por meio das entrevistas, compreender a trajetória política de Padre Antônio, da população local envolvida e de suas ações em termos de processo de intervenção na realidade da organização comunitária e dos propósitos alcançados no meio da população local, a partir das entrevistas.

O clima amigável e de gentilezas por parte das pessoas entrevistadas favoreceu o desenvolvimento da entrevista, pois, os entrevistados tiveram a liberdade de colocar suas opiniões, sendo que quando havia necessidade de interromper as entrevistas para acrescentar ou explicar melhor as perguntas por parte do entrevistador, tal procedimento foi adotado, o que proporcionou uma relação de cordialidade entre ambos os envolvidos nas entrevistas. Um outro ponto marcante no processo de entrevistas, foi que, a partir do momento em que as entrevistas foram transcritas pelo pesquisador, elas foram devolvidas para os entrevistados, que leram e fizeram acréscimos ou reformularam seus depoimentos, sendo posteriormente, já em fase final, devolvidas ao pesquisador.

2.2.2 ESTUDO EXPLORATÓRIO

No sentido de conhecer o município de São Domingos do Prata e sua população foi feita, inicialmente, via pesquisa exploratória, a identificação de pessoas que conviveram com Padre Antônio, ou que de alguma forma foram por ele influenciadas. Além disso, nesta fase, buscou-se também, dados secundários sobre o

⁹ MONTENEGRO, A. T., **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 1992, p-13.

¹⁰ FERREIRA, M. de M., **História oral e multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Diadorim Editora, 1994, p-9.

município, como a localização; distribuição da população, estrutura fundiária, produção agrícola e industrial, divisão sexual da população, entre outros, facilitando a inserção do pesquisador no interior da comunidade investigada.

Assim, o estudo exploratório permite vislumbrar os múltiplos aspectos existentes em lugares específicos onde se fará determinadas pesquisas e possibilitará a descoberta de elementos fundamentais, constituindo o ponto inicial para o desenvolvimento do trabalho almejado.

A fase exploratória consiste em descobrir o campo de pesquisa, os interessados e suas expectativas e estabelecer um primeiro levantamento (ou “diagnóstico”) da situação, dos problemas prioritários e de eventuais ações. Nesta fase também aparecem muitos problemas práticos que são relacionados com a constituição da equipe de pesquisadores e com a “cobertura” institucional e financeira que será dada à pesquisa.¹¹

Dessa forma, o estudo exploratório ou fase exploratória teve seu início com a apresentação, por parte do pesquisador, de um esboço do projeto de pesquisa a ser desenvolvido naquele município. Assim, as pessoas contatadas sugeriram que fosse realizado um levantamento sobre os lugares onde Padre Antônio atou em parceria com a comunidade local. Agindo assim, conseguiu-se entrar em contato com produtores rurais, religiosos, dirigentes de instituições, familiares, políticos, comerciantes, adversários políticos e amigos, por meio de reuniões e conversas informais, tomar conhecimento prévio da complexidade de fatores que teria de ser desvendados, a fim de estruturar melhor o trabalho de campo, o que somente foi possível mediante estudo exploratório, considerado um importante recurso no processo de identificação, coleta de dados e mapeamento do município e de seus habitantes:

Os estudos exploratórios são valiosos na pesquisa científica social. Eles são essenciais quando um pesquisador está rompendo um novo fundamento, quase sempre eles podem produzir novos discernimentos à pesquisa. Os estudos exploratórios são também uma fonte de princípios teóricos..¹²

Para BABBIE (1983), os estudos exploratórios englobam três objetivos indispensáveis a serem utilizados na condução da pesquisa, constituindo a “espinha dorsal” para o desenvolvimento da metodologia de pesquisa adotada. Os estudos exploratórios são feitos mais tipicamente por três objetivos: 1º) Simplesmente para satisfazer a curiosidade do pesquisador e o desejo por um melhor entendimento; 2º)

¹¹ THIOLLENT, M., **Metodologia da pesquisa-ação**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 1992, p-48.

¹² BABBIE, E., **The practice of social research**. Belmont, California: Third Edition, wadsworth publishing company, 1983, p-67.

Testar a praticabilidade de entendimento de um estudo mais cuidadoso; e 3º) Desenvolver os métodos a serem empregados num estudo mais detalhado.

A partir de então, na fase exploratória, foram apresentados diversos comentários, críticas e depoimentos “apaixonantes” sobre a atuação de Padre Antônio no município, por parte da população que com ele conviveu, ou que de alguma forma foi por ele influenciada. Falaram sobre a sua primeira experiência como “jovem pároco” e, conseqüentemente, de seus inúmeros feitos em benefício do desenvolvimento da cidade. Os relatos, em alguns momentos, foram marcados por euforia e emoção, em outros, por desconfianças e cautelas. Mas, apesar dos consensos e dissensos, todas as pessoas, inclusive adversários políticos, previamente contatadas foram unânimes em afirmar que Padre Antônio deixou um grande legado de benfeitorias para o município e, principalmente, para a população menos favorecida.

Entretanto, a partir de então, o desenvolvimento da pesquisa concentrou-se em compreender as especificidades da atuação de liderança e capacidade de mobilização social e política, atribuída ao Padre Antônio. Na tentativa de elucidar tal fenômeno, utilizou-se de categorias analíticas como intervenção tutorial ou participativa, tipos de dominação, valores e princípios morais, carisma, dentre outros, como forma de compreender as ações de Padre Antônio sob a luz de tais conceitos.

A identificação dessas categorias suscitou questões que serviram de fio condutor para a fase posterior do estudo, sobressaindo as seguintes: Quais as razões que fundamentam o exercício de liderança de Padre Antônio? Quais os argumentos utilizados por Padre Antônio para mobilizar milhares de pessoas em torno de objetivos comuns, contribuindo para a criação de associações, cooperativas, sindicatos e centros comunitários? Isso chama a atenção, principalmente, pelo fato de o Brasil ser tradicionalmente um país com baixa capacidade de associativismo, como observou MOTTA (1997).

Assim sendo, este estudo procurou reconstruir, por meio da memória coletiva, o cenário de atuação do Padre Antônio, no município de São Domingos do Prata, no período entre 1958 e 1998, bem como recuperar informações sobre a atuação de Padre Antônio enquanto liderança político-religiosa, em quatro décadas que esteve à frente dos principais acontecimentos e transformações no município.

2.2.3 DIMENSÕES DA MEMÓRIA COLETIVA OU SOCIAL

A expressão “memória coletiva ou social” foi utilizada por HALBWACHS (1990) como meio de entender a história, não recorrendo simplesmente aos relatos escritos, acontecimentos e datas, mas principalmente, pela reconstrução dos fatos históricos via relatos dos próprios atores sociais, que vivenciaram tais fatos e que fazem uso de suas lembranças para descrevê-los. Atualmente, a memória individual ou coletiva tornou-se uma fonte de informação, não só para historiadores, mas para diversos pesquisadores das áreas das ciências humanas e sociais. Esse método de investigação por meio da reconstrução da memória coletiva permitiu recorrer ao passado por meio das lembranças e relatos de vida, vivenciado pelos próprios atores sociais em um momento específico da história vivida. Dessa forma, a memória coletiva pode ser entendida como “uma fonte de estruturação e de orientação da cultura. A memória sobrevive não apenas das tradições e dos costumes, mas ela também é a manifestação de um *subconsciente social*.”¹³

Para D’ALÉSSIO (1992), a memória permite compreender os momentos de “ruptura” ou “descontinuidade” da história, favorecendo, neste caso, a recomposição entre o passado e o presente, sendo considerada uma estratégia de sobrevivência emocional. Neste momento, a memória passa a acrescentar à história um caráter de contemporaneidade, ou seja, o passado se torna presente, porque ele é lembrado por atores sociais que, de uma forma ou outra, o testemunharam. De acordo com HALBWACHS (1990), não se deve confundir a *memória* com a *história escrita*. Este autor utiliza a expressão “memória coletiva ou social” para evidenciar seu caráter pessoal, presença física e emocional presente no portador da memória. Já a história escrita, ela é impessoal e, na maioria das vezes, o grupo ou sociedade que a vivenciou não existe mais. Mas, no caso da memória coletiva ou social, ela necessita das lembranças vivas do grupo ou da sociedade para coexistir com os acontecimentos e fatos do passado: “A memória é história viva e vivida, e permanece no tempo,

¹³ GOHN, M. da G., **Educação não-formal e cultura política**: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. 2. ed., São Paulo: Cortez, 2001, p-30.

renovando-se. A história viva é, assim, o lugar de permanência e nela o desaparecimento das criações grupais é apenas uma aparência”.¹⁴

A partir da definição do conceito de *memória coletiva ou social* e tendo em vista a natureza do problema de pesquisa, adotou-se, neste estudo, a *abordagem interpretativa*, a qual tem como foco de análise o significado que os atores sociais atribuem às ações que desenvolveram e que requerem uma volta ao passado, por meio de suas lembranças. Segundo HALBWACHS (1990), existem duas maneiras de organizar as lembranças, sendo uma mais relacionada com as experiências individuais, vividas, interpretadas e sentidas distintamente pelos indivíduos ou um grupo mais restrito de indivíduos; e uma lembrança mais geral, composta pelos fatos históricos de toda uma sociedade e nos quais os indivíduos atuaram em maior ou menor intensidade, ou nem mesmo viveram, mas que, mesmo assim, não podem ser dissociadas das suas histórias de vida. BOSI (1995) afirma que “a matéria – o que se lembra – estaria condicionada basicamente pelo interesse social que o fato lembrado tem para o sujeito”¹⁵. Ainda segundo a autora, grupos que viveram intensamente situações – nesse caso, os grupos comunitários, religiosos, familiares e políticos influenciados pelo Padre, por meio de suas homilias, discursos e trabalho – tendem a criar “verdadeiros universos de significado” e que “seriam a base para uma forma histórica própria.”¹⁶

Enfim, as testemunhas que “viveram” os fatos nos diversos contextos históricos e sociais, e somente elas, poderão trazer à tona a sua própria versão dos acontecimentos, reconstruindo desta maneira, a história do grupo social da época: “Não esqueçamos que a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais”.¹⁷ Através da utilização da *memória coletiva*, pretendeu-se identificar e analisar os fatos que ficaram retidos na história e na memória da população de São Domingos do Prata, sobre a experiência das ações políticas lideradas por Padre Antônio, e das quais fizeram parte.

¹⁴ D’ALESSIO, M. M., **Memória: leituras de M. Halbwachs e P. Nora**. Memória, História, Historiografia – Revista Brasileira de História 25/26. São Paulo: Editora Marco Zero & ANPUH, Set/1992 a Ago/1993, p-98.

¹⁵ BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p-65.

¹⁶ Idem, 1995, p-65.

¹⁷ BOSI, E. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p-20.

A trajetória de vida de Padre Antônio está, por sua vez, fundamentalmente relacionada à reconstituição de suas ações políticas. Nesse sentido, suas ações confundem-se com a sua própria história de vida. Portanto, com as entrevistas feitas com as testemunhas de sua trajetória, buscou-se aprofundar cada vez mais na história de vida do Padre Antônio, utilizando para isto, não só os relatos orais das pessoas, mas também, a revisão de documentos e obras produzidas pela população local. Assim, pode-se caracterizar dois níveis da vida do sujeito entrevistado, como DENZIN (1984) identificou o “ôntico” e o “ontológico”, ou a “superfície” e a “profundidade”. Em relação ao “nível ôntico”, do cotidiano, as pessoas se perdem em seus feitos e práticas. Já no “nível ontológico”, verifica-se a autoconsciência moral, que define o verdadeiro ser da pessoa como uma pessoa no mundo. Dessa forma, deve-se ter sempre em mente que “as afirmações do informante representam meramente sua percepção, filtrada e modificada por suas reações cognitivas e emocionais, e relatadas através de sua capacidade pessoal de verbalização”.¹⁸ É importante salientar que os relatos orais não prescindem da teoria que informa o objeto a ser reconstituído, e que a “história de vida reduz a distância entre as dimensões objetivas e subjetivas de análise social, superando o vazio sempre existente entre afirmações teóricas gerais e os dados empíricos que parcialmente as sustentam.”¹⁹

Sendo assim, a pesquisa delimitou-se ao período histórico que se inicia no ano de 1958 e se estendeu até o ano de 1998, quando se constatou, respectivamente, nestas datas, a chegada e morte de Padre Antônio no município de São Domingos do Prata. Sendo assim, o uso da memória coletiva ou social para resgatar as informações, pareceu bastante promissor para se alcançar os objetivos almejados nesta pesquisa. Portanto, compreender o que ficou na memória coletiva da população local e o que foi esquecido poderá servir de base para estudos e experiências de trabalhos comunitários, em um momento futuro.

¹⁸ HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis, Vozes, 1992, pp-76-77.

¹⁹ CAMARGO, Aspásia. Os usos da história oral e da história de vida: trabalho com elites políticas. Dados - **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, 27(1): 1984, p-17.

2.2.4 HISTÓRIA ORAL E RELATOS DE CAMPO

Considerada por HAGUETTE (1992) uma *metodologia qualitativa* em franco uso nas ciências sociais e humanas, e que vem ganhando um certo “olhar diferenciado” de outras áreas do conhecimento científico, a *história oral* tem conquistado um papel importante enquanto técnica de orientação metodológica de pesquisa. O seu papel complementar

à documentação histórica, a dados agregados, etc. que permitem a reconstituição de um fato único situa-se a história oral, apta a fornecer subsídios dentro dos limites da dimensão contemporânea, vez que se baseia em depoimentos gravados de atores sociais que recorrem à sua experiência e memória para recompor fatos acontecidos no âmbito de sua temporalidade.²⁰

Essa mesma autora observa, ainda, que a história oral constitui-se como todo relato gravado e preservado que tenha por base a oralidade. Não é uma acumulação simples de dados, pelo contrário, é uma técnica que visa revelar os significados para a compreensão da sociedade. A história oral nos permite considerar múltiplos aspectos da história que não estão registrados em documentos. As informações são obtidas por intermédio de entrevistas orientadas e de explicações de fatos e acontecimentos, ou sobre experiências vivenciadas. Ela não visa tão somente obter informações sobre um passado distante, mas, também pode ser usada para o estudo de fatos e acontecimentos recentes.

De acordo com THOMPSON (1992) a história oral é tão antiga quanto à própria história, “ela foi a primeira espécie de história.”²¹ A história oral pode ser utilizada em diferentes contextos, juntamente com outras fontes, possibilitando a construção de uma memória mais democrática do passado. Entretanto, de acordo com JANOTTI e ROSA (1992):

no Brasil, como em muitos outros países, memórias e depoimentos orais como objetos da historiografia são relativamente recentes. É possível afirmar que só após a 2ª guerra mundial surgem estudos nesse sentido, com o intuito de oporem-se ao domínio da história positivista, baseada em documentação escrita.²²

²⁰ HAGUETTE, T. M. F., **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 3ª ed., p-65, 1992.

²¹ THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Trad. de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e terra, p-45, 1992.

²² JANOTTI, M. L. M., & ROSA, Z. P., **História oral: uma utopia?** Memória, História, Historiografia – Revista Brasileira de História 25/26. São Paulo: Editora Marco Zero & ANPUH, Set/1992 a Ago/1993, p-07.

Tal afirmação não exclui o uso da história oral em pesquisas científicas, tampouco nega a sua eficácia, mas demonstra a pouca preferência que ela obteve antes de 1945, e hoje percebemos uma boa aceitação dessa técnica nos meios acadêmicos e em instituições de pesquisas, espalhadas por todo o país:

Esse rápido lançar de olhos pelas vicissitudes da história através do tempo apresentou as mudanças consideradas mais importantes em seu desenvolvimento, distinguindo-se hoje diversas escolas, sendo as principais: a que na França é denominada história experimental, e que inclui algumas subdivisões: a história quantitativa, estudando o passado através de grandes séries de documentos; e finalmente, a história oral, voltada também para o presente e interessada em compor um grande acervo, com a utilização da moderna tecnologia, que conservava dados pouco encontrados na documentação do passado”.²³

Essa perspectiva, revelada pela história oral, permite afirmar que sua inserção em termos de instrumento de pesquisa, possibilita a construção mais pormenorizada dos fatos do passado, guardados na memória da testemunha, possibilitando o levantamento de informações, de forma falada e direta pelos próprios personagens da história vivida. Para MONTENEGRO (1992):

quando um fato público ou a história oficial teve um registro nas lembranças da população (principalmente dos velhos), houve uma associação entre o acontecimento ou fato histórico narrado e suas vidas. É sempre ou quase sempre em decorrência dessa interferência que as marcas da memória se constituem.²⁴

No entanto, o emprego da história oral como fonte de coleta de dados requer determinados procedimentos, devido ao seu amplo campo de atuação nas diversas áreas do conhecimento científico, principalmente nas ciências sociais e humanas. Porém, é preciso ressaltar que a história oral “está preocupada com o que é relevante e significativa para a compreensão da sociedade e não na acumulação anárquica de supostas peças de evidência que não acrescentem nada aos dados já existentes”.²⁵

Portanto, a história oral constituiu o caminho para se chegar mais perto da experiência vivida pelos atores sociais envolvidos na pesquisa. Desta maneira, essa técnica de coleta de dados e informações, que possibilitou entender o fenômeno da experiência de liderança político-religiosa desenvolvida no município de São Domingos do Prata ao longo de quarenta anos (1958 – 1998), e que teve como principal

²³ QUEIROZ, M. I. P. de, **História, história oral e arquivos na visão de uma socióloga**. História oral. Org. de Marieta de Moraes. Rio de Janeiro: Diadorim editora, 1994, pp-101-116.

²⁴ MONTENEGRO, A. T., **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 1992, p-74.

²⁵ HAGUETTE, T. M. F., **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 3ª ed., 1992, p-93.

articulador das ações de caráter religioso e político, Padre Antônio, que, por meio do exercício de sua liderança, conseguiu influenciar diversos segmentos da comunidade local no processo de mobilização social e organização de instituições locais, em um período marcado por atividades comunitárias que concorriam para o desenvolvimento econômico e social, além da “promoção integral do ser humano”,²⁶ neste mesmo município.

Entretanto, cabe salientar que a instituição Igreja Católica, através de seus representantes locais, obteve êxito na maioria de suas ações pastorais e conseguiu, a partir da segunda metade do século passado elaborar e implementar uma série de obras de cunho assistencialista e, posteriormente, de promoção humana no seio da comunidade local.

2.3 BASES TEÓRICO-SOCIOLÓGICAS

A partir de 1950, a Igreja católica envolveu-se, com maior intensidade, nas lutas sociais desencadeadas pelos setores mais pobres da sociedade brasileira, como em toda a América Latina. Para IOKOI (1996), a partir dos anos de 1950, as constantes intervenções da Igreja no meio social contribuíram para a organização das pessoas em movimentos de reivindicações, sindicatos de trabalhadores rurais e urbanos, associações de bairro, cooperativas e pastorais, que se espalharam por todo o Brasil. Como elementos de mobilização social, no período da ditadura militar (1964-1985), essas ações foram significativas no processo de intensificações das manifestações políticas que culminaram com a redemocratização do país a partir de 1986.

Esse extenso período de mobilização e reivindicações sociais encampadas pela Igreja Católica, como relata LAVALLE & CASTELLO (2004), foi decisivo no desenvolvimento da história política e social do Brasil, pois, em muitas situações convergiram em formas de “associativismo religioso”, que, além de buscar a inclusão socioeconômica do indivíduo na sociedade, tornou-se campo fértil para o surgimento de

²⁶ Por “promoção integral do ser humano”, Padre Antônio entendia todos os aspectos religiosos, políticos, culturais, educacionais e sociais que viessem trazer dignidade ao ser humano e autonomia no exercício de suas habilidades.

lideranças religiosas, que se projetaram social e politicamente nas instâncias municipais, estaduais e nacional:

Se o cultivo do engajamento em entidades civis e de base religiosa traz benefícios marginais positivos para os membros das comunidades quanto à sua inserção no mercado de trabalho, a opção de participar das atividades sociais de igrejas não é nada desprezível como opção estratégica para aqueles sobre os quais paira a ameaça de desemprego, em especial os que se encontram efetivamente desempregados.²⁷

Dessa maneira, além de buscar acolhimento espiritual, ao se associar em movimentos religiosos, o crente busca conforto e proteção dos líderes religiosos e da Igreja para superar suas dificuldades e problemas, pois, em ambientes como este, encontram “força” necessária para sair da condição de “marginalizados” para a condição de “eleitos de Deus”. Constrói-se ainda, no fervor da religiosidade, uma nova cultura que busca despolitizar os problemas sociais, gerando formas associativas de reivindicações e de reflexão em relação à situação social vigente:

Uma nova cultura política, de base local, passou a surgir a partir de experiências advindas da base, tanto do ponto de vista espacial, onde o município ganha proeminência, como a partir da pirâmide social, onde os setores populares carentes e outros segmentos sociais empenhados na construção de uma democracia radical fundada em valores éticos, de equidade e justiça social, organizaram-se em redes associativas. Estas redes constituíram-se como comunidades políticas e passaram a ter direito a ter direitos. Com sentido distinto das comunidades sociais anteriores, as novas comunidades políticas estão exigindo também novas categorias teóricas para dar conta deste novo fenômeno associativo, que redefine o próprio conceito de comunidade e faz das redes comunicacionais o seu modo e estilo de atuar. As novas comunidades políticas unem o agir societário, próprio da modernidade, ao agir comunitário, próprio das comunidades baseadas nas relações diretas, face a face, onde a subjetividade tem grande importância no desenrolar das relações sociais.²⁸

Partindo desse ponto de vista, uma outra forma de intervenção da Igreja Católica na sociedade com vistas à criação de “redes associativas”, foi o aparecimento de “movimentos carismáticos” em meados da década de 1970 no Brasil, conhecido atualmente como “Renovação Carismática Católica”. Esse movimento nasceu no interior da Igreja Católica, por leigos e religiosos, com a intenção de trazer “vigor e vida” aos leigos que necessitavam de aprofundar a sua espiritualidade. Objetivava uma renovação nos rituais tradicionais católicos, por meio da experiência íntima com o “espírito santo de Deus”, introduzindo cantos, louvores, testemunhos de fé e partilha, tendo a bíblia como referência religiosa, e mais recentemente, como inspiração política.

²⁷ LAVALLE, A. G. & CASTELLO, G., **As benesses deste mundo: associativismo religioso e inclusão sócio econômica**. CEBRAP: Revista novos estudos, São Paulo, Março/2004, pp-88-89.

²⁸ GOHN, M. G., **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. 2. ed., São Paulo: Cortez, 2001, p-85.

O “carisma” renovador desse movimento no seio da Igreja Católica é constantemente inspirado nos evangelhos e nas cartas do apóstolo Paulo e, quase sempre é assimilado aos dons, revelações e talentos que organizam e direcionam as vidas dos indivíduos na igreja e na sociedade:

Ora os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. E também há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos. A manifestação do espírito é concedida a cada um, visando a um fim proveitoso. Porque a um é dada, mediante o Espírito, a palavra de sabedoria; e a outro, segundo o mesmo Espírito, a palavra do conhecimento; a outro, no mesmo Espírito, fé; e a outro, no mesmo Espírito, dons de curar; a outro, operações de milagres; a outro, profecia; a outro, discernimento de espíritos; a um, variedade de línguas; e a outro, capacidade para interpretá-las. Mas um só e o mesmo Espírito realiza todas estas cousas, distribuindo-as, como lhe apraz, a cada um, individualmente.²⁹

Desse modo, os carismáticos constituíam verdadeiros vínculos de aliança e fidelidade entre si, permitindo aos líderes se projetarem na política local ou regional, de forma a conduzir seus interesses e reivindicações sob a orientação dos ensinamentos bíblicos.

Hoje em dia, são milhões de “carismáticos” espalhados por todo o Brasil, e que através da criação de secretarias denominadas “Fé e Ação Política”, conseguem mobilizar e conscientizar seus participantes, objetivando promover politicamente algumas de suas lideranças, que assumem nas instâncias municipal, estadual e nacional, cargos políticos institucionalizados, visando atuar como “porta-vozes do reino de Deus” nas principais decisões políticas de nossa sociedade. Entretanto, “o cotidiano carismático é feito de manifestações dos mais diferentes tipos, tais como os grupos de oração, as orações comunitárias, as reuniões de louvor, os seminários de vida no Espírito Santo, as missas, os cursos de doutrina cristã e de carismas, as conferências e pregações,³⁰ que são considerados elementos que constituem a identidade da Renovação Carismática Católica.

Por outra via, conforme observou BOFF (1981), a Teologia da Libertação permitiu maior aproximação dos religiosos que ficavam presos às suas “moradas eclesiais” com o povo necessitado e desprotegido na sociedade. É nessa aproximação, que tem início a formação das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) com o objetivo

²⁹ **Bíblia Sagrada**, (1COR 12, 4-11).

³⁰ MIRANDA, Júlia. **Carisma, sociedade e política: novas linguagens do religioso e do político**. Rio de Janeiro: Relume Dumará – núcleo de antropologia da política, 1999, p-39.

principal, em suas ações pastorais, de mobilizar e conscientizar as camadas populares de sua condição de opressão e marginalização, tendo como referência os ensinamentos evangélicos que prevê que todos são iguais perante Deus e que é necessário agir mutuamente para que todos entrem no Reino dos Céus.

Porque pela graça que me foi dada, digo a cada um dentre vós que não pense de si mesmo, além do que convém, antes, pense com moderação segundo a medida da fé que Deus repartiu a cada um. Porque, assim como num só corpo temos muitos membros, mas nem todos os membros têm a mesma função; assim também nós, conquanto muitos, somos um só corpo em Cristo e membros uns dos outros, tendo, porém, diferentes dons segundo a graça que nos foi dada: se profecia, seja segundo a proporção da fé; se mistério, dediquemo-nos ao ministério; ou o que ensina, esmere-se no fazê-lo; ou o que exorta, faça-o com dedicação; o que contribui, com liberalidade; o que preside, com diligência; quem exerce misericórdia com alegria.³¹

O ponto de partida das reflexões nos chamados “círculos bíblicos”, organizados pelas CEB's, é a inspiração na “palavra de Deus” para vencer a situação de desumana pobreza em que se encontram milhões e milhões de brasileiros, condicionados a um salário de miséria ou sua ausência, do aumento do desemprego e falta de perspectivas futuras, do agravamento de problemas nas áreas de saúde, educação, moradia e alimentação, inseridos em uma estrutura social, econômica e política que não tende a ser uma etapa transitória, mas é fruto de um estado de pobreza gerado pelas desigualdades raciais e pela má distribuição de renda e oportunidades. É essa análise estrutural da sociedade brasileira que permite aos membros da Teologia da Libertação, refletir com o povo oprimido o seu papel na sociedade:

A fé cristã não se consome nem se exaure totalmente em sua dimensão de compromisso e de libertação. Ela possui seu momento de celebração daquela libertação que Deus em Jesus Cristo realizou por nós; celebrou-se a sua presença entre nós pela palavra e pelos sacramentos e todos se confortam com as promessas que ele nos deixou. Nas comunidades eclesiais de base encontramos muito desenvolvida a dimensão da celebração. As proporções de sua miséria e a gravidade de suas lutas não conseguem tirar o sentido da festa, que é o lugar onde o povo respira e se sente livre e feliz. (...) o povo não se rege tanto pela lógica do inconsciente e do simbólico. Ela é tão digna quanto a outra expressão da fé. Foi através desta religiosidade popular que Deus visitou os seus pobres. Foi mediante suas rezas, seus santos, suas festas à Virgem e aos vários mistérios de Cristo que o povo pôde resistir a tantos séculos de opressão político-econômica da marginalização eclesial. Foi no interior de sua religiosidade que ele pôde refazer o sentido da vida, manter viva a fé e alimentar a confiança numa sociedade que lhe negava direito, dignidade e participação. Tudo isto está levando a Igreja a reinterpretar sua tradicional prática pastoral de pouco apreço às manifestações do povo. (...) é nesses momentos que a fé ganha sua melhor expressão. Um povo que sabe celebrar é um povo resgatável; nem está oprimido nele; é um povo em marcha para a libertação.³²

³¹ **Bíblia Sagrada**, (ROM 12, 3-8).

³² BOFF, L., **Teologia da libertação: Igreja, carisma e poder**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1981, p-202.

As ações religiosas, coordenadas tanto pela Renovação Carismática Católica, quanto pelo Movimento da Teologia da Libertação, apesar de suas especificidades, foram significativas no processo de conscientização e mobilização social, com vistas à constituição de grupos, comissões pastorais, comitês de fé e política, e conseqüentemente, na criação de comunidades que se associavam com o objetivo de viver uma vida na cooperação, solidariedade e espiritualidade.

Portanto, são movimentos que surgem entre o secular e o sagrado, explicitando na sua configuração a co-presença das duas dimensões constitutivas da humanidade, numa polaridade tensa e desafiadora. De um lado, o *boom*, neste começo de Era, de elementos sagrados e mágicos: rituais xamânicos e iniciáticos, práticas mágicas, utilização de objetos dotados de poderes (cristais, pirâmides), comunicação com entidades espirituais (transe, *channeling*), contatos com seres extraterrestres, crença em seres mágicos (espíritos, anjos, fadas, gnomos, duendes), “batismos no espírito”, glossolalia, exorcismos, curas espirituais por imposição de mãos. Por outro lado, estão presentes também nesses novos movimentos sólidas linhas de continuidade com o projeto moderno, como a centralidade do individualismo com todo o seu corolário: escolha pessoal, livre arbítrio, primado do *self*, autoconhecimento e intimismo.³³

Fruto dessa mesclagem entre o “secular” e o “sagrado”, a Teologia da Libertação conquistou espaço, enquanto movimento religioso, no interior das comunidades carentes, onde a “falsa consciência” da realidade envolvente, muitas vezes presente no imaginário social como algo mágico, imutável e inatingível, tem sido colocada em xeque pelos teólogos e leigos da libertação, que buscam conscientizar os oprimidos de sua condição de oprimido e tem contribuído significativamente para desmistificar certos “mitos sociais”. Para BOFF (1981), o papel do teólogo junto ao povo deverá ser um papel de “educador” no sentido de conduzir “o povo oprimido de Deus” ao esclarecimento sobre seus próprios problemas, às possíveis medidas que deverão ser tomadas coletivamente em prol de solucionar esses problemas e, posteriormente, levá-los ao processo de conscientização e de luta em benefício de seus direitos, visando à autonomia e à independência. Dessa forma, fica claro que o papel da Teologia da Libertação não se restringe apenas ao campo da oração e de uma pastoral voltada para dentro da Igreja, mas procura romper barreiras em direção à equivalência de direitos e justiça social:

Basta olharmos à nossa volta para confirmarmos a verdade do grito dos bispos latino-americanos reunidos em Puebla (1979): Do coração dos vários países que formam a América Latina está subindo ao céu um clamor cada vez mais impressionante; é o grito de um povo que sofre e que reclama justiça,

³³ CAMURÇA, M. A., **Secularização e reencantamento: a emergência dos novos movimentos religiosos**. BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais. Nº 41. São Paulo: ANPOCS, 1996, pp-55-56.

liberdade e respeito pelos direitos fundamentais dos homens e dos povos... O clamor é crescente, impetuoso e, nalguns casos, ameaçador... A situação é de injustiça... Clama-se por justiça, denuncia-se a injustiça social e estrutural. Por detrás destes brados proféticos esconde-se o drama, no caso brasileiro de 75% da população que vive em situação de marginalidade relativa; de 43% da população condenada a sobreviver apenas com um salário mínimo.³⁴

A preocupação revelada pelos teólogos e leigos da Teologia da Libertação, em relação ao contexto social da América Latina de modo geral, e do Brasil especificamente, retrata um horizonte sombrio, frente a um sistema político-econômico que se tem por vias cada vez mais excludentes, pois a lógica de mercado contemporânea visa apenas a maximização do lucro e o consumo em grande escala. As injustiças e as desigualdades sociais, cada vez mais crescentes, não têm merecido o apoio necessário das grandes instituições e órgãos governamentais. Dessa forma, os grupos organizados da sociedade, como, por exemplo, aqueles organizados pela Teologia da Libertação e setores progressistas da Igreja, têm atuado com certo dinamismo, frente aos problemas sociais e econômicos da grande *massa* de desprotegidos e marginalizados.

Nesse sentido, as formas de associativismo e de voluntarismo organizadas pela Igreja Católica possibilitam maior reflexão das condições sociais, econômicas, políticas e culturais, oferecendo, na união entre as pessoas, a cooperação necessária para pensar, analisar e agir frente aos problemas encontrados no dia-a-dia e vivenciados por milhões de brasileiros e brasileiras. Porém, as mudanças tendem a ocorrer em maior ou menor abrangência, a partir do momento em que os grupos sociais conscientizados encontrarem as condições necessárias para garantir seus direitos mínimos a melhores condições de vida. Para além das intervenções de entidades religiosas e não governamentais no meio social, torna-se necessário que o Estado, representado pelos poderes municipais, estaduais e federal, possam elaborar e implementar políticas públicas que visem diminuir as desigualdades e injustiças sociais.

Entretanto, as mudanças necessárias não ocorrem de uma hora para outra, pois é imprescindível a realização de políticas públicas que tendem a resgatar a cidadania e canalizar efetivamente os recursos em segmentos sociais que requerem maior emergência, além de maior conscientização e mobilização por parte dos mais

³⁴ BOFF, L., **Teologia da libertação: Igreja, carisma e poder**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1981, p-39.

variados segmentos sociais existentes na sociedade brasileira. Enquanto essas políticas não são efetivadas, é comum na sociedade brasileira, a prática de ações que vão desde o simples ato de assistencialismo à relação de trocas entre as pessoas, comumente conhecidas como “troca de favores” o que quase sempre acarreta vínculos de clientelismo e patronagem. São valores que surgem na ausência do Estado ou na ineficiência de políticas públicas implementadas no meio social. Tais valores ou ações aproximam-se da trilogia “dar, receber e retribuir”, que é uma das características marcantes da *dádiva* em nossa sociedade, o que será apresentada na seção a seguir.

2.3.1 A DÁDIVA NO CONTEXTO POLÍTICO-RELIGIOSO

As práticas sociais das primeiras sociedades, bem como das modernas sociedades, colocam continuamente situações reais e irreais no cotidiano das pessoas, permeadas por relações de troca.

Sendo assim, a *dádiva* traduz-se em fazer alguma coisa a outrem que lhe traga algum tipo de benefício ou simplesmente, alguém que é movido a realizar um ato que terá, em contrapartida, vantagens pessoais. Poderá ainda, ser entendida dentro de um universo de relações que encerre algum tipo de interesse ou equivalência aos envolvidos em um sistema de troca ou negociação. Por outro lado, a dádiva ou sua contradição, denominada contra-dádiva, poderá ser entendida apenas como uma “forma de fingir, de simular gratuidade e desinteresse onde predominam, como em toda parte, apenas o interesse e a equivalência. A segunda reação é feita de constrangimento ou desconfiança,”³⁵ sendo impensável tanto em um caso quanto em outro, que qualquer ato dessa natureza, ligado ao exercício da dádiva poderá ocorrer em razão da ingenuidade total de uma pessoa. Essa aparência multifacetada da dádiva é devida aos seus aspectos de inconstância e de alta capacidade de mudança que ela apresenta ao longo de sua propagação ou aceitação.

³⁵ GODBOUT, J. **O espírito da dádiva**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1999, p-13.

Por detrás da idéia de dádiva, encontra-se a idéia de reciprocidade. Ambas possuem algo muito em comum, pois, desenvolvem-se pelo caminho da trilogia que consiste em “dar, receber e retribuir.”³⁶ A pessoa que consegue mentalizar e, posteriormente, colocar em prática esses três elementos encontrados nas relações sociais, contribuem para efetivar um papel de “trocas” ou “doações” às demais pessoas, ora marcado por atos desinteressados,³⁷ ora por uma contraprestação que requer do beneficiado um vínculo de reciprocidade, conseqüentemente, a sua fidelidade e manutenção das relações entre o praticante e o recebedor da dádiva. Enquanto relação social, a dádiva requer a reciprocidade dos atos celebrados entre as pessoas, porque é impensável conceber, nos dias de hoje, a dádiva como um ato puro de gratuidade.

No Brasil, a prática de trabalhos assistenciais, voluntários e mutirões feitos, principalmente, por instituições religiosas, perfaz um caminho de doação e “amor desinteressado ao próximo”. Esse ato de querer ajudar ou presentear alguém por algum favor prestado, ou até mesmo pelo interesse de que no futuro poderia obter maior retorno, tem chamado a atenção por sua abrangência e aceitação nos meios sociais e políticos.

Nas diversas Igrejas existentes no Brasil, em especial na Igreja Católica, o papel da dádiva encontra uma importância muito grande, no que se refere à conscientização e mobilização dos fiéis em detrimento de ajudar aqueles que mais necessitam. O simbolismo, celebrado por meio da dádiva, expresso na relação dar, receber e retribuir possibilita maior união entre as pessoas que, acreditam que agindo dessa forma, receberão muito mais, talvez não em termos materiais, mas espiritual:

³⁶ Para GODBOUT, “a distinção entre dar e retribuir é analítica. Porque quem retribui, na verdade, está dando também. Não se retribui uma dádiva como se restitui troco ou um empréstimo. Dá-se, mas quando se verifica que já recebeu, o termo ‘retribuir’ designa esse aspecto do gesto. Portanto, trata-se certamente de um sistema de dádiva, a reciprocidade designando o fato de que, nesse sistema, quando há equivalência, ela não é mercantil. Ela obedece a outras regras. Ela se situa numa história entre pessoas. O gesto não se explica nem pelo status, nem pelo poder, nem pelo mercado, mas pela história da relação, pelo seu passado.” (Idem, 1999, pp-116-117)

³⁷ A ironia demonstrada por BOURDIEU (1996: 146-147) quando afirma que não existe *ato desinteressado* é a de que “os agentes que lutam por objetivos definidos podem estar possuídos por esses objetivos. Podem estar prontos a morrer por esses objetivos, independentemente de qualquer consideração em relação aos lucros específicos, lucrativos, da carreira ou outros. Sua relação com o objetivo que lhes interessa não é de modo nenhum o cálculo consciente de utilidade que lhe oferece o utilitarismo, filosofia que preferimos atribuir às ações dos outros. Eles têm o sentido do jogo; nos jogos nos quais, por exemplo, é preciso mostrar *desinteresse* para ter êxito, eles podem realizar, de maneira espontaneamente desinteressada, ações que estejam de acordo com seus interesses.”

Pois a dádiva serve, antes de mais nada, para estabelecer relações. E uma relação sem esperança de retorno – por parte daquele a quem damos ou de outra pessoa que o venha a substituir –, uma relação de sentido único, gratuita nesse sentido e sem motivo, não seria uma relação. Além ou aquém dos momentos abstratos do egoísmo e do altruísmo, da antítese fixada entre um momento considerado real do interesse material calculado e um momento considerado ideal porém inacessível do desinteresse radical, é preciso pensar a dádiva não como uma série de atos unilaterais e descontínuos, mas como relação. Mais ainda que o capital segundo Marx, a dádiva não é uma coisa, mas uma relação social. Ela é mesmo a relação social por excelência, relação mais temível do que seria desejável.³⁸

Essa reciprocidade, que possui aspectos multifacetados em qualquer tipo de relação entre pessoas, acarreta aos envolvidos um sentimento de pertença ao grupo ou traz apenas a consciência do dever cumprido, sem necessariamente promover qualquer vínculo com a pessoa presenteada ou ajudada.

Dessa forma, percebe-se que o dinamismo social constitui a base necessária para a incorporação de crenças, valores, normas, práticas e leis que orientam a conduta dos indivíduos na sociedade. “É preciso ver o que há de organizado nos segmentos sociais, e como a organização interna desses segmentos entre si, constitui a vida geral da sociedade.”³⁹ Diante desse interesse em compreender o sistema de dom, contrato e troca existentes na sociedade, MAUSS (1981) direciona seus estudos para as sociedades remotas. Esse mesmo autor observou que, nas sociedades mais tradicionais ou em grupos tribais, as relações sociais desenvolvem-se por meio de um sistema contratual de trocas e doações que se propaga através dos laços de amizade, fidelidade, consideração, parentesco, obediência e reconhecimento em relação à pessoa ou grupo a que se está ligado. São trocas, diferentemente da concepção de troca mercantil visando lucro, ou presentes que estão relacionados diretamente à idéia de dádiva:

A idéia que pouco a pouco se nos impôs é que a dádiva é tão moderna e contemporânea quanto característica das sociedades primitivas; que ela não se refere unicamente a momentos isolados e descontínuos da existência social, mas à sua totalidade. Ainda hoje, nada pode se iniciar ou empreender, crescer e funcionar se não for alimentado pela dádiva. Começando pelo começo, ou seja, pela própria vida, pelo menos ainda por enquanto nem comprada nem conquistada, mas realmente dada, e dada geralmente no seio de uma família, legítima ou ilegítima.⁴⁰

Para LANNA (1995), as modalidades da dádiva encontradas na sociedade brasileira, percorrem dois caminhos distintos, que ora mantêm a trajetória em busca do comando e do cálculo do mercado via interesses e necessidades individuais; ora

³⁸ Ibidem, 1999, p-16.

³⁹ MAUSS, M., **Ensaio de sociologia**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981, p-341.

⁴⁰ GODBOUT, J. **O espírito da dádiva**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1999, p-20.

encontra-se inserida nas relações interpessoais que têm no altruísmo sua base de inspiração.

No primeiro caso, existe toda uma estrutura de relações controlada pelas leis e regras do mercado, por meio de trocas comerciais que visam à racionalidade explícita do lucro. No segundo caso, prevalecem as relações de trocas de presentes ou oferecimento de oferendas a seres sobrenaturais, como os santos, praticados entre parentes, companheiros e amigos, onde essas trocas são legitimadas pela fidelidade que requer, em contrapartida, a reciprocidade nessas relações, mantendo assim a coesão do grupo ou da comunidade a qual se pertence. Tanto em uma, quanto em outra modalidade, o sentimento da dádiva encontra-se presente. Esse mesmo autor evidencia essas relações de formas variadas, como as encontradas no interior do Brasil:

O fato de a oferta de trabalho feita pelos senhores ser considerada uma dádiva deve ser entendido no contexto de uma situação de controle da posse da terra por poucos e da existência de uma força de trabalho extremamente numerosa. Tradicionalmente, o trabalho para um engenho poderia se dar de duas formas básicas diferentes: por meio da “condição” ou do “foro”. No primeiro caso, o morador assumia como condição da oferta de moradia trabalhar dois dias da semana sem qualquer remuneração monetária. Essa seria a sua forma de manifestar reconhecimento pelo direito à casa. Esse direito era, então, concebido como uma prestação do proprietário que deveria ser retribuída com trabalho.⁴¹

Em muitos casos atuais, essas trocas, concessões e doações se dão em forma de presentes, pois presentear o outro ao qual se tem algum vínculo de reconhecimento ou admiração, proporciona maior aproximação entre uma pessoa e outra, ou entre um grupo e outro, garantindo, por tradição, um costume que nos é herdado por várias gerações. Conseqüentemente, em muitas situações, torna-se um valor imprescindível para as pessoas que crêem ou praticam essas atividades de troca de presentes na sociedade em que vivem.

Por outro lado, atos dessa natureza, ligados ao sistema de dom, contrato de compromissos e troca, têm acarretado alianças que visam apenas à manutenção de valores tradicionais na sociedade, como à troca de favores, mandonismo e clientelismo. Tais valores tradicionais constituem a base da estrutura de poder sócio-política de

⁴¹ LANNA, M. P. D. **A dívida divina: troca e patronagem no nordeste brasileiro**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1995, p-67.

muitas instituições e sociedades, acarretando na maioria das vezes o controle via dominação e exploração.

Com isso, o que se pretende é mostrar como funciona a sociedade brasileira e suas instituições, tendo em vista categorias analíticas como a dádiva, troca de favores e relações de poder e compromissos que transitam, desde a posição ou cargo que requer a mais alta pessoalidade, até as mais complexas estruturas burocráticas impessoais encontradas no cotidiano e em muitas das instituições brasileiras. Atuando dessa forma, este estudo localizado em determinado espaço de tempo e lugar torna-se revelador de expressões como o “jeitinho brasileiro” e chavões do tipo “Você sabe com quem está falando?,” o que configura na maioria das vezes relações sociais personificadas, que por meio de práticas do cotidiano, sobressaem quase sempre aos aparatos legais instituídos na sociedade brasileira, principalmente no interior do país e em localidades com baixo índice de instrução educacional e política.

2.3.3 TRADIÇÃO, CULTURA E PRÁTICAS DO COTIDIANO BRASILEIRO

No sistema sócio-político brasileiro, encontramos diversidades culturais do Oiapoque ao Chuí, mas encontramos também elementos comuns que constituem a “identidade brasileira.”⁴² Sendo assim, DA MATTA (1990) trás à tona uma valiosa discussão a respeito da prática do “Você Sabe com Quem Está Falando?,” expressão essa que configura as relações de poder e dominação em nossa sociedade. Essa prática, encontrada em todos os rincões do Brasil é reveladora do lado hierárquico da sociedade brasileira e, é considerado um trunfo de “nosso formalismo – o Caxias, e da nossa maneira velada – e até hipócrita, de demonstração dos mais violentos preconceitos.”⁴³ Essa expressão é ainda a negação do jeitinho, da cordialidade e da malandragem, traços marcantes da sociedade brasileira.

⁴² Para FREITAS (2002: 40) “a identidade é um resultado, um estado psicossocial que pode variar no tempo, ou seja, não é fixa e depende de seu ponto de definição, pois pode dizer respeito ao indivíduo, ao grupo e à sociedade em geral”.

⁴³ DA MATTA, R., **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1990, p-147.

Ao analisar as relações sociais em nosso cotidiano, DA MATTA (1990) observou que essa expressão nos mostra a constituição de uma verdadeira legislação de modos e costumes hierarquizados. A utilização dessa expressão em nosso cotidiano, ocorre, geralmente, quando a posição social é ameaçada ou quando se quer fazê-la conhecida. É patente encontrar nas relações sociais, o uso da expressão por pessoas situadas nas mesmas camadas populares da sociedade brasileira, tomando a projeção social do seu chefe ou patrão: “Você sabe com quem está falando? Eu sou o secretário particular do juiz da cidade!” Essa atitude frente aos demais cidadãos, demonstra uma verdadeira gradação de posições ou de conquista dos espaços sociais, o que significa que, quanto mais alta a posição social, mais impacto ela projeta com o uso dessa expressão. Portanto, para DA MATTA (1990), o uso dessa expressão “não é exclusivo de uma categoria, grupo, classe ou segmento social”, o que “possibilita uma hierarquização contínua e múltipla de todas as posições no sistema.”⁴⁴ Entretanto, essa prática, dada as suas circunstâncias e peculiaridades, têm encontrado uma certa dificuldade no meio social brasileiro de se formarem *identidades horizontais* entre as pessoas de mesma posição ou camada social, pois é “muito mais fácil a identificação com o superior do que com o igual.”⁴⁵

Diferentemente ao “Você Sabe com Quem Está Falando?”, mas muitas vezes semelhante em aspectos que objetivam romper as barreiras legais instituídas que regulamentam as relações sociais, encontramos fortes evidências do uso freqüente no cotidiano brasileiro do chamado “jeitinho brasileiro”, onde as relações sociais se dão através das trocas de favores, favorecimento, mandonismo e proteção, como observou MOTTA (1997). Essa expressão faz parte do dia a dia de muitas práticas políticas e institucionais na sociedade brasileira, principalmente no interior do país. Neste caso, é necessário que o provável beneficiado tenha um vínculo ou contato prévio com o intermediário, ou seja, com aquele que o tende a proporcionar certos benefícios ou uma “pequena ajuda”. Nota-se que, neste caso, há uma ruptura das normas legais institucionalizadas que além de ferir os princípios democráticos em nossa sociedade, conseqüentemente, poderá se observar o crescimento das desigualdades e injustiças

⁴⁴ Idem, 1990, p-155.

⁴⁵ Ibidem, 1990, p-158.

sociais no que se refere ao tratamento e direitos igualitários que deveriam ser comuns a todos os cidadãos brasileiros como previsto na Constituição Federal.

No entanto, é neste momento que se configura as disparidades de posições ou status entre as pessoas e o aprofundamento das desigualdades sociais fruto muitas vezes da injusta distribuição de renda e de oportunidades. A partir desse cenário de antagonismos entre os diversos segmentos sociais, pode-se observar conflitos e manifestações de insatisfação ou reivindicação, por parte daqueles que são excluídos ou impedidos de participar do processo de reconhecimento social e político em termos de igualdade de direitos e oportunidades.

É, portanto, neste sistema de dominação onde o conflito aberto é evitado que encontramos, dentro mesmo da relação entre superior e inferior, a idéia de consideração como um valor fundamental. Dentro desse quadro, o conflito não pode ser visto como um sintoma de crise no sistema, mas como uma revolta que deve e precisa ser reprimida. Enquanto crise, o esforço seria para modificar toda a teia de relações implicadas na estrutura, mas, como revolta, o conflito é pessoalmente circunscrito, e assim resolvido.⁴⁶

Os conflitos sociais advindos das relações de prestígios e abuso de poder, concedidos a determinado grupo ou indivíduo, tende a gerar manifestações sociais exigindo o cumprimento e aplicação das leis, e a legitimidade da igualdade de todos perante a Constituição Federal. Constata-se, através deste episódio, que apenas os casos que extrapolam ou que são considerados abusivos, possuem um combate mais acirrado por aqueles que buscam devolver ao meio social o equilíbrio e a manutenção da ordem e justiça social. Em contrapartida, as práticas consideradas “menos graves”, como por exemplo, o favorecimento de uns em detrimento de outros, o protecionismo em instituições públicas, a indicação de cargos institucionalizados, dentre outros, são considerados comuns e são vistos como parte da normalidade das relações na sociedade brasileira, mesmo que essas práticas venham de uma forma ou outra deturpar os procedimentos legais estatuídos.

Nesse cenário de perspectivas e incertezas, as instituições possuem papel preponderante no que se refere à mobilização, conscientização e organização das pessoas em um espaço que tende a propiciar a elaboração de ações coletivas com objetivos específicos a serem atingidos, mas sem favorecimentos e práticas ilícitas. Por

⁴⁶ Ibidem, 1990, p-149.

outro lado o cenário sócio-político encontrado em muitas das localidades espalhadas pelo Brasil afora, traz evidências de um jogo de relações de poder e dominação que configuram práticas cotidianas que fogem à realidade pré-estabelecida em vários capítulos e artigos prescritos na Constituição Federal do Brasil. São elementos que ganharam força de lei e legitimidade, principalmente nos municípios do interior e em localidades que possuem a maior parcela populacional com baixa renda e reduzido grau de instrução.

A partir de então, os atores sociais são submetidos a princípios, valores e práticas, que apesar de sua ilegitimidade perante o aparato legal brasileiro institucionalizado, são vistos como parte de uma realidade que é multifuncional e na maioria das vezes concorrem para políticas de caráter clientelista e de cunho patronal. Esses elementos analíticos, discutidos anteriormente, foram encontrados com maior ou menor abrangência no contexto sócio-político no município de São Domingos do Prata, no período que se inicia em 1958 e termina em 1998, sendo este recorte histórico intencional, pois representa o período de maior atuação do padre. Por outro lado, esse cenário sócio-político permite trazer à tona elementos e práticas como o “jeitinho brasileiro” e chavões como “Você sabe com quem está falando?” que fomentaram, durante quatro décadas analisadas, as ações comunitárias, o jogo político e as relações de dominação e poder local, como será demonstrado no capítulo seguinte por meio de evidências documentais e testemunhos encontrados em poder da população local.

3. POLÍTICA, RELIGIÃO E TRABALHO COMUNITÁRIO EM SÃO DOMINGOS DO PRATA

As instituições são necessárias para legitimar e dar dinamismo às relações sociais e grupais, de um modo geral, e da nossa própria vida, em particular, como é o caso da instituição família. Elas têm enorme importância e sem elas, seria impensável a existência das sociedades remotas e atuais. Desde as instituições mais simples, como uma pequena empresa comercial ou clube de amigos, até as mais complexas como as multinacionais, as grandes cooperativas e associações, passando pela Igreja Católica e o Estado, percebe-se que elas são indispensáveis no processo de organização, viabilização do convívio social e burocratização das relações humanas, encontradas nas sociedades.

Entretanto, é nas instituições, de modo geral, que se observa a propagação de princípios e valores, muitas vezes chamados de “tradicionais”, produzidos nos ambientes externo e interno à instituição que, de certa forma, possuem fundamental importância no processo de coesão institucional ou social. É nelas que são produzidos e reproduzidos os valores culturais, fruto das relações entre pessoas em um mesmo ambiente.

Tendo como base as discussões feitas anteriormente, o que se procurará demonstrar a seguir é como as instituições localizadas no município de São Domingos do Prata foram fundamentais no processo de fortalecimento, mobilização e organização de trabalhos comunitários desenvolvidos junto à população local. Simultaneamente buscou-se entender o papel da instituição no processo de reivindicação e autonomia econômico-financeira.

3.1 SÃO DOMINGOS DO PRATA – MG E ALGUMAS DE SUAS INSTITUIÇÕES

A história de São Domingos do Prata, durante quatro décadas (1958 – 1998), período que coincide, respectivamente, com a chegada e morte de Padre Antônio nesse município, foi marcada por uma série de intervenções, as quais constituíram o “Movimento Associativista Rural de São Domingos do Prata” (MARSDP), como

identificou PEREIRA (1991) e a formação do “Complexo Institucional de São Domingos do Prata”, como observou SILVA (1995).

A instituição que exerceu maior influência na constituição e desenvolvimento desse movimento associativista e do complexo institucional foi a Igreja Católica, personificada nas ações de Padre Antônio. Ele encampou um conjunto de ações de caráter político e religioso, no sentido de superar a condição de marginalidade econômica e social dos pequenos produtores e trabalhadores rurais do município, além de atuar com outros segmentos da sociedade local. Ao longo desse período histórico, destaca-se o seu papel exercido à frente do MARSDP (Movimento Associativista Rural de São Domingos do Prata) em suas várias fases, tanto como liderança religiosa, membro da Igreja católica, quanto política, exercendo cargos de direção e mandato político na condição de vice-prefeito (1983-1988), nas principais instituições que ajudou a criar ou participou.

A personalidade dinâmica de Padre Antônio, aliada aos ideais progressistas advindos da “Ala Progressista” da Igreja católica e à sua capacidade pessoal de influência e articulação, levou-o a mobilizar diversas entidades e instituições para atuar no município, na busca de apoio e sustentação político-financeira ao seu projeto de desenvolvimento comunitário.

Suas intervenções, aliadas aos mais variados segmentos sociais do município, culminaram com a concretização de amplo aparato institucional, tendo como público, principalmente pequenos produtores e trabalhadores rurais. Essas instituições foram surgindo, no município, a partir de 1958, com a chegada de Padre Antônio. Em 1960, foram fundadas, pelo pároco e pelas irmãs dominicanas, as Obras Sociais São Domingos de Gusmão (O.S.S.D.G.), atraindo a presença da Legião Brasileira de Assistência (LBA), por meio das “Damas de Caridade”, com objetivo de prestar assistência às pessoas carentes e marginalizadas. Em 1965, a paróquia de São Domingos do Prata desmembrou-se da Diocese de Mariana, passando a pertencer à recém criada Diocese de Itabira. Dessa forma, novas orientações foram dadas à Igreja local e, em 1972, foi fundada a “Feira do Produtor” vinculada às Obras Sociais São Domingos de Gusmão, no intuito de promover o desenvolvimento do meio urbano-rural. Sendo assim, nessa época, várias foram as instituições que participaram no processo

de criação das instituições locais, como a Fundação Inter-Americana (FIA); Fundação João Pinheiro (FJP); Legião Brasileira de Assistência (LBA), Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (EMATER – MG) e a Superintendência de Desenvolvimento do Cooperativismo (SUDECOOP). O apoio dessas instituições culminavam quase sempre em algum benefício para a população local, como foi o caso da constituição da “Feira do Produtor” que objetivava retirar da marginalidade e exclusão social, pequenos produtores rurais pauperizados.



Foto: Vista do local onde funciona, atualmente a Feira do Produtor em São Domingos do Prata. Fotógrafo: Edson Arlindo Silva (28/10/2004).

Com o desenvolvimento e crescimento da “Feira do Produtor” e a articulação das lideranças locais no intuito de retirar da informalidade a “Feira do Produtor” e de criar uma instituição que viabilizasse o desenvolvimento de atividades agrícolas de altos retornos, ela foi transformada, em 1978, em Cooperativa Regional Agroindustrial de São Domingos do Prata (CORPRATA):

Em consequência de seus trabalhos junto aos pequenos produtores rurais surge a “Feira do Produtor” como departamento das Obras Sociais São Domingos de Gusmão (O. S. S. D. G). A princípio uma em São Domingos do Prata e outra em João Monlevade. Em 5 anos a “Feira do Produtor” era uma realidade nas cidades de Nova Era, Bela Vista de Minas, Vila Tanque, Carneirinho, Itabira, Rio

Piracicaba, Alvinópolis e Dom Silvério. Com 7 anos de trabalho o mercado consumidor mostrou os limites da “Feira do Produtor” como organização informal incapaz de comercializar produtos para instituições como hospitais, hotéis, cantinas, etc., por não fornecer documentos hábeis para escrita fiscal. Nasce a partir dessa constatação a CORPRATA (Cooperativa Regional Agroindustrial do Prata) como organização apta a enfrentar as exigências do mercado legal. (Dona Juventude, Professora, 57 anos, 09/10/2004).

Assim, acompanhando a trajetória de criação de instituições no município teve início, nesta mesma década, a formação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Domingos do Prata vinculado, a princípio, com os produtores e trabalhadores rurais pertencentes à “Feira do Produtor”, que buscavam ideologicamente desvincular-se das estruturas de dominação e poder local, procurando constituir um sindicato independente, combativo e atuante na defesa dos direitos do trabalhador rural, mas que, na prática, não passou de um sindicalismo que vivia sob a tutela do Estado e que canalizava suas ações para o cumprimento da legislação trabalhista, não se caracterizando, portanto, como um sindicato de manifestações, paralisações, greves, protestos e lutas trabalhistas (SILVA, 1995).



Foto: Vista frontal da atual sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Domingos do Prata. Fotógrafo: Edson Arlindo Silva (27/10/2004).

Nessa mesma época, Padre Antônio preocupou-se com as necessidades básicas da população local iniciando juntamente com a comunidade, atividades de caráter assistencial, como campanhas de instalação de filtros nas casas, assistência odontológica, realização de exames médicos periódicos, dentre outros, através do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Domingos do Prata. A partir desses trabalhos assistencialistas e sob influência da ala progressista da Igreja Católica, Padre Antônio mudou a sua percepção e disse “não” ao assistencialismo e “sim” ao desenvolvimento integral do ser humano por meio da promoção social. Assim, teve início o movimento de capacitação dos pequenos produtores rurais e conseqüentemente, a ampliação de suas atividades organizadas em associações e cooperativas.

Entre 1983 a 1988, na gestão do então ex-pároco como vice-prefeito do município, foram criadas, nas comunidades rurais, as Associações Comunitárias de Desenvolvimento (ACD's) com o objetivo de diagnosticar os principais problemas do meio rural e estabelecer uma forma organizada de atender às necessidades da população local. Essas associações estão ligadas ao Conselho de Desenvolvimento Comunitário (CDC), o qual reúne os presidentes das associações eleitos pela comunidade. As associações são sustentadas financeiramente pela Legião Brasileira de Assistência (LBA) por intermédio de pequenos projetos como cursos profissionalizantes (costura, bordado, técnicas de plantio, eletricitista, dentre outros) e a criação de hortas comunitárias em casas e escolas da região, além de reformas de casas e construções de creches.

Essa iniciativa, como é o caso da construção de creches no meio rural, considerada uma idéia inovadora para a época, foi, segundo aqueles que testemunharam tais trabalhos, significativa pois permitiram às mulheres dos pequenos produtores e trabalhadores rurais atuarem diretamente com seus maridos e companheiros nas tarefas de capina, preparação da terra, adubação, plantio e colheita. Por outro lado, antes das construções das creches, as crianças eram levadas para o ambiente de trabalho de seus pais e ali ficavam o dia todo ora ajudando os pais em suas tarefas, ora expostas ao calor, frio e chuva o que quase sempre acarretava em algum tipo de enfermidade ou doença.



Foto: Padre Antônio, ao fundo, de camisa xadrez e boné branco, orientando a construção de uma creche, quando vice-prefeito do município de São Domingos do Prata – MG (1983-1988). Fonte: Álbum de família.

As creches rurais, como mostradas na foto acima na foto acima em seu processo de fundação, quanto na foto abaixo, em fase de funcionamento e atendimento às crianças do meio rural, funcionam como um importante instrumento de socialização e proteção das crianças, além de beneficiar diretamente os pais que possuem crianças.



Foto: Vista frontal de uma creche construída na zona rural de São Domingos do Prata. Creche essa, construída sob a orientação e liderança de Padre Antônio. Fotógrafo: Edson Arlindo Silva (26/10/2004).

Portanto, torna-se importante enfatizar que, neste período de seis anos de sua atuação como vice-prefeito de São Domingos do Prata, foram criadas sessenta e três Associações Comunitárias de Desenvolvimento (ACD's), vinculadas ao Conselho de Desenvolvimento Comunitário (CDC), integrando as comunidades e seus respectivos moradores nelas existentes. Houve também a criação de sete creches, nas zonas rural e urbana, vinculadas ao projeto de atendimento e assistência a 175 crianças de zero a 6 anos.

Com o apoio financeiro e material da Legião Brasileira de Assistência (LBA), foram organizados mais de quinhentos cursos nas comunidades que, por sua vez, encontravam-se organizadas em associações comunitárias. Os cursos de caráter profissionalizante eram constituídos de aprendizagem nas áreas de artesanato com fibras naturais, culinária, confecção de agasalhos, blocos e pré-moldados, corte e costura, preparação de material de limpeza, agricultura orgânica, apicultura, fabricação de brinquedos, projeto de estrutura ferro-cimento, que servia para a construção de caixas d'água para abastecimento de água nas comunidades, cabelereiro e manicure, dentre outros. Foram adquiridos também recursos para a construção de vinte galpões comunitários, sendo que por meio de trabalhos realizados sob a forma de mutirão, o número de galpões construídos atingiu a marca de trinta e três, que abrigavam, nas comunidades rurais, dentre tantos, dezesseis máquinas de pilar arroz, arados, terraceadores, vinte e duas juntas de bois, vinte burros, desintegradoras, plantadeiras, pá-cavalo e capinadeiras que eram de uso comum dos moradores das comunidades rurais, sendo controlados e monitorados pelas Associações Comunitárias de Desenvolvimento (ACD's) subordinadas diretamente ao Conselho de Desenvolvimento Comunitário (CDC).

A partir de 1988, pretendendo disputar as eleições para ocupar o cargo de prefeito da cidade, o ex-pároco, juntamente com algumas lideranças locais, fundaram, neste mesmo ano, o Grupo Integrado para o Progresso do Prata (GIPP). Esse grupo foi uma maneira que as lideranças locais encontraram para integrar o "pequeno produtor", marginalizado e excluído do processo de participação da cooperativa, buscando promovê-los social e economicamente no município.

3.2 O PAPEL INSTITUCIONAL DAS LIDERANÇAS LOCAIS

De maneira geral, as ações elaboradas e implementadas sob a liderança de Padre Antônio, aliadas aos mais variados segmentos da sociedade de São Domingos do Prata, foram desenvolvidas das seguintes maneiras: em primeiro lugar, foram uma tentativa de assistir a população menos favorecida, com orientações religiosas fundamentadas na doutrina católica e parcerias com diversas instituições, visando assegurar a promoção de cursos profissionalizantes; em segundo, buscou-se organizar alguns segmentos do município em associações, procurando conscientizá-los da importância do trabalho cooperativo, como forma de aumentar sua atuação no mercado; por último, procurou-se promover os mesmos setores, oferecendo-lhes a formação necessária para a constituição de empreendimentos coletivos, como a criação de cooperativas e sindicatos, com o intuito de obter maior dinamismo e objetividade em suas relações sócio-econômicas.

Para DOUGLAS (1998), os funcionários das instituições, o que inclui as Igrejas, órgãos públicos, associações, organizações não governamentais, recorrem aos seus compromissos institucionais para realizar suas reflexões e promover suas ações. Os funcionários agem de acordo com o pensamento dominante da Instituição a que estão ligados e seguem estruturas organizacionais claras, estabelecidas e rotinizadas para desenvolver suas ações. Este tipo de ação pode ser verificado também na trajetória de padre Antônio, que passou de uma fase de ações assistencialistas para uma fase de ações desenvolvimentistas, acompanhando as mudanças gerais ocorridas no pensamento dominante da Igreja Católica (PEREIRA, 1991).

Nesse sentido, como observou PEREIRA (1991), das muitas intervenções feitas pelo pároco no município, uma culminou com a formação do Movimento Associativista Rural de São Domingos do Prata (MARDSP), via organização de pequenos produtores rurais da região. Dessa forma, a história do MARDSP está diretamente ligada à trajetória de vida política e religiosa de Padre Antônio, bem como de uma série de ações comunitárias implementadas por ele em benefício da população local.

A totalidade de suas ações apresentou características específicas, nas dimensões, econômica, religiosa, comunitária, institucional e, principalmente, política:

1º) Como presidente das Obras Sociais de São Domingos de Gusmão (1960-1972) organizou a construção da igreja matriz, mobilizando centenas de pessoas; promoveu a realização de cursos de natureza religiosa e de natureza técnica, envolvendo cerca de 300 pequenos produtores rurais; e criou 12 “células comunitárias”.⁴⁷ 2º) Na condição de presidente da “Feira do Produtor” (1972-1977), organizou cursos para pequenos produtores rurais oferecidos pela EMATER, SUDECOOP e Secretaria da Agricultura do Estado de Minas Gerais (SAEMG); articulou com a Fundação João Pinheiro (FJP) a elaboração de projeto para implantação de uma cooperativa hortifrutigranjeira; conseguiu que a Fundação Inter-Americana (FIA) financiasse a implantação de uma fábrica de farinha, câmara de maturação de frutas e frota de transporte; e obteve apoio de diversos órgãos do governo, para transformação da “Feira do Produtor” em cooperativa, motivando a participação de pequenos produtores rurais que pertenciam à “Feira do Produtor” a se associarem na cooperativa, conseguindo a adesão de cerca de 488 associados em 1976. 3º) Em 1977, deixou de exercer o sacerdócio e a direção das atividades comunitárias do município e assumiu, em Belo Horizonte, o *Projeto de Complementação Alimentar*, na Secretaria de Trabalho e Ação Social (SETAS), do Estado de Minas Gerais. Em 1978, assumiu a presidência da Cooperativa Regional Agroindustrial de São Domingos do Prata (CORPRATA/1978-1982), instituição que ajudou a criar. Na cooperativa organizou a realização de cursos sobre Educação Cooperativista, pela SUDECOOP; incentivou a elaboração de projeto de instalação de uma micro-destilaria de álcool, visando estender o campo de atuação da CORPRATA. 4º) Ascendeu, em 1983, ao cargo político de vice-prefeito do Município de São Domingos do Prata (1983-1988), realizando, ao longo de seu mandato político indireto, a criação de 63 Associações Comunitárias de Desenvolvimento (ACD’S), integradas ao Conselho de Desenvolvimento Comunitário (CDC). Promoveu a criação e construção de creches para filhos de famílias carentes, chegando a atender cerca de 175 crianças no meio rural e urbano do município. 5º) Almejando concorrer ao cargo de prefeito da cidade de São Domingos do Prata, no ano de 1988, ano de eleições municipais,

⁴⁷ PEREIRA (1991) afirma que “as células comunitárias eram pequenas organizações religiosas e de assistência social constituídas por produtores de pequenas comunidades, tanto urbanas quanto rurais, correspondendo à divisão do município em zonas e zonais”, para melhor facilitar as intervenções das lideranças locais junto à população rural do município de São Domingos do Prata – MG.

assumiu a presidência do Grupo Integrado para o Progresso do Prata (GIPP/1988-1994). No GIPP, como pano de fundo de suas campanhas políticas para ocupar o cargo de prefeito, divulgou e incentivou a implantação de técnicas alternativas na produção e armazenagem para pequenos produtores rurais, procurando simultaneamente, conscientizar as comunidades rurais para melhoria da saúde, por meio da alimentação integral e medicação através de ervas medicinais. No campo da cultura, apoiou socialmente crianças e jovens, e as respectivas famílias, por meio do atendimento às suas necessidades sócio-culturais, pelo trabalho junto a seus grupos de origem e sua comunidade. Eis mais um testemunho sobre sua atuação: “Ele tinha uma capacidade para movimentar, integrar e incentivar as pessoas. Ele tinha uma fé misturada com a vida e sua simplicidade. Padre Antônio nunca foi muito teórico não, não era de muita especulação não. Ele era de senso prático. Realizou muito mais do que os especulativos”. (Entrevista de Dom Misericordioso ao **Jornal Caminhando** em 20/10/2001).

Apesar de toda a sua ampla atuação junto aos setores sociais mais desfavorecidos, mas também àqueles de prestígio econômico e político no município, Padre Antônio não conseguiu êxito nas duas vezes que se candidatou a um cargo político institucional (1988 e 1992). Dessa forma, os relatos orais, via entrevistas semi-estruturadas e a análise de documentação em poder da população de São Domingos do Prata, permitiram compreender os motivos que orientaram os diversos setores sociais, conhecidamente simpatizantes da prática do pároco, a não legitimá-lo como um político institucionalizado, eleito pela população local:

Político ele sempre foi, não como político partidário. Ele sempre foi mais atuante como religioso, devido a sua própria vocação. Ele não tinha vocação como político partidário que muitas vezes acontece por acidente. Mas, ele foi um verdadeiro político quando se preocupava com o “bem-estar” do povo. Agora para se fazer isso [sua candidatura] ele teve que entrar em um partido, e para isso nunca teve “maldade política”, nunca teve vocação para essa prática. Ele entrou em um partido apenas por uma obrigação legal ou formal, mas se não fosse isso ele jamais teria sido político partidário, pois ele nunca teve vocação para isso. (Sr. Cooperado, Professor, 60 anos, 10/10/2004).

Em meio as várias respostas dos entrevistados, que buscaram refletir sob a situação política local, algumas são unânimes em afirmar sobre acontecimentos e fatos que concorriam quase sempre para fraudes eleitorais, perseguições políticas, mandonismo, “voto de cabresto”, troca de favores, intrigas, compras de votos e

ameaças, coincidindo com práticas eleitorais de caráter clientelista e patronal que refletem a permanência, em algumas regiões do Brasil, dos valores políticos tradicionais vinculados ao autoritarismo e abuso de poder.

3.3 UM PADRE, UM HOMEM BOM, UM SANTO

A trajetória religiosa de Padre Antônio começou a se configurar a partir de sua entrada efetiva no seminário da Igreja Católica, localizado na cidade de Mariana, em Minas Gerais. Antônio Sebastião Ferreira Barros, nasceu na cidade de São Domingos do Prata, no dia 21 de Março de 1929. Filho de família oriunda do meio rural, aos 11 anos, após a morte de seu pai, foi mandado por sua mãe para o seminário de Mariana. Antes, porém, realizou seus estudos primários em Ouro Preto. Em seguida, deu início, em 1942 aos estudos de filosofia no Seminário Menor de Mariana. Posteriormente, já em 1949, ingressou no Seminário Maior na mesma cidade, dando continuidade aos estudos de seminarista, no intuito de concretizar o curso de teologia e completar as exigências necessárias à nomeação sacerdotal. Ali, recebeu por quase duas décadas, os ensinamentos doutrinários cristãos da Igreja Católica, representativos de uma fase da igreja caracterizada por MAINWARING (1987) como a “Igreja da Neo-Cristandade.”⁴⁸ A fase histórica da Igreja Católica, na primeira metade do século XX, foi marcada pelas influências da doutrina social da Igreja, que procurava despolitizar os principais problemas da sociedade brasileira. O desafio era buscar para dentro da Igreja “novos fiéis”, conter a saída de católicos e impedir o avanço de outras religiões e seitas. Era preciso, também, fortalecer as instituições de cunho social sob o mesmo olhar ortodoxo da Igreja da Neo-Cristandade.

Em 1954, em meio a esse horizonte de incertezas e possibilidades, decorrentes das divisões que ocorreram no interior da Igreja Católica entre “Reformistas” “Tradicionalistas” e “Modernizadores-conservadores”, Padre Antônio foi ordenado sacerdote pela concessão do Bispo Dom Helvécio Gomes de Oliveira. Durante o arcebispado de Dom Helvécio, a arquidiocese de Mariana caracterizava-se

⁴⁸ Para MAINWARING (1987: 41) a partir da segunda metade do século XX a Igreja da Neo-Cristandade se dividiu em três facções, quais sejam, reformistas, modernizadores-conservadores e tradicionalistas. Porém, essa última facção católica, continuou a manter os ideais e práticas propagadas pela neocristandade.

por difundir a valorização do papel moral e espiritual que a Igreja Católica deveria desenvolver, no sentido de eliminar as influências comunistas, advindas da teoria marxista e dos partidos de esquerda, como observou SMITH (1991)⁴⁹.

Desde 1959 realizavam-se amplas propostas para a constituição do programa de Reformas de Base, necessárias à realização do “Welfare State”. Os bispos apoiaram o plano e no Nordeste assumiram a defesa da criação da Sudene. Para a Igreja, as reformas impediriam a *Revolução* e assim se conseguiriam os mesmos resultados com menos gastos. A crise se agravou a partir de 1961, com a renúncia de Jânio Quadros, recolocando a proposição de golpe militar como solução dos impasses políticos, tentada em 1954. O governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, intensificou a “campanha da legalidade”, obtendo por meio dela uma posição intermediária entre dois flancos, ou seja, a proposição do parlamentarismo. Mesmo tendo inicialmente aceitado a fórmula parlamentar de governo, Goulart empenhou-se em retomar os poderes presidenciais, conseguindo seu intento em janeiro de 1963. Essa ação foi atribuída pelas forças conservadoras como determinada pelos comunistas, que oscilavam em apoio e críticas ao presidente. A oscilação ocorria pela ausência de posições claras sobre as chamadas reformas de base, já que elas próprias contemplavam interesses e objetivos conflitantes. Para os comunistas, as reformas eram parte da transição democrática necessária à superação do capitalismo, e, para setores da Igreja, os meios necessários para por fim à polarização social e à constituição de relações harmônicas no capitalismo. Assim, a disputa pela liderança política em relação às Ligas Camponesas, aos Sindicatos Rurais e aos Movimentos de Educação de Base opôs comunistas e católicos.⁵⁰

O cenário de incertezas e conflitos entre comunistas e católicos era fruto, principalmente, de divergências entre interesses ideológicos. Essa aversão às idéias comunistas, por parte da Igreja e de setores conservadores, era justificada pela ausência de compatibilidade dessas com a doutrina ortodoxa cristã da Igreja Católica no Brasil. Portanto, torna-se necessário ressaltar que os seminaristas eram instruídos dentro dessa “lógica tradicionalista” da Igreja Católica, reproduzindo, na maioria das vezes, no meio social, valores e práticas moralistas que se alinhavam aos anseios da cúpula da Arquidiocese de Mariana. Para BOFF (1981),

uma das causas explicadoras é, sem dúvida, a estrutura de poder na Igreja. Em termos de decisão, o eixo circula em torno do papa, do bispo e do presbítero, excluindo o leigo e o religioso. Sociologicamente falando, a Igreja rege-se nos quadros de um sistema autoritário. Chama-se um sistema autoritário quando os portadores do poder não necessitam do reconhecimento livre e espontâneo dos súbditos para se constituírem como tal e exercerem esse poder. A autoridade distingue-se do poder e da dominação pela livre e espontânea submissão de um grupo de homens a outro homem ou a alguma instituição. Separada destas condições naturais de relacionamento, a autoridade transforma-se em autoritarismo. O sistema de poder na Igreja crê-se e apresenta-se como vindo

⁴⁹ Tanto para SMITH (1991), quanto para LÖWY (1995), os acontecimentos decorrentes dessa época provocaram profundas mudanças na Igreja católica tanto em seu interior quanto no ambiente exterior. Dentro da Igreja surgiam novas facções teológicas com o foco voltado para o social e trabalhos pastorais. No ambiente externo à Igreja, ocorria o alargamento das desigualdades sociais, com o crescimento desordenado das cidades e a saída de pessoas do meio rural, o que mais tarde tenderia alimentar a formação de movimentos de reivindicações e lutas sócio-política.

⁵⁰ IOKOI, Z. M. G. **Igreja e camponeses: teologia da libertação e movimentos sociais no campo – Brasil e Peru, 1964-1986**. São Paulo: HUCITEC, 1996, p-31.

directamente de Deus para os fiéis, que devem acolhê-lo na fé. A socialização mediante a catequese, a teologia e o exercício aceite da estrutura do poder garante a manutenção da estrutura de geração em geração.⁵¹

Em meio a esse cenário vivenciado pela Igreja Católica, Padre Antônio é ordenado sacerdote em 1954. A partir desse momento, Padre Antônio (Titoni) atuou nas paróquias dos municípios de Rio Doce e Bom Jesus do Amparo. No ano de 1955, assumiu a paróquia do município de Rio Doce e em seguida, a paróquia de Bom Jesus do Amparo, perfazendo um período de trabalho relativamente curto nessas localidades. Em 1958, ele assumiu, na cidade de São Domingos do Prata, Minas Gerais, a paróquia de São Domingos de Gusmão.

Em 1960, teve início a organização e legalização das Obras Sociais São Domingos de Gusmão (O. S. S. D. G.), organização filantrópica ligada à Igreja Católica local, que objetivava assistir e acolher as pessoas desprotegidas e marginalizadas do convívio social, com prioridade em atender, principalmente, as crianças carentes e indefesas, bem como suas respectivas famílias. Essa iniciativa recebeu apoio de instituições como a Legião Brasileira de Assistência (LBA) que, por meio das “Damas de Caridade”, iniciou com Padre Antônio, seus trabalhos sociais de caráter assistencialista, no município, disponibilizando recursos financeiros, materiais e pessoal para atuar junto à população carente do município.

A dedicação inesgotável de Padre Antônio, revelada desde sua adolescência, possibilitou, em um primeiro momento em sua trajetória de vida sacerdotal, realizar algumas obras em benefício da população carente e desprotegida do município de São Domingos do Prata, marcadas inicialmente por ações meramente assistencialistas. Tendo suas origens no meio rural, Padre Antônio, no início da vida sacerdotal, começou a observar a realidade vivida pelo “homem do campo.” Foi em uma dessas observações que ele despertou em si o desejo de ajudar os pequenos produtores do meio rural, organizando-os em associações comunitárias e intensificando a participação desses no interior da igreja.

⁵¹ BOFF, L. **Teologia da libertação: Igreja, carisma e poder**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1981, p-64.

Certa vez, em visita do bispo Dom Helvécio, Padre Antônio foi convocado a ficar em sua paróquia e construir uma igreja. O bispo mostrou-lhe um crucifixo e disse: “quero uma igreja com o tipo de uma cruz”. Em obediência às ordens do bispado, Padre Antônio chegou em São Domingos do Prata e começou, no início da primeira metade do decênio de 1960, a construção de uma nova igreja que comportasse em torno de mil e quinhentas pessoas sentadas.

Em meados do decênio de 1960, seguindo as orientações e ensinamentos da Igreja Católica, o pároco resolve emplacar uma de suas mais ambiciosas obras: a construção da Igreja Matriz, templo que foi superdimensionado em comparação à estrutura sócio-econômica e populacional do município e que foi dedicado a São Domingos de Gusmão, padroeiro do município. Para tal, mobilizou toda a população da cidade e as comunidades da zona rural. Sua capacidade de mobilização social, conjugada com seu dinamismo e “olhar progressista” fizeram com que milhares de pessoas, direta ou indiretamente, se empenhassem na construção de tal monumento. “Ele tinha visão sempre à frente de seu tempo e tudo que ele fazia era em prol do progresso do Prata.”⁵²

Para construir tal obra, foram realizadas festas, leilões, doações de todas as espécies, trabalhos voluntários, bingos, rifas, entre outros, no sentido de presentear a cidade e seus moradores, com uma obra monumental, como descreve o trecho a seguir que retrata a importância de Padre Antônio e de seu legado para a população e instituições de São Domingos do Prata:

Pároco dedicado em extremo, incansável nos trabalhos pastorais em todo o território do Município, com suas mais de trinta comunidades. Dedicou-se igualmente à promoção de obras assistenciais e promocionais, deixando prova de sua capacidade administrativa e dinamismo a magnífica Igreja Matriz, marco inconfundível da fé do povo prático e sua devoção ao Patrono, São Domingos de Gusmão.⁵³

Nessa época, existia um grupo de lideranças comunitárias e religiosas das comunidades pertencentes ao município de São Domingos do Prata, que percorreram as residências – urbanas e rurais –, promovendo a integração das famílias, fortalecendo a fé das pessoas e sobretudo, desenvolvendo nelas o “espírito de solidariedade”, que

⁵² Entrevista do Sr. Prudente, Empresário, 76 anos, em 26/10/2004.

⁵³ SANTIAGO, F. T., **São Domingos do Prata: subsídios para a história**. B H: Santa Edwiges, 1995, p-48.

culminou com doações de dias de trabalhos, bens materiais e quantia em dinheiro, para a construção da Igreja Matriz.



Foto: Vista parcial da Igreja Matriz de São Domingos de Gusmão, construída sob a orientação e liderança de Padre Antônio, durante o decênio de 1960. Fotógrafo: Edson Arlindo Silva (26/10/2004).

De acordo com as análises de documentos e informações levantadas junto à população local, a nova igreja possuía estilo gótico, sem coluna interna, equilibrada pelos arcos parabólicos com as colunas laterais de dezessete metros de profundidade (alicerce) por quatro metros de largura. A construção dessa igreja foi o marco inicial dos movimentos associativistas de São Domingos do Prata. Na época, a imagem do padroeiro do município, São Domingos de Gusmão, percorreu várias casas do município e com a renda dos leilões e contribuições voluntárias, pagavam-se as despesas da construção da igreja. Dessa forma, quatro festas religiosas sustentaram a construção da igreja matriz: festa de São Sebastião no mês de Janeiro; festa de Maria, no mês de maio, acrescida de coroações e bingos; festa do padroeiro, São Domingos

de Gusmão, no mês de agosto, e as festividades do natal em Dezembro. Frente as festividades organizadas por Padre Antônio, pode-se perceber por meio do testemunho a seguir que era grande o envolvimento da comunidade local.

Os colaboradores da igreja percorriam as comunidades rurais, chegando a colocar no curral mais de 150 bezerros para a realização dos leilões. Nos dias de festas o Sr. Tinduca cuidava do “livro de ouro” onde as pessoas ofereciam o dinheiro e materiais, e recebiam em troca as bênçãos de São Domingos de Gusmão. Matérias primas como cimento era adquirida através de vagões de trem que transportavam a mercadoria até João Monlevade, cerca de 600 volumes por vez, e de lá era transportado para São Domingos do Prata. [Diretoria do Centro de Desenvolvimento Comunitário – CDC –, 19/02/2005]

A infra-estrutura para a construção da igreja era constituída de serraria, britadeira, armazém e loja de tecidos para os funcionários. Torna-se necessário lembrar que toda essa infra-estrutura era de propriedade do Movimento de Construção da Matriz (MCM) ligado diretamente à Igreja Católica local.

Assim, Padre Antônio realmente teve um poder de persuasão sobre as pessoas muito forte. o Antônio deixou marcas tão fortes e o que ele transmitiu não foi só ensinamentos teóricos, ele trouxe um testemunho pela vida. O Antônio não só reconhecia o valor das pessoas por palavras, teorias, mas integrava as pessoas na vida, no trabalho. O Prata tem no Antônio um de seu maior ponto de referência. Pessoas como Padre Antônio é que me carregam. [Entrevista de Dom Misericordioso, 83 anos, aposentado, ao **Jornal Caminhando** em 20/10/2001].

Para muitos, quando se tem como referência os feitos e a pessoa de Padre Antônio, ele é logo assimilado à figura de um “mito”, não no sentido de ser considerado uma “coisa inacreditável, algo sem realidade, mentira, cascata, coisa irrelevante, delírio, viagem, fantasia”,⁵⁴ mas percebido no sentido de ter pertencido, em uma determinada época e lugar, a uma sociedade específica, e que trouxe contribuições relevantes e provocou transformações que fogem à normalidade do cotidiano das pessoas. Portanto, como ressalta ROCHA (1991), “o mito é, pois, capaz de revelar o pensamento de uma sociedade, a sua concepção da existência e das relações que os homens devem manter entre si e com o mundo que os cerca.”⁵⁵ Por outro lado, quando algumas pessoas da comunidade local assimilavam Padre Antônio à figura de um “mito”, observa-se que essa expressão vincula-se fortemente a valores e crenças ligadas à religião. Isso poderá ser comprovado, como mostrará o testemunho abaixo dado pelo próprio Padre Antônio, em que ele incorporava, na maioria das vezes em que atuava na comunidade, práticas evangelizadoras que o colocava como centro das atenções e

⁵⁴ ROCHA, E. P. G. **O que é mito**. 5ª ed. São Paulo: brasiliense, 1991, p-10.

⁵⁵ Idem, 1991, p-12.

ponto de referência para muitas pessoas que se sentiam impotentes perante a realidade, e buscava na liderança religiosa de Padre Antônio a solução para seus problemas.

Bom, eu acho o seguinte – quem realmente tem fé evangélica, no Cristo do evangelho, realmente vai vê que o evangelho é baseado no amor. Nós fomos preparados para viver no amor, ou seja, amor e fraternidade. Olha! Como é que eu vou ter fraternidade e amor se um tem muito e o outro não tem nada? Então, quando eu falei em produção/participação, eu falei que é para todos, para ver se a coisa vai caminhando. É claro que uns vão ter mais do que o outro, mas, pelo menos acontece o seguinte que diz a bíblia: “senhor não me deis nem riqueza, nem a pobreza, mas o necessário.” Essa luta, vai a vida inteira e eu nunca vou dizer que o mundo vai caminhar nesse sentido. Mas, nós temos que continuar a lutar para que aconteça o crescimento dos pequenos, para subir um pouco e os grandes descerem um pouco. Então, eu continuo dizendo o seguinte, repetido, é através dessa vivência comunitária que o pessoal começa a descobrir que crescer é repartir o pão. Eu vou falar com vocês uma coisa, tem acontecido aqui cada coisa interessante, vejam bem as Obras Sociais São Domingos de Gusmão, a LBA, a CERVAS, o FUNDEC, essas creches comunitárias por exemplo, vocês acham que estão vivendo de quê? Uma doação aqui, outra ali. E nós temos em torno de 40 a 50 crianças; crianças pobrezinhas que estão recebendo alimentação. Então, através desse esforço, do exemplo da vida, isso vai chegar. Vai custar, mas vai chegar. Ou por bem ou por mal. O pior é isso. Se não acontecer por bem, vai acontecer por mal, pois vai haver “revolta”! Porque, não é possível o sujeito chegar e não ter nada para comer e vê o outro com excesso. [Entrevista de Padre Antônio ao **Jornal Caminhando** em Agosto de 1985].

A partir das orientações preconizadas pelo Concílio Vaticano II no decênio de 1960, os trabalhos comunitários locais, por via da liderança religiosa de Padre Antônio e de ações pastorais realizadas pelas Irmãs Dominicanas, passaram de uma fase eminentemente assistencialista para uma fase de promoção integral do ser humano, que consistia na conjugação de trabalhos espirituais, de formação profissional e ajudas materiais junto à comunidade menos favorecida. Após construir a imensa Igreja de pedra, Padre Antônio sentiu a necessidade de construir uma “Igreja de Homens”, agora influenciado pelas propostas advindas do Concílio.

O Concílio Vaticano II (1962 – 1965) e a *Gaudium et Spes*, do Papa João XXIII, estimularam a Igreja a um novo relacionamento social, baseado no olhar que se constituía com o apoio dos elementos da ciência, da cultura e das experiências concretas dos homens nas suas relações sociais. Esperança e alegria como possibilidade de realização humana são diretrizes que a Igreja impõe em seu trabalho pastoral. A clara percepção de que o seu discurso e a sua prática tinham sido até então preponderantemente voltados para os setores dominantes da sociedade, colocava em questão a concepção dos grupos conservadores e abria o debate interno sobre os vários caminhos e as novas práticas a serem seguidas.⁵⁶

Os trabalhos pastorais e comunitários, dirigidos tanto por Padre Antônio quanto pelas Irmãs Dominicanas, eram diversificados e visava o bem-estar da comunidade local menos favorecida. Porém, nesta fase, as ações traduziam-se em

⁵⁶ IOKOI, Z. M. G. **Igreja e camponeses: teologia da libertação e movimentos sociais no campo – Brasil e Peru, 1964-1986**. São Paulo: HUCITEC, 1996, p-29.

doações de cestas básicas, cursos de bordados, corte e costura para mães, cursos de técnicas de plantio e organização dos recursos disponíveis na agricultura, entre outros, e em palestras, relatos de experiências comunitárias em outros municípios e visitas a instituições públicas e privadas. A maioria desses cursos eram organizados com o apoio da Legião Brasileira de Assistência (LBA) e do Programa Intensivo de Preparação de Mão-de-Obra (PIPMO), voltados para as atividades agrícolas. O relato em seguida mostra como Padre Antônio, na condição de pároco do município, articulava as pessoas em benefício do trabalho comunitário e da afirmação da fé católica:

Você quer ver uma coisa, ele era uma liderança religiosa tão forte, tão presente, e aí eu falo dele como pároco, que ele de certa forma inibiu a proliferação de outros cultos pentecostais e evangélicos aqui. E isto não foi uma imposição forçada, mas algo natural. Enquanto aparecia nos outros municípios a proliferação dessas igrejas pentecostais e evangélicas, em São Domingos do Prata isso só veio acontecer 20 anos depois. Agora é que está surgindo uma igreja pentecostal em cada esquina. Eu não estou fazendo crítica, pois cada um busca sua espiritualidade onde quiser. O próprio Padre Antônio não discriminava as pessoas que saíam da Igreja Católica ou mudavam de religião. Mesmo fora da igreja, após se casar, ele trazia pessoas para dentro da Igreja. Porque, ele era uma liderança, que era fermento dentro da comunidade. Ele envolvia as pessoas e tinha um poder de persuasão muito grande, pelo magnetismo que ele irradiava. Ele tinha uma forma peculiar de tratar as pessoas por sua vibração, por sua liderança positiva e seu carisma. Então, tudo isso contagiava as pessoas. Quando ele chegava em uma reunião, a entonação de sua voz, a postura dele, a forma como ele se expressava, tudo isso eram características dele, que marcavam muito e fizeram dele a liderança que ele foi. [Sr. Justiça, Funcionário Público, 40 anos, 27/10/2004].

Em meio a essas transformações que ocorriam no município, dois fatos podem ser considerados marcantes, pois mudaram a trajetória de atuação de Padre Antônio com a comunidade local. Em primeiro, destaca-se a criação da Diocese de Itabira, em meados do decênio de 1960 e cujo grau de abrangência incluía a Paróquia de São Domingos do Prata. À frente desta diocese, encontrava-se Dom Marcos Noronha, Bispo que possuía “ideais progressistas”, voltando todas as ações pastorais da diocese em direção às novas orientações sugeridas pelo Concílio Vaticano II. Este acontecimento, despertou em Padre Antônio sentimentos que iriam caracterizar suas ações até o dia de sua morte. Agora suas ações se confundiam com práticas evangélicas voltadas para vivências profundas na espiritualidade e a intensa preocupação em resgatar a dignidade e cidadania do “homem humilde e desprotegido.”

A espiritualidade do Antônio era uma espiritualidade muito misturada com a vida, é a valorização da pessoa. Antes do Concílio Vaticano II, o Antônio foi mesmo antes e durante o Concílio, depois da igreja, da diocese de Itabira, nós fomos muito felizes por ter Dom Marcos Noronha, que participou da segunda fase do Concílio e acreditou no Concílio e aplicou o Concílio pra valer. E o Dom Marcos Noronha reconheceu os valores de Antônio. O trabalho que o Antônio fazia na cooperativa, o assessoramento que ele tinha das irmãs dominicanas – Vilma e Lúcia – em seguida as irmãs Mônica e

Marta, foram as que o acompanharam. Fizeram o Antônio sentir integrado nessa igreja, aos respeito dos valores humanos, uma igreja voltada não para cantar louvores, mas uma igreja voltada para a realidade, para os valores humanos terrenos. [Entrevista de Dom Misericordioso ao **Jornal Caminhando** em 20/10/2001].

Nesse período, Padre Antônio recebeu uma grande influência de Dom Marcos Noronha que, ao contrário dos ensinamentos conservadores e moralistas, advindos do período de seminarista em Mariana, passou a ser um padre, não mais de missas e simplesmente preocupado com construções de “madeiras” e “concretos”, mas sim um padre que buscava trabalhar próximo do povo e agindo com o povo, aproximando-se em muito, dos ideais de ações pastorais e comunitárias, disseminados em comunidades de base (CEB's), pelo movimento da Teologia da Libertação.

O segundo momento marcante, na trajetória de vida religiosa de Padre Antônio, foi após mais de vinte anos de um dedicado sacerdócio, o conflito pessoal por ele vivido entre a continuidade do sacerdócio e o desejo pela vida conjugal. Sua opção pela vida matrimonial, a partir da segunda metade do decênio de 1970, dividiu a opinião da população local, que ora se posicionava perplexa, ora buscava apoiá-lo, entendendo aquela decisão como algo natural e digna de ser por ele realizada. Tal situação gerou tantos comentários e posições, que mobilizou, de forma geral, a opinião pública do município, como são os casos específicos dos comentários a seguir:

Minha reação foi positiva por que eu sempre participei da vida de Padre Antônio (Titoni). Em relação às outras pessoas, houve reação de todos os tipos, uns contra e uns a favor; outros decepcionados, outros o excomungando. Houve um conflito espiritual e ideológico por parte de muitas pessoas ligadas a Padre Antônio (Titoni). Em relação à Igreja Católica, alguns padres não concordavam. Os principais motivos dessas reações são por causa das mudanças, que algumas pessoas da comunidade não acompanharam, como as propostas sugeridas pelo Concílio Vaticano II no campo teológico, em termos teórico e prático. Como muitas pessoas não conseguiram acompanhar essas mudanças, muitos começaram a pensar que Padre Antônio (Titoni) estava errado em deixar de ser padre e eles eram quem estavam certos. [Sr. Cooperado, Professor, 60 anos, 10/10/2004].

Ele veio aqui em casa e me disse que iria se casar, e eu não acreditei, e fiquei muito assustada, por causa de sua santidade. Eu não conseguia vê-lo como casado. Mas, depois eu pensei o que vai ser bom para ele é bom para nós. E mesmo depois de casado, ele continuou com a mesma santidade. Muitas pessoas ficaram revoltadas e não aceitavam o seu casamento. E outras queriam que mesmo depois de casado, ele voltasse a celebrar. [Dona Felicita, Bordadeira, 75 anos, 27/10/2004].

As opiniões divergentes, o estranhamento e o sentimento de descrença frente à opção de Padre Antônio pelo matrimônio, ao mesmo tempo em que chocaram determinadas pessoas do município, principalmente as pessoas tradicionais e de valores religiosos mais conservadores, que não aceitavam e combatiam veemente a decisão de Padre Antônio. Por outro lado, houve aqueles que o apoiaram em sua decisão e continuaram normalmente ao lado de Padre Antônio nos trabalhos por ele organizados, agora de caráter políticos, que se seguiram após a sua saída da Igreja Católica. Mas a opção pela vida conjugal, iria deixar marcas profundas em sua vida, principalmente em suas tentativas de ascender ao cargo de prefeito do município, pois tal situação serviu de pano de fundo a seus adversários em palanques políticos que afirmavam que “lugar de padre é na igreja”. Em contrapartida, aquelas pessoas que o admirava e reconhecia a sua liderança e capacidade em trabalhar em favor dos outros, mesmo surpresos diante da nova opção de vida de Padre Antônio, não deixaram de o acompanhar e ajudar nas inúmeras obras que ele organizou a partir do decênio de 1980, mas nem por isso deixaram de comentar e apoiar a decisão de Padre Antônio em se casar.

Eu não fiquei tanto abalado, porque ele já me falava sobre isso. Ele dizia que a religião não foi criada pelos homens e sim por Deus. Então, o Padre não vale nada, mas sim Deus. Pra mim não foi nenhuma surpresa o fato dele se casar. Mas, muitas pessoas comentavam que a religião tinha acabado, porque se um padre daquele vai se casar, então a religião acabou. Não preciso mais pensar em religião. Aí eu falava, a religião não é do padre, mas sim de Jesus. Antigamente, meu pai falava que padre vestido de calça não é padre; padre tem que vestir batina. Foi quando houve o Concílio Vaticano II, quando o padre não precisava mais andar só de batina. Um dia, Padre Antônio comentou comigo sobre casamento, apesar de que, eu não achava certo padre se casar. Então, eu falei com ele que devia ser cada um com sua idéia. Mas, depois eu fiquei pensando que devia ter havido uma tentação muito forte pra cima dele, aí eu comecei a aceitar. A mãe dele ficou muito chocada, ela só o marretava; ele não podia fazer isso comigo, dizia ela. Eu acho que o importante é ter um casamento muito feliz. [Sr. Juvêncio, Agricultor, 73 anos, 27/10/2004].

Houve um grande comentário sobre o casamento, as pessoas ficaram com um sentimento de estranheza e choque. Eles afirmavam que Padre Antônio era um “santo homem” e não poderia se casar. Eu, particularmente, vi esta situação como normal, pois, ele também era homem e sentiu naquele momento, a necessidade de se casar. Depois dos momentos de dificuldades e rejeições, por parte de Padre Antônio, em relação à minha pessoa, nós construímos uma amizade muito profunda, inclusive quando ele decidiu casar-se, ele foi até lá em casa confidenciar comigo este momento. A mágoa que eu tinha de Padre Antônio no início em que eu comecei, ela foi superada após nossa profunda amizade. [Sr. Prudente, Empresário, 76 anos, 26/10/2004].

A partir dos testemunhos acima, observa-se que atributos como “santidade”, “homem bom” e “carisma” permearam quase todas as ações que Padre Antônio

desenvolveu junto à comunidade local, pois seu reconhecimento no meio social não precisou ser institucionalizado apenas em uma igreja ou prefeitura, pois nessas instituições existem tramites burocráticos, como dogmas e normas estatuídas, que muitas vezes tolhe a emergência de novas lideranças, o que é evidenciado no relato em seguida, síntese da vida de Padre Antônio e de seu trabalho.

Padre Antônio, eu acho que senti que aquele trabalho na cooperativa, que tomava todo o tempo dele, seu trabalho em preparar os núcleos de profissionalização, não era um trabalho religioso. A religião voltou-se a um tempo passado, que só fazia a pessoa se preocupar com o lado espiritual. Antônio sentiu certamente este vazio. Não encontrou mais espaço na igreja institucionalizada. Isso explica o casamento dele com a Bibiana que deu um acompanhamento também admirável para o Titoni. Chegou no momento exato. A gente é quem fez o casamento do Titoni. Senti muito, mas compreendi muito bem porque ele continuou o mesmo. A gente era testemunho da vida espiritual, da vida de doação do Antônio, não mudou nada. Há fatos que explicam porque ele continuou com esse amor imenso a esta igreja, e a gente lamenta que ele não tenha encontrado esse espaço para continuar com esse mesmo trabalho, podendo fazer casamentos, podendo fazer batizados. Ele não encontrou esse espaço e a gente era testemunha de como ele sofreu com isso. (...) olhe aqui, porque o Antônio deixou o sacerdócio, aquilo que a gente falou, ele sentiu um vazio com os trabalhos que ele fazia. A igreja depois da morte de João XXIII, ela mudou, teve um retrocesso. Quando o Antônio saiu, francamente, a saída de uma pessoa como Titone questiona muitos os que ficam. Ele saiu por autenticidade, para ser mais essa igreja. Posso até dizer que a igreja deveria se abrir mais para merecer ter uma pessoa como o Titoni em seus meios. [Entrevista de Dom Misericordioso ao Jornal Caminhando em 20/10/2001].

Esses comentários, ao mesmo tempo em que refletem frustrações e decepções, por outro lado, demonstram surpresa e compreensão, além do reconhecimento do imenso trabalho desenvolvido por Padre Antônio. Porém, cabia a Padre Antônio decidir os desígnios de sua própria vida e da vida de sua futura esposa, reduzindo ao máximo os impactos da opinião pública que pairava sobre a sua decisão. Assim, nem mesmo a discriminação e preconceito dirigidos à sua esposa foram suficientes para impedir seu casamento, como retratado pela própria esposa:

A preparação foi a mais simples possível, por unidade de objetivos comuns na área social e humana [horizonte de oportunidades concretizados na feira do produtor, O.S.S.D.G., CORPRATA, GIPP, etc.], sem passar pelo processo natural de casamento [Namoro, noivado e matrimônio]. Não existia uma “poupança” para dar início ao casamento. A festa foi organizada pelo Lima e Lúcia, e o dinheiro da compra do apartamento foi emprestado pelo amigo Dom Marcos Noronha – Bispo de Itabira – que também se casou. Quanto à reação das pessoas, era natural que elas apontassem diariamente em direção à minha pessoa, mostrando as demais quem eu era. Nem os inúmeros constrangimentos e opiniões contrárias [Familiar – não aceitação de meus pais, irmãos e irmãs, e de populares que não viam com bons olhos o meu casamento com Antônio] me impediram de casar. Era comum, as pessoas [Dr. Antônio, Antônio Guido, pessoas da comunidade] me chamarem para alertar sobre os riscos de me casar com uma pessoa que era ardentemente prezada pela comunidade. Essas pessoas tinham dúvidas de que Padre Antônio (Titoni) poderia estar passando por uma paixão passageira e que posteriormente, ele poderia me abandonar, desestimulando minha união com ele. A minha posição era de neutralidade para conseguir ouvir e respeitar as pessoas contra e a favor do casamento. As pessoas ainda me alertavam que Padre Antônio (Titoni) poderia arrepender um dia e querer voltar para a igreja; outros achavam que ele não estava “bom de cabeça”. Para mim, o único constrangimento vivenciado

por Padre Antônio (Titoni) no casamento, foi o fato dele, após a saída do sacerdócio, não ter sido convidado nem para ser ministro da eucaristia, muito menos para fazer alguma leitura, sendo discriminado pela própria instituição que ele serviu durante vários anos de sua vida. Ao ser pressionado por amigos de como seria a reação do povo, Padre Antônio (Titoni) procurou um psicólogo para comentar sobre o assunto, sendo aconselhado a manter seu caso comigo em segredo, não rompendo com a igreja. Diante de tal conselho, Padre Antônio (Titoni) ficou transtornado, afirmando que isto seria inconcebível frente a sua ética construída ao longo de sua vida, optando conscientemente pelo matrimônio. [Bibiana, Pedagoga, 57 anos, 09/10/2004].

Contudo, a polêmica gerada pela aprovação ou desaprovação de sua opção pela vida matrimonial e o rompimento definitivo da vida sacerdotal não foram suficientes para apagar suas inúmeras contribuições, enquanto padre, para o município, instituições e diversos segmentos da sociedade de São Domingos do Prata, no tempo em que esteve à frente das principais transformações comunitárias, religiosas e políticas, principalmente em sua luta em prol do desenvolvimento social e econômico do município, bem como o desenvolvimento do ser humano, sua principal bandeira de luta. “E é por isso que o Antônio deixou marcas tão fortes e o que ele transmitiu não foi só ensinamentos teóricos, ele trouxe um testemunho pela vida.”⁵⁷

Esse testemunho de vida revelado nas ações e intervenções de Padre Antônio permitiu identificar afirmações, daqueles que com ele conviveram, da realização de fatos e situações que fogem ao entendimento racional das pessoas, cujas explicações tomaram dimensões sobrenaturais e divinas, pois os feitos de Padre Antônio se alinhavam a realizações de milagres e em determinado momento ele era percebido como um “mensageiro direto de Deus” aqui na terra. Suas palavras, ações e entrega de “corpo e alma” em benefício ao “próximo”, além de estabelecer vínculos de reciprocidade com membros da comunidade local, permitia-lhe receber de volta o reconhecimento social, tão almejado nas relações entre liderança e liderados. A dádiva⁵⁸ revelada nas ações e intervenções de Padre Antônio junto aos segmentos populares e também nos segmentos mais privilegiados da população de São Domingos

⁵⁷ Entrevista de Dom Misericordioso ao **Jornal Caminhando** em 20/10/2001.

⁵⁸ Nesse contexto, a apropriação do termo “dádiva” foi desenvolvido apreendida na dimensão da caridade via realizar as coisas por meio da doação ou gratuidade. Procura-se também, vincular esse termo aos milagres e curas que a população de São Domingos do Prata afirma receber nas preces e orações dirigidas a Padre Antônio, considerado por muitos “um Santo de Deus”. Para GODBOUT (1999: 116) “mesmo na caridade, considerada muitas vezes como um tipo perfeito da dádiva ‘gratuita’, os caridosos estão retribuindo. Eles dão porque receberam muito. E não raro recebem mais do que dão! O gesto deles é chamado de dádiva porque se quer enfatizar a energia inicial, o ato que abre o ciclo, bem como o fato de que há um retorno imediato e independente daquilo que retorna no fim do ciclo. Isso implica que, na trilogia dar- receber-retribuir, os termos não possuem o mesmo *status*.”

do Prata, possibilitou o reconhecimento, por parte de uma parcela da população local, que atribuía a Padre Antônio certos milagres, graças e curas, além dele possuir um forte poder de persuasão junto à população local.

A palavra dele era uma ordem; ele não obrigava, ele pedia. Todo mundo ajudava com amor e sem receber nada em troca, simplesmente ajudava porque era Padre Antônio quem estava pedindo. Ele falava deixando a pessoa descobrir o seu valor, mostrando o carisma que cada um tinha, ou seja, a possibilidade de fazer as coisas.⁵⁹

Essas pessoas acreditam que mesmo após a morte de Padre Antônio, em 1998, ele continuava a ajudá-las realizando milagres e curas em suas vidas e nas vidas de seus familiares e conterrâneos.

Eu pensava que este homem é muito assistido por Deus (havia uma presença muito forte de Deus nele). Ele parecia que fazia milagres. Quando um filho meu adoeceu, com problema de diarreia e desnutrição (ele estava com 2 anos), alguém me mandou benzê-lo, sendo que esta benção deveria ser dada por Padre Antônio. Assim, eu fui à casa dele e ele me levou com o menino perto de um quadro grande de Nossa Senhora, e aí ele deu a benção e pediu a intercessão de Nossa Senhora. O menino foi curado no dia seguinte e eu voltei para a roça. [Dona Perseverança, Professora aposentada, 73 anos, 26/10/2004].

Quando Padre Antônio detinha a palavra, era palavra sempre de muito otimismo, de boa nova, ou seja, ele era um evangelizador, não só de pregar o evangelho, mas no sentido de trazer sempre a *boa nova*. Além de ser uma liderança religiosa, Padre Antônio era muito influente, a ponto de ser considerado um *santo vivo aqui na terra*. Eu vou contar um caso, que minha mãe me relatou. Chovia torrencialmente em um feriado de finados e ele queria celebrar uma missa no cemitério das várzeas na saída da cidade e lá tinha uma pequena capela que não comportava todo mundo. Então, Padre Antônio evocou o Espírito Santo que desse uma trégua para que a chuva parasse, para ele poder celebrar a missa. E daí a chuva parou! Isso impressionava as pessoas. Eu vou te falar a verdade, eu não acredito que exista alguém aqui na terra que tenha força para fazer a chuva parar. Mas, coincidentemente a chuva parou e ele celebrou a missa. E logo em seguida, a chuva continuou. Então, esse tipo de coisa, impressionava as pessoas. Mas, uma coisa se diga, ele não fazia isso para impressionar as pessoas. Ele fazia isso porque acreditava nisso também. Era a fé dele, ele era um homem de muita fé. [Sr. Justiça, Funcionário Público, 40 anos, 27/10/2004].

A fé e a vida de Padre Antônio se misturaram às credences populares que o colocava como detentor de algum tipo de poder sobrenatural ou escolhido por Deus para realizar determinadas ações que ultrapassavam o cotidiano das pessoas. Suas palavras de ordem guiavam toda uma população em direção a projetos sociais que confluíam quase sempre para a constituição de instituições, associações, obras assistencialistas, dentre outras, que o permitia falar ao povo com certa autoridade em detrimento de obediência, respeito e adesão aos diversos trabalhos comunitários que foram implementados no município.

⁵⁹ Entrevista: Sr. Juvêncio, agricultor, 73 anos, 27/10/2004.

A santidade dele. Tudo que ele queria, ele conseguia por causa de seu “dom” que Deus deu para ele. Eu tinha muita fé nas palavras dele. Mesmo depois de casado, ele começava as reuniões com a palavra de Deus e isto me encantava. Porque eu confiava muito nele, ele era muito sincero e muito amigo. Eu quase morri quando ele adoeceu e foi em um momento em que ele iria ganhar a política (1996). [Dona Felicita, Bordadeira, 75 anos, 27/10/2004].

Padre Antônio não se igualou a Jesus Cristo, mas era um homem de muita fé. Ele sempre falava em fé. Ele tinha uma fé intensa, a ponto de remover montanhas. Esta construção da Matriz é um milagre pela época e pela condição da comunidade. Eu vou te contar uma história, eu nunca fui obcecado por Padre Antônio, eu acho que eu fui sempre muito equilibrado. Então, nasceu o meu 4º filho, ele nasceu com problemas devido ao atraso do parto, ele nasceu com problemas de dificuldades de respiração e a própria enfermeira falou que as coisas estavam muito difíceis para o menino. Está muito sério e o menino não vai sobreviver. Lembrei de Padre Antônio na mesma hora para dar uma bênção no menino, pois muitas pessoas faziam isso. Minha esposa concordou e eu também, e eu fui à casa dele, expliquei para ele a situação e lhe disse que ele seria o padrinho do menino, juntamente com a minha irmã. Ao relatar o fato do menino, ele afirmou que o meu filho iria sobreviver e se deslocou na mesma hora para o hospital. Chegando lá, pegou a criança que estava na estufa e falou, você será um grande homem! Você é muito bonito! Você vai sobreviver! Em seguida, Padre Antônio já me chamou de compadre e me tranqüilizou. Isso me emociona muito e não sei se é milagre ou não, mas acho que a força e a fé dele era tão grande junto com a minha fé, e o meu filho esta aí, e hoje é o meu “braço direito”. [Sr. Bonsucesso, Empresário, 69 anos, 26/10/2004].

Esses relatos, que contaram com emocionado reconhecimento da importância de Padre Antônio na vida dessas pessoas, trazem à tona práticas e acontecimentos que a ciência, e a própria religião procuram analisar cuidadosamente. Mas por outro lado, o valor de gratidão expresso nos olhares daqueles que testemunharam tais “milagres ou curas” são essenciais para configurar o influente líder religioso e político que foi Padre Antônio, para a população de São Domingos do Prata. Independentemente da veracidade ou não dos fatos relatados, Padre Antônio carregava consigo sempre a disponibilidade de ajudar o próximo e acreditava que quanto mais pessoas ele pudesse ajudar, maior seria sua gratidão a Deus. Ele valorizava o ser humano de uma forma tão peculiar, que poucos ou nenhum, dos religiosos que o sucederam, tocou tão profundamente a vida das pessoas de São Domingos do Prata como ele. Ele acreditava que sua missão era estar sempre a serviço do povo, não somente pregando o evangelho, mas principalmente, vivenciando na prática esse mesmo evangelho, como o confirma o testemunho seguinte:

A liderança de Padre Antônio, era aquela liderança de colocar o povo pra produzir, pra trabalhar. E este trabalho obteve o resultado que todo mundo esperava, mas ele nunca foi um líder autoritário, de usar aquela liderança que ele tinha para poder citar o que devia ser feito ou não. Ele sempre foi um líder moderno e participativo. Ele sempre participava ativamente daquilo que ele mesmo programava com as outras pessoas. Era um homem que te escutava muito. Eu resumo Padre Antônio como um “fenômeno da época.” Não é fácil encontrar outro Padre Antônio. O homem deixou muita marca. Ele era muito carismático e sempre preocupava com o bem-estar do povo, da cidade, da igreja. [Sr. Bonsucesso, Empresário, 69 anos, 26/10/2004].

No Brasil, casos semelhantes ao de Padre Antônio sempre foram comuns. Em um país com expressiva diversidade cultural, exemplos de padres ou místicos que possuem a capacidade de realizar “milagres” ou “promover ações messiânicas” podem ser encontrados nas mais variadas regiões do país, como são os casos particulares de Padre Cícero (Juazeiro do Norte – Ceará), Antônio Conselheiro (Canudos – Bahia), Monge José Maria (Guerra do Contestado – Paraná e Santa Catarina) e Frei Damião (Pernambuco), que possuíam forte poder de persuasão e liderança no seio da comunidade em que atuaram. São considerados “Homens Santos” ou “Heróis” que utilizaram suas vidas para proteger e orientar as camadas populares indefesas e excluídas do convívio social. A morte dessas lideranças religiosas não conseguiu apagar seus feitos e contribuições; pelo contrário, imortalizou-as, na memória e na história da população onde viveram suas realizações, e hoje em dia são lembradas ora como “Santos”, ora como “Mártires”, ou simplesmente, como pessoas que deixaram marcas profundas por onde viveram ou passaram.

3.4 ALGUMA COISA PODE SER FEITA

Preocupado com a situação de restrição econômica e financeira pela qual passavam os produtores rurais da região do Prata, Padre Antônio, com o apoio da Legião Brasileira de Assistência (LBA) e da Diocese de Itabira, bem como das Irmãs Dominicanas, organizou um “Movimento Comunitário” no sentido de conhecer e identificar os principais problemas vivenciados pelos pequenos e médios produtores rurais. Diante dos problemas identificados, foram organizados na segunda metade do decênio de 1960, pequenos grupos com pessoas das áreas urbana e rural, denominadas “Células Comunitárias.” Nas Células Comunitárias, procurava-se organizar a comunidade, dando-lhes participação e voz – tal como acontecia nas CEB’s (Comunidades Eclesiais de Base), que, no início, eram voltadas para dentro das questões pastorais – as Células Comunitárias voltavam-se para fora da Igreja, para o povo. PEREIRA (1991), afirma que foram organizadas, nessa época, 32 Células Comunitárias, sendo 12 na cidade e 20 nas comunidades e distritos rurais, “tendo como preocupação maior o aumento da produção e da renda, através da participação

comunitária.”⁶⁰ E essa participação, não ocorria até então, segundo o relato do próprio Padre Antônio.

Então, isso é resultado de quê? Da não participação, e não progresso. Então, a nossa tentativa é que através da participação e da produção, haja o que nós estamos chamando de “progresso para todos.” Na medida em que as pessoas comecem a perceber que o ovo é bom para mim, para os meus filhos, começa a usar o ovo para sua alimentação e vender somente o que sobrou, e daí por fora (dar o alimento para o gato, cachorro, etc. somente o que sobrou). Eu vou começar nas áreas mais pequenas, com um Sr. da comunidade da Serra, uma das comunidades mais pobres do município. Depois montamos um grupo de trabalho comunitário com cursos de costuras, bordados, não sei o que, etc. Tinha um Senhor lá com um terreninho com água por cima, aí eu o perguntei: quem sabe o Senhor pode plantar um saco e colher dois (plantio de arroz)? Quem sabe você podia pensar em plantar diferente, eu vou chamar aqui o pessoal da EMATER. Vocês querem? Levei o homem da EMATER lá! O resultado foi que uns que colhiam 2, começaram a colher 25. Nossa Senhora! Começaram a plantar arroz em tabuleiros feitos no carrinho de mão. Ele, sua mulher e seus filhos fizeram também. Plantou 8kg de mudinhas e colheram 25. Agora, o resultado já aumentou. Já aumentou, o resto de terreiro que ele tem, já está com mais tabuleiros, e este ano se Deus quiser, devem colher uns 40 sacos de arroz. (Entrevista de Padre Antônio ao **Jornal Caminhando** em Agosto de 1985).

Nota-se que essa atitude apenas solucionava parte dos problemas, tornando-se necessário resolver o problema de comercialização e distribuição do que vinha do meio rural e de pequenas áreas, como a hortifruticultura, encontrada no meio urbano. Na tentativa de solucionar os problemas de comercialização e distribuição de produtos, foi organizada, por intermédio das Obras Sociais São Domingos de Gusmão (O. S. S. D. G.), no ano de 1972, a “Feira do Produtor.” Essa iniciativa inovou o modo de produção, comercialização e distribuição de produtos agrícolas, até então organizados no município. O objetivo principal da “Feira do Produtor” era trazer autonomia e independência aos pequenos e médios produtores rurais que buscavam sair da condição de simples trabalhadores, para a condição de “empresários rurais.” Com isso, não mais se preocupava em buscar produtos de fora do município, mas a preocupação era principalmente manter erguida a bandeira dos produtores rurais do município, que tinha como lema “Produtos da região para a região.”

Em meio à euforia de poder se desvincular dos atravessadores e receptores de seus produtos, surgiu no seio da “Feira do Produtor” e sob a articulação e liderança de Padre Antônio, um movimento em prol do cooperativismo com o desejo de criar uma

⁶⁰ PEREIRA, J. R., **Movimento associativista rural e Igreja em São Domingos do Prata-MG**. Dissertação de mestrado. Lavras: ESAL, 1991, p-55.

entidade paralela à feira, que pudesse viabilizar e fortalecer as relações entre pequenos produtores e trabalhadores rurais, visando a um maior esclarecimento nas negociações com o mercado e com os patrões. Assim, na segunda metade do decênio de 1960, nasce a idéia da criação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Domingos do Prata, alicerçado em uma proposta “independente” e “combativa”, mas que na prática ficou restrito às negociações trabalhistas entre trabalhadores e patrões:

O movimento pelos direitos do trabalhador rural, desencadeado pelo Sindicato, naquele período, constituiu o eixo das disputas entre patrões e empregados no município. O grande número de demandas trabalhistas, referência constante nos relatos foi, segundo a percepção dos representantes das instituições, o resultado da orientação do Sindicato, no sentido de “insuflar os trabalhadores contra os patrões.” São relatos que, ao expressarem uma forte oposição à direção sindical, manifestam, em suas percepções, expectativas quanto às funções e papéis atribuídos ao Sindicato.⁶¹

Dessa forma, o sindicato é oficialmente formalizado e legalizado em 09 de Agosto de 1970, buscando, com as instituições e segmentos sociais do município, contribuir, não só para o desenvolvimento dos trabalhadores e pequenos produtores rurais, mas principalmente, lutando pela estabilidade econômico-financeira do “homem do campo”, frente aos inúmeros desafios por ele vivenciados no contexto local e nacional.

Com o avanço das atividades realizadas na “Feira do Produtor” e percebendo a necessidade de dinamizar o processo de comercialização e distribuição dos produtos da feira, foi organizado um movimento no interior da Feira do Produtor na segunda metade do decênio de 1970, visando transformá-la em cooperativa. Contando com amplo apoio das principais lideranças política e comunitária local e com a orientação de órgãos como a SUDECOOP (Superintendência do Desenvolvimento do Cooperativismo), foi implementada, no ano de 1978, a CORPRATA (Cooperativa Agro-industrial de São Domingos do Prata), que tinha como objetivo principal eliminar os entraves legais e burocráticos que limitavam maior atuação da Feira do Produtor e restringia o desenvolvimento efetivo dos produtores associados.

Como consequência de suas inúmeras ações em benefício da comunidade local, na condição de ex-sacerdote da Igreja Católica, Padre Antônio expressou a um grupo mais organizado e politizado o desejo de se tornar prefeito do município. Após

⁶¹ SILVA, L. H. da, **Sindicato de Estado, representação e assistencialismo: a trajetória histórica de um sindicato de trabalhadores rurais**. Dissertação de mestrado. Viçosa: UFV, 1995, pp-44-45.

essa revelação, foram articuladas alianças políticas em vários segmentos da sociedade e a partir de alguns acordos políticos com as principais lideranças políticas locais, Padre Antônio teve efetivada em 1982, a sua candidatura ao cargo de vice-prefeito do município, depois de se submeter ao crivo da estrutura política institucionalizada no município.

Sendo assim, por meio de uma reflexão das principais campanhas políticas (1982, 1988 e 1992) que Padre Antônio participou, buscou-se demonstrar as evidências que possibilitaram descrever os principais acontecimentos e fatos que levaram a população de São Domingos do Prata a não reconhecer em Padre Antônio características políticas que o permitisse assumir o cargo de prefeito do município, apesar de suas múltiplas habilidades de liderança e de sua inesgotável dedicação em favor do progresso das pessoas e do município. Por outro lado, buscou-se analisar as estratégias políticas utilizadas pelos outros candidatos, para manter a hegemonia política local. Essa análise será apresentada a seguir, sendo dividida em três momentos políticos, quais sejam, campanhas políticas municipais de 1982, 1988 e 1992.

3.5 CAMPANHA POLÍTICA DE 1982

A estrutura política no município de São Domingos do Prata, a partir da segunda metade do século XX, teve a sua manutenção alicerçada em valores tradicionais como troca de favores, mandonismo e favorecimentos por parte de uma elite de poder, constituída principalmente, por pessoas ligadas a determinados grupos de profissionais liberais e servidores públicos do município, além de produtores rurais de grande prestígio no meio social. Esses valores tradicionais que norteavam esta estrutura política perpetuam-se até hoje em cidades do interior do Brasil, principalmente naquelas menos populosas e com aspiração agrícola. Por outro lado, novas forças políticas têm surgido em todo Brasil, apesar da predominância de práticas políticas tradicionais, e constituem momentos de renovação, participação e atuação popular nas principais decisões políticas do país:

Lentamente tem sido construído no Brasil um novo tecido social onde desponta uma nova cultura política, ao lado das antigas formas de representação política integradoras, assistenciais e/ou clientelistas, que infelizmente, ainda são hegemônicas. Inaugura-se uma nova era de fazer política na gerência dos negócios públicos, à medida que surge, a partir de novas formas de representação política popular, exemplos da nova era da participação, agora ativa e institucionalizada. E tudo isso ocorre nos marcos de um cenário de profunda crise econômica, onde se destacam as lutas e tensões entre velhos e novos atores sociais, em busca de espaços na arena sócio-política existente.⁶²

Em meio a essa configuração da realidade política nacional e local, as lideranças políticas emergentes no município de São Domingos do Prata sofriam todo o tipo de “combate” e eram retiradas de cena no sentido de eliminar quaisquer tipos de ameaças que por ventura viessem colocar em risco a estrutura política tradicional vigente. As estratégias políticas utilizadas diversificavam-se, conforme o grau de influência das lideranças emergentes que almejavam chegar ao poder político municipal. Eram estratégias de alianças de pessoas ou segmentos sociais vistos como essenciais no processo do “jogo político”, como a figura do médico, do grande produtor rural, do juiz, do chefe de polícia e do empresário, além de “acordos políticos” com lideranças comunitárias e religiosas, que eram “presenteadas” com cargos institucionalizados e ajuda materiais.

Dessa forma, no início do decênio de 1980, surgiu como “nova liderança política emergente”, a figura de Padre Antônio que, mesmo na condição de ex-pároco da Igreja católica, ainda era gentilmente chamado por todos de padre. Porém, com a aproximação das eleições municipais de 1982, Padre Antônio tornou público o seu desejo de ser candidato a prefeito de São Domingos do Prata. Percebendo a mobilização política e social em torno da candidatura de Padre Antônio, a elite política local, institucionalizada na figura do médico, que detinha o poder até então, diante da “ameaça” que constituía a candidatura de Padre Antônio, articulou um movimento político, no sentido de anular a aspiração política de Padre Antônio em sair como candidato a prefeito do município e o colocou na condição de candidato a vice-prefeito mediante “acordo político” entre legendas partidárias. Assim, mobilizou políticos influentes do município e conseguiu articular uma aliança política, em que Padre Antônio foi legitimado como candidato a vice-prefeito do candidato da situação João

⁶² GOHN, M. G., **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. 2ª ed., São Paulo: Cortez, 2001, p-90.

Brás. O objetivo dessa aliança política era garantir a permanência do poder municipal local nas mãos do antigo grupo político que já estava no poder desde os anos de 1960. Para tanto, segundo testemunhas da época, foi feito, verbalmente um “acordo político”, com divisão de mandato da gestão municipal (1983-1988). Contando com a presença de políticos influentes do município, ficou decidido que, durante os primeiros três anos, João Brás seria o prefeito e os três anos finais, caberia a Padre Antônio assumir o posto de prefeito da cidade:

Na verdade Padre Antônio se candidatou por três vezes a prefeito, com inclusão do seu primeiro mandato como vice-prefeito (1983-1988), na perspectiva via “acordo político” (quem formou este acordo foi o Dr. Antônio que fez a coligação entre PDS e PMDB), entre ele e o prefeito eleito João Brás, alternando o mandato de três anos para cada um (Padre Antônio – PDS e João Brás – PMDB). Na minha opinião, muitas coisas contribuíram para que ele não ganhasse as eleições em que disputou, entre elas: 1º) Excesso de zelo na preservação dos valores éticos (para ele valores éticos era dizer a verdade sobre os fatos, custasse o que custasse), sendo que isto não era bem visto pela questão partidária, ou seja, a conduta é fruto daquilo que ele concebia como digno e honesto (valores religiosos – como os ensinados por Cristo como a verdade, a doação, a solidariedade e o respeito), construindo uma filosofia própria de vida. 2º) A dificuldade em acreditar que as pessoas eram capazes de faltar com a verdade, e mesmo de trair a sua confiança (fingimento, traição política e calúnias), como meios para se conseguir determinados fins (aproveitar do poder e credibilidade que Padre Antônio detinha, bem como inveja e ciúmes da capacidade de mobilização que ele possuía para conquistar cargos políticos (prefeito, vereador e secretarias municipais). 3º) achar que “praticar o bem” (viver em função das pessoas praticando o trabalho e promovendo as pessoas) era o bastante para obter o aval das pessoas em uma urna. 4º) um outro ponto que eu vejo que ele foi muito prejudicado, foi a incapacidade de responder a uma calúnia com outra calúnia, levando-o ao sofrimento e abatimento pessoal, pois ele achava que todas as pessoas, a princípio, eram boas ou dignas de confiança. Tal fato o prejudicava sistematicamente. (Dona Juventude, Professora, 57 anos, 09/10/2004).

Percebe-se, a partir desse depoimento, que uma das estratégias mais utilizadas por Padre Antônio nas campanhas políticas em que disputou era a confiança irrestrita nas pessoas e a possibilidade em ser reconhecido por meio dos votos, pelas suas inúmeras obras sociais que desenvolvia localmente. Mas, na contra mão de sua “ética pessoal” vigorava uma estrutura política de poder e dominação que conflitava constantemente com seu ideal de renovação e interesses em promover uma administração participativa “para e pelo povo.”

Na primeira vez, ele não foi eleito prefeito porque as lideranças políticas do município manipularam sua candidatura e ele saiu como candidato a vice-prefeito. Essas lideranças políticas tinham medo do carisma e magnetismo que Padre Antônio detinha. Desse “olhar diferente”, de se fazer as coisas diferentes. Então, eles temiam a sua ascensão política e a possibilidade de não perdê-la jamais. Ficar no poder político durante anos e conquistar o espaço político nos vários segmentos sociais. E daí ele não foi prefeito, por questões políticas mesmos. Então, o líder político que estava na frente do poder enquanto liderança política partidária no município, pensou o seguinte em termos de estratégias políticas: se Padre Antônio é uma liderança influente aqui no município, porque eu vou deixar ele ocupar o espaço político aqui? E isso vem da “sabedoria política” ou da “raposagem da política”, pois,

se Padre Antônio é uma “ameaça”, porque eu vou deixá-lo ocupar algum espaço na política. (Sr. Justiça, Funcionário Público, 40 anos, 27/10/2004).

A “sabedoria política” emanada das práticas daqueles que governavam o município na época, era fruto de relações de assistencialismo, clientelismo e favorecimento de pessoas que possuíam posições estratégicas em suas comunidades, favorecendo a atuação da elite de poder local e possibilitando anular a curto e médio prazos, quaisquer tentativas de ascensão de novas lideranças políticas, que não possuíssem o aval das lideranças políticas tradicionais. Mesmo lideranças como a de Padre Antônio, por mais prestígio que tivesse no meio social, eram facilmente deterioradas pelos políticos que detinham o poder e a máquina pública em suas mãos, e que acionava todos os instrumentos e ferramentas necessárias em épocas de campanhas eleitorais, inibindo ou reduzindo a interferência de lideranças contrárias às suas aspirações.

Só para se saber como a liderança de Padre Antônio era forte, ele foi colocado como vice-prefeito de João Brás, sendo que ele foi o responsável direto pela vitória de João Brás. Portanto, foi selado um “acordo verbal” para se criar um rodízio de três anos entre eles, o que não foi cumprido, deixando Padre Antônio muito chateado. João Brás, somente foi eleito pela ação de Padre Antônio, que visitou naquela época em torno de 4.500 casas, pedindo votos à comunidade. Na época do acordo, o prefeito era Dr. Antônio Roberto Lopes de Carvalho, que organizou o “acordo político” chamando Padre Antônio para ser vice, e o próprio Dr. Antônio Roberto em entrevista ao **Jornal Caminhando**, relatou o acordo firmado, lembrando que Padre Antônio somente foi convidado, por ser naquela época a maior liderança do município. Dr. Antônio Roberto, afirmou ainda, que a única forma de ganhar a política daquela época, era através de uma aliança política com Padre Antônio. O próprio prefeito João Brás, após a eleição de 1982, não deixou Padre Antônio atuar na prefeitura, sendo excluído de participar efetivamente, levando-o para o prédio Durval Mendes, onde funcionava o almoxarifado da prefeitura, distante do gabinete do prefeito, eliminando sua participação. A partir dessa decepção, ele saiu como candidato a prefeito, na qual atuei como coordenador de sua campanha, por possuir a mesma filosofia de trabalho de Padre Antônio, ou seja, uma administração participativa, trabalhos comunitários, saúde preventiva, construções alternativas, agricultura natural ou ecológica, educação mais voltada para o resgate da cidadania. (Sr. Curador, Profissional Liberal, 53 anos, 26/10/2004).

Porém, Padre Antônio jamais escondeu o seu desejo de se projetar politicamente no município de São Domingos do Prata, assumindo o cargo de prefeito, pois acreditava que, enquanto administrador dos recursos públicos poderia potencializar suas ações no sentido de minimizar as velhas desigualdades econômicas e sociais, utilizando o dinheiro público em prol do desenvolvimento econômico, social e, principalmente do ser humano. Mas, por obra do “jogo político” que se instituiu no município, no período em que Padre Antônio esteve realizando trabalhos religiosos, políticos e comunitários (1958-1998), ele não obteve a ressonância desejada, apesar de

ter dedicado a maior parte de sua vida em benefício do progresso do município, bem como do bem-estar social da população local. Assim, ele mesmo relata as ações em prol desse ideal maior:

Então, em São Domingos do Prata, dada a situação em que eu não consegui ser prefeito, pois fui impedido. Eu sempre tive uma visão voltada para o social, conseqüentemente o meu trabalho no Prata foi voltado totalmente para o social, de maneira que a pessoa humana possa crescer como pessoa humana. A pessoa irá crescer, tornar dona do seu próprio destino, sem ter simplesmente as coisas em mãos. Foi aí que nós partimos para a organização; organizar a comunidade. A comunidade que não esta organizada não tem jeito de crescer. Qual a maneira que nós achamos para organizar a comunidade? Através das estagiárias de ensino, nós a levamos para as comunidades e começamos a organizar a comunidade em Conselhos de Desenvolvimento Comunitário (CDC's). Os CDC's tinham que crescer de baixo para cima, e não criar uma cúpula para crescer de cima para baixo. Mas, nessa hora então, nós iniciamos as ACD's (Associações Comunitárias de Desenvolvimento); foi indo 1, 2, 3, 4,..., 15,..., 20.... associações; e hoje (1985) já são 47 associações. Sendo que todas as diretorias deveriam ser eleitas diretamente e secretamente pelas pessoas da própria comunidade, e anualmente, e isto era muito importante, porque às vezes a comunidade erra para escolher o líder, sendo o mandato da diretoria de um ano. Desse modo a comunidade terá a oportunidade de escolher um outro líder (diretoria). (Entrevista de Padre Antônio ao Jornal Caminhando em Agosto de 1985).

Assim, Padre Antônio, em seu mandato como vice-prefeito (1983-1988), utilizou de sua credibilidade frente a vários políticos e instituições como a LBA e demais instituições governamentais e não governamentais, para liderar um movimento de mobilização e organização das comunidades rural e urbana, constituindo o Conselho de Desenvolvimento Comunitário (CDC), que segundo Padre Antônio, baseava-se em cinco P's (Participação Popular, Progresso, Produção, Paz e Poder de Decisão). Sendo assim, ele mesmo esclarece o ideal da organização:

Então, o primeiro "P" significa participação. Participar nas eleições de suas associações, das diretorias de suas associações. Então, a medida em que elas vão participando, elas vão sentindo os seus problemas, suas dificuldades, seus anseios, os problemas financeiros e econômicos, os problemas de produção, de empregos, e de tantas coisas que aparecem lá (Casa, Moradia, Saúde, etc.). Então, pela participação eles começam revelar os problemas deles. Com isso, o que quer que aconteça, elas começam a perceber a necessidade em progredir, porque sem progredir como é que eles vão comer, viver, ter uma casa melhor, ter um chuveiro, etc. (Entrevista de Padre Antônio ao **Jornal Caminhando** em Agosto de 1985).

Este conselho tinha por finalidade organizar as comunidades do município, para que elas próprias pudessem levantar seus problemas e sugerir instrumentos para solucioná-los. Diante da extensão territorial do município, foi sugerida pelas lideranças locais a constituição de sedes associativas nas próprias comunidades, o que culminou com a criação das ACD's subordinadas ao CDC. Esses trabalhos comunitários proporcionaram o fortalecimento das comunidades que, além da sua organização,

dispunha de maquinários, insumos e recursos financeiros para promover o desenvolvimento local.

Nesta mesma época, por volta de 1985, Padre Antônio, juntamente com as lideranças locais, ajudou a organizar a implantação de uma micro-destilaria de álcool no município, visando ao desenvolvimento e progresso da região, bem como à geração de emprego e renda à população local. Com a chegada de José Sarney (1985-1990) à presidência da república, uma série de medidas econômicas foram tomadas no intuito de estabilizar a economia do país. Essas medidas culminaram com o congelamento de preços e controle temporário da inflação, conseqüentemente, o cenário internacional e nacional assistiam a uma estabilização do preço do petróleo, que chegou a estar abaixo do preço do álcool, inviabilizando sua produção, acarretando em fechamento de usinas e micro-destilarias como foi o caso da recém-instalada micro-destilaria de São Domingos do Prata, que fechou após o primeiro ano de funcionamento.

Entretanto, o papel desenvolvido por Padre Antônio, nesse caso, como representante político indireto, quando foi vice-prefeito, permitiu a ampliação de suas ações a áreas até então não atingidas em fase anterior, como “representante religioso.”

As ações organizadas e implementadas por Padre Antônio, sempre visaram o bem comum ou o trabalho coletivo. Então, seja como religioso ou como político, Padre Antônio sempre se caracterizou como uma liderança circunstancial, assumindo determinadas posturas de acordo com os acontecimentos e fatos percebidos na realidade local:

Em certos momentos ele não foi uma liderança totalmente democrática. Isso pela própria oportunidade que ele não teve no seminário de ser uma “liderança democrática”. Mas ele aprendeu, enquanto religioso, que deveria exercer uma “liderança autocrática”. Mas, mesmo sendo uma liderança autocrática, eu acredito que foi uma liderança do “bem”. Depois quando ele teve a oportunidade de sair da igreja, e fazer experiência das conveniências que ele teve e da própria esposa, ou do próprio Concílio Vaticano II, de tudo isso ele se tornou uma liderança “aberta”, começando a aceitar determinadas posições. Houve momento quando ele dava a palavra final, e também houve momento que ele teve que ouvir. E quando ele teve que ouvir, ele teve humildade para isso, ele soube ouvir. (...) Pois é preciso ter alguém ali no meio do povo que seja o fermento pra sempre está animando o povo. E esse fermento, e esse elo animador, após a morte de Padre Antônio, deixou de existir. Talvez seja por outra coisa também, porque ele não conseguiu formar um outro líder; um líder que o sucedesse. Uma pessoa que fosse uma liderança nascida desse movimento por ele criado. Não nasceu, não surgiu esse líder. Bibiana [sua esposa] fez o papel dessa liderança, mas um líder como ele, ainda não foi criado. E isso aí eu não sei dizer o porque disso. Talvez, não sei, essa ausência de liderança, possa ser explicada pela falta de carisma igual ao que ele tinha, pelo seu olhar de compaixão, pela falta de sensibilidade, pelo olhar cristão incomparável; esse olhar de inclusão social e de ver o próximo como o mais

importante naquele momento. Ele tinha essas características e as outras lideranças eram diferentes. São lideranças políticas e sociais com visões diferentes e ausentes de vaidades humanas, que Padre Antônio possuía, e elas não. Ou talvez, até por ignorância ou desconhecimento em ter uma visão a respeito do ser humano que Padre Antônio tinha. (Sr. Justiça, Funcionário Público, 40 anos, 27/10/2004).

A liderança exercida por Padre Antônio, aos olhos da comunidade que ele fez parte durante 40 anos, reflete não somente o seu poder de líder religioso ou político, mas principalmente, de uma liderança que assumia com toda a profundidade, entusiasmo e dedicação os trabalhos comunitários, políticos e pastorais que exercia. De acordo com os relatos das pessoas entrevistadas, a população local da época era carente de lideranças que mantivessem essa proximidade íntima, quase familiar, que procurava, não somente apontar os problemas da comunidade, mas buscava resolvê-los, sem levar em conta que o principal objetivo era proporcionar as condições necessárias para que a própria comunidade, além de identificar seus próprios problemas, tivesse a capacidade de criar possíveis estratégias em comum, para poder solucioná-los. Tais procedimentos, utilizados por Padre Antônio, no exercício de sua Liderança, fez com que PEREIRA (1991) concluísse que a ausência de metodologias de intervenção voltadas à participação efetiva dos membros da comunidade local, proporcionaram ações de intervenção voltadas para a “intervenção tutorial”. Mesmo que em determinados momentos, os vários discursos das lideranças locais se voltassem para o ideal de participação, cooperação e autonomia diante das principais decisões a serem tomadas, as práticas, porém, refletiam uma outra realidade, configurando ações de caráter tutorial.

O que facilitava as ações de intervenção de Padre Antônio, segundo PEREIRA (1991), era sua capacidade de possuir as seguintes características: primeiro, porque ele era um representante de uma instituição religiosa institucionalizada; segundo, a comunidade era constituída, em sua grande maioria, por pessoas de formação católica e que esperavam da igreja a resolução de seus problemas sociais; terceiro, o ideal de desenvolvimento cristão intrínseco na personalidade do pároco e o seu poder de comunicação; e por último sua origem rural.⁶³

⁶³ PEREIRA, J. R., **Movimento associativista rural e Igreja em São Domingos do Prata-MG**. Dissertação de mestrado. Lavras: ESAL, 1991, pp-55-56.

Então, na condição de vice-prefeito, Padre Antônio, mesmo com o cenário desfavorável a seu favor imposto pelo prefeito que não o deixou participar efetivamente do mandato (1983-1988), conseguiu, mesmo assim, mobilizar a população em prol da realização de algumas obras importantes para o município, como é o caso da constituição das Associações Comunitárias de Desenvolvimento (ACD's) ligadas ao Conselho de Desenvolvimento Comunitário (CDC), e sua participação na implantação da micro-destilaria de álcool. Não conseguindo efetivar sua candidatura para prefeito na eleição municipal de 1982, devido ao “jogo político” que existia em São Domingos do Prata, Padre Antônio foi convencido a ser o vice-prefeito na chapa de João Braz e, posteriormente, no meio do mandato de seis anos, poderia tornar-se prefeito conforme rezava o “acordo político” da época firmado entre Padre Antônio e o médico Antônio Roberto Lopes de Carvalho, prefeito na época. Em função das divergentes opiniões que se propagavam por todas as comunidades do município, os três envolvidos no “acordo político de divisão de mandato municipal” Padre Antônio, Dr. Antônio e João Braz fizeram os seguintes comentários:

Propomos a coligação de João Braz e Padre Antônio, para serem os candidatos a prefeito e vice, respectivamente. Precisávamos vencer as eleições no Prata e esta era a forma mais viável para não enfraquecer o nosso grupo. Sempre fui favorável aos acordos entre amigos e Padre Antônio que na época, possuía, inegavelmente maior liderança e grande capacidade de trabalho, só aceitava participar da coligação se houvesse a divisão de mandato. Realmente houve um acordo de participação mútua para dividirem o mandato, isso eu não posso negar. Entretanto, deve ser levado em consideração antes de mais nada, o interesse do Prata”, concluiu o Dr. Antônio Roberto. (Entrevista do ex-prefeito Dr. Antônio Roberto Lopes de Carvalho ao **Jornal Caminhando**, São Domingos do Prata – MG, em 12/10/1985).

O prefeito João Braz, por sua vez, demonstrou, surpresa ao ser questionado sobre o acordo. Pensou, por alguns instantes, e rememorou a campanha de 1982. Disse-nos a princípio, que não queria dividir a política pratina, que chegou a abrir mão de sua candidatura em favor do consenso, mas por circunstâncias muito fortes, por pressões das bases, acabou por aceitar em ser candidato a prefeito. “no mais esta história de dividir mandato não existe, e esta é uma decisão personalíssima, depende de mim, cabe a mim dividir ou não o mandato”, acabou por concluir João Braz. (Entrevista do prefeito João Braz ao **Jornal Caminhando**, São Domingos do Prata – MG, em 07/09/1985).

A minha preocupação sempre foi voltada para o social. Em 1977, eu retornei para o Prata, na condição de casado para transformar a “Feira do Produtor” em cooperativa. Daí a 3 anos, eu deixei a feira do produtor para ser o primeiro presidente da CORPRATA. Eu sempre quis fazer mais para São Domingos do Prata, então, eu resolvi ser prefeito e entrei na campanha de 1982. Eu fui impedido de ser prefeito, apesar de que havia um “contrato”, entre eu e João Brás, de divisão de mandato. (Entrevista de Padre Antônio ao **Jornal Caminhando** em Agosto de 1985).

Desiludido com o não compromisso político por parte de João Braz e seus aliados políticos, Padre Antônio mobilizou determinados setores da população local

para iniciar seus trabalhos políticos visando consolidar sua candidatura a prefeito nas eleições municipais de 1988. Tendo como referência a expressiva votação (ver quadro abaixo que mostra as principais eleições que Padre Antônio disputou) que adquiriu no mandato como vice-prefeito e sua boa relação com a comunidade, teve início no ano de 1988 a campanha política e alianças, visando à ocupação do cargo de prefeito do município de São Domingos do Prata.

QUADRO 3.5: DEMONSTRAÇÃO DOS RESULTADOS DAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS OCORRIDAS EM SÃO DOMINGOS DO PRATA – MG ENTRE OS ANOS DE 1982 A 1992

ELEIÇÃO MUNICIPAL/ANO	NOME DOS CANDIDATOS	PARTIDO/COLIGAÇÃO	NÚMERO DE VOTOS ADQUIRIDOS
1982	João Braz Martins Perdigão (Prefeito) e Padre Antônio Sebastião Ferreira Barros (Vice-Prefeito)	PDS – 1	5.778
	José Maria Fernandes (Prefeito) e José Luzia Pimentel (Vice-Prefeito)	PDS – 2	1.876
	José Raimundo Nunes (Prefeito) e José Eustáquio Carneiro (Vice-Prefeito)	PT	132
1988	Antônio Roberto Lopes de Carvalho (Prefeito) e Ailton Petrônio de Castro (Vice-Prefeito)	PMDB	5.498
	Padre Antônio Sebastião Ferreira Barros (Prefeito) e Maria Aparecida Semião (Vice-Prefeita)	PTB/PFL	3.501
1992	João Braz Martins Perdigão (Prefeito) e José Maria Fernandes (Vice-Prefeito)	PMDB/PFL	4.951
	Padre Antônio Sebastião Ferreira Barros (Prefeito) e Euclides de Oliveira Castro (Vice-Prefeito)	PDT	3.460
	Jusfith Chafith Felipe (Prefeito) e José Soares da Silva (Vice-Prefeito)	PT	430

Fonte: Cartório da 251ª Zona Eleitoral de São Domingos do Prata – MG.

3.6 CAMPANHA POLÍTICA DE 1988

No ano de 1988, o Brasil viveu um de seus momentos mais importantes com a promulgação e consolidação da Constituição Federal, depois de mais de vinte anos de ditadura militar. Nesse momento da história política do país, ressurgiu a democracia perdida no ano de 1964 a partir de um golpe de Estado. Em meio a euforias e manifestações por parte de estudantes, intelectuais, políticos, exilados, trabalhadores rurais e operários que comemoravam o início da redemocratização do país em 1988, tiveram início, neste mesmo ano, as eleições para eleger os prefeitos e vereadores dos municípios brasileiros.

Em São Domingos do Prata, o cenário político local estava preso a uma velha estrutura de dominação política que mantinha o mesmo grupo político no poder por mais de cinquenta anos ininterruptos. Em meio a esse cenário de hegemonia política, no município de São Domingos do Prata surgiu a candidatura de Padre Antônio, pela coligação PTB/PFL.

A imagem de liderança esculpida pela população local em relação a Padre Antônio se dividia entre dois extremos, tutorial e participativa. Tutorial por tomar a frente de tudo, centralizar em suas mãos as tomadas de decisões, identificar os problemas da população e propor soluções por si mesmo, sem levar em consideração a personalidade e individualidade da pessoa ou da comunidade. Participativo, porque ele atuava junto com a população nos diversos trabalhos comunitários, “botava as mãos na massa” e ouvia constantemente as pessoas, respeitando-as e mostrando o valor de cada um na comunidade.

Ser Padre é ser uma pessoa indispensável na história da humanidade. Ser padre é ser o “Deus da terra” no dizer de São Clemente. Então, falar em Antônio Sebastião Ferreira Barros é voltar ao passado/presente na sua pessoa como homem que esteve aqui para construir e crescer. Viveu intensamente e abriu caminhos. Não concordava com a rotina, não concordava com a estagnação. E assim poderíamos ir descortinando uma história de vida. Todavia, queremos continuar essa história juntos. A marca do progresso impulsionada por Padre Antônio em nossa comunidade e região, não pode deixar escapar com o tempo. (homenagem de João Batista Lima, em 22/02/2003 ao IPAN – Instituto Padre Antônio).

Em relação ao seu opositor político, o médico Antônio Roberto Lopes de Carvalho que chegou em São Domingos do Prata no decênio de 1960, sendo natural de São Pedro dos Ferros, sobressai as seguintes evidências: homem público que mesmo

no exercício de mandato enquanto prefeito do município não deixou, em momento algum de exercer sua profissão com dedicação, ética e amor. Ajudava aos mais necessitados e sempre se enquadrava no dito popular local de que “é Deus no céu e o médico aqui na terra”, dito esse que alimentava o imaginário coletivo da população do município. Executou obras importantes quando era prefeito e possuía muito prestígio no interior da população local. Por outro lado, alguns depoimentos evidenciam que ele era um político centralizador e que foi projetado na política local pelo Paulino Cícero. Foi por três vezes prefeito do município, uma vez deputado estadual (1994) e em 1998 ele ficou como suplente assumindo um curto mandato no legislativo estadual. Ele usava muito a medicina para sensibilizar o povo e trabalhava gratuitamente para ganhar votos como é o caso de realizar “ligaduras de trompas” de forma gratuita para a população.

A partir desse cenário, a campanha de 1988 colocou na mesma arena política dois personagens marcantes na história de São Domingos do Prata, quais sejam, o médico Antônio Roberto Lopes de Carvalho e o ex-pároco Padre Antônio. Depois de ser impedido de exercer efetivamente o seu mandato como prefeito na época em que era vice-prefeito mediante “acordo de divisão de mandato”,⁶⁴ Padre Antônio articulou com políticos locais e regionais alianças políticas que o colocaram como candidato ao cargo de prefeito em disputa com o candidato da situação e ex-prefeito, o médico Antônio Roberto Lopes de Carvalho, nas eleições municipais de 1988, onde não faltaram apoios a Padre Antônio de representantes políticos de expressão estadual e nacional como é o caso do Deputado Federal José Santana de Vasconcelos e do ex-prefeito do município e então Deputado Federal, filho de São Domingos do Prata, Paulino Cícero, que ao falar de Padre Antônio expôs a seguinte situação ao povo pratiano, em um dos comícios de campanha:

Eu acho que é profundamente injusto que a prefeitura municipal de São Domingos do Prata continue sendo privilégio de meia dúzia de pessoas ou de famílias. Eu não quero ter privilégio. Eu quero lutar na política. Mas é profundamente injusto que a prefeitura, que a câmara municipal, que o poder constituído em nossa terra não seja passível de ocupação por todos os cidadãos que traga no peito essa marca sagrada, a de haver nascido em São Domingos do Prata. Uma observação que eu faço aqui,

⁶⁴ Vale lembrar que em termos legais não está prevista na Constituição Federal do Brasil a divisão de mandato entre prefeitos e vice-prefeitos, governadores e vice-governadores, presidentes e vice-presidentes da república. Os “vices” somente assumiram o cargo do titular em casos previstos na lei, como por exemplo, morte e desvios de condutas que tendem a penalizar a administração pública. Em caso de acordos políticos de divisão de mandato como ocorrido em São Domingos do Prata – MG entre siglas partidárias não há previsão legal para o mesmo.

quando eu digo que o tempo começou a mudar é porque eu acredito que São Domingos do Prata começou a se democratizar. O que significa democratizar? Significa fazer com que o poder constituído em nossa terra não seja privilégio de meia dúzia. Não seja privilégio de uma religião, não seja privilégio de uma raça. E só para dar um exemplo a vocês, em 1960, no recenseamento de 1960 entre 5.000 habitantes que moravam em nossa terra, irmãos pratianos, 53%, mais da metade dos pratianos, são, pelo recenseamento do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), pessoas da raça negra. E eu pergunto a vocês, algum negro em São Domingos do Prata já foi prefeito? Algum negro em São Domingos do Prata já foi vereador? O que está acontecendo? O que está acontecendo meus amigos e conterrâneos? É a opressão política que vai agora ser quebrada por um homem que é enviado do povo. Que é enviado do povo chamado Antônio Sebastião Ferreira Barros, o nosso Titoni. É assim que eu te vejo como enviado de Deus para preparar os caminhos do povo e fazer com que esta eleição seja tão grande quanto a sua missão que está aqui agora. A missão de fazer com que o nosso povo viva a sua realidade. E quem é o homem? Eu falei da missão. Falei da missão que ele veio para preparar os caminhos do povo para suas bodas com o poder. Esta é a missão que a história de São Domingos do Prata reserva para Padre Antônio. Mas quem é o homem? Quem é Padre Antônio? Difícil para mim falar em Padre Antônio quando cada um de vocês terá um depoimento maior, mais largo e mais extenso do que o meu sobre esse homem enviado para esse momento de nossa vida. (Discurso do Deputado Federal Paulino Cícero em Campanha Política de Padre Antônio na eleição municipal de 1988)



Comício de campanha de Padre Antônio em 1988: à esquerda, o Deputado Federal Paulino Cícero; ao centro, o candidato a prefeito Padre Antônio; e à direita o Deputado Federal José Santana de Vasconcelos. Foto: arquivo de família da campanha política de 1988.

Do outro lado da disputa encontrava-se o médico Antônio Lopes de Carvalho, que buscava chegar ao seu terceiro mandato e tinha amplo apoio dos partidários do atual prefeito da época, João Braz Martins Perdigão, influente produtor rural da região. Partidários de uma estrutura de poder e dominação política

tradicionalista e conservadora, com características bem próximas das práticas políticas “coronelística”, esse grupo desenvolveu uma série de estratégias, no sentido de neutralizar a candidatura de Padre Antônio. Dessa forma, a seguir será demonstrado depoimento sobre circunstâncias da política local, que relata as estratégias utilizadas pelos partidários da situação, com vistas ao impedimento de ascensão de novas lideranças políticas:

Foi feito um trabalho muito forte para que Padre Antônio não fosse eleito prefeito pelo médico Dr. Antônio Roberto – que se apoiava no chavão popular: “é o médico aqui na terra e Deus no céu” –, e as pessoas achavam que se não votassem no médico, elas poderiam não ser mais atendidas nos consultórios e hospitais. Existiam também calúnias como acusando Padre Antônio de usar o dinheiro da LBA (Legião Brasileira de Assistência) para comprar telhas de amianto, feijão, etc. e depois vendia para as pessoas das comunidades atendidas por ele. Que lugar do padre é na igreja. Ameaças e perseguições. Compra de votos com materiais de construção e fraudes eleitorais. Resumindo, eu acho que a população não estava preparada para entender as idéias revolucionárias (Administração Participativa e Comunitária) que Padre Antônio estava trazendo para o município naquela época. Então, por falta de informação e pela presença de uma cultura subdesenvolvida que a gente tem em nosso país, pois a maioria da população não recebeu uma educação suficiente para distinguir o verdadeiro político do falso. (Sr. Curador, Profissional Liberal, 53 anos, 26/10/2004).

O ideal de transformar radicalmente a vida dos pequenos produtores pauperizados e dos segmentos menos favorecidos, bem como contribuir para a aceleração do processo de desenvolvimento do município, não foi assimilado pela população da época como algo que poderia trazer retornos favoráveis a todos, mas ao contrário, em determinados momentos foram vistos como idéias que fugiam ao modelo político até então vivenciado. Essa insegurança popular quanto ao “novo” e o enraizar-se de valores políticos tradicionais que perduravam por mais de cinquenta anos no município, são fatos que ajudam a justificar em partes as sucessivas derrotas eleitorais de Padre Antônio. Mas, havia também aqueles setores ligados à política local que temiam a ascensão de Padre Antônio à prefeitura, devido a sua forte influência no meio social.

Ele não foi prefeito porque as lideranças políticas do município sentiam-se inseguros pelo espaço políticos que ele poderia conquistar, porque já como vice-prefeito ele teve uma atuação muito marcante nas comunidades. Então, o sujeito deve pensar, se ele é uma “ameaça”, porque então não podá-lo, e se eles deixassem ele ascender politicamente, porque se ele chegasse, ele abafava as outras lideranças políticas. Aí você me pergunta: ele foi tão envolvente, tão líder, porque ele não obteve votos para ser prefeito? Aí entra aquela coisa, são várias questões, e aí naquele momento político quem era Padre Antônio? Ele era um ser humano. E todo o ser humano é suscetível a erros e fraquezas. E as pessoas em que ele acreditava, também eram seres humanos. Outra coisa, era que a campanha política do outro candidato era mais rica, muito mais dinheiro. Às vezes a pessoa foi ajudada a vida toda por Padre Antônio e no momento da campanha política o outro candidato oferecia algum tipo de material (promessas de emprego, favorecimentos, doações imediatas de alimentos e dinheiro; materiais de

construção; valia tudo na política) e ele votava contra Padre Antônio. Valia tudo para ganhar as eleições por parte dos adversários. No caso de Padre Antônio, tudo tinha que ter um limite e chegava em determinado momento em que ele se conscientizava que certas práticas políticas não eram condizentes com sua ética e ideais, aí ele se limitava para não fazer determinadas ações semelhantes a seus adversários políticos. Isso tudo confrontava com seus valores religiosos cristãos e com a liderança política que ele detinha, não se envolvendo em certas politicagens. (Sr. Justiça, Funcionário Público, 40 anos, 27/10/2004).

Apesar de possuir essas características que o colocavam como a principal representação política do município, reconhecida até mesmo por adversários políticos, Padre Antônio não conseguiu adequar seu desejo de ser prefeito ao “jogo político secular” que fazia parte das eleições, alianças e acordos políticos do município, garantindo a permanência de uma elite de poder que conseguia anular quaisquer pretensões que ameaçassem a tomada do poder local.

Porque ele iria fazer uma revolução no modo de administrar, de maneira diferente. Ele iria fazer uma administração participativa, comunitária. Então, por exemplo, se tivesse que fazer uma obra em determinada estrada e o município não tivesse condições financeiras e materiais para realizá-la, Padre Antônio iria mobilizar a comunidade para ajudar a concluir a obra. Ele pensava pra frente, ele não iria ficar no gabinete da prefeitura só dando ordens, iria até as comunidades, liderando-as e trabalhando conjuntamente com os moradores das comunidades. (Sr. Justiça, Funcionário Público, 40 anos, 27/10/2004).

Nas campanhas e nos comícios dos candidatos a prefeito, enorme era a participação de deputados, secretários estaduais e políticos de cidades circunvizinhas de maior expressão, como é o caso da cidade de João Monlevade. O cenário das campanhas municipais configurava-se por meio de propostas envolvendo o meio rural, a questão ambiental, a pobreza, a falta de emprego, acusações recíprocas entre os candidatos, os feitos do passado, a história de vida, dentre outros. Para alguns partidários, valia de tudo para chamar a atenção do eleitorado. As disputadas eram acirradas com os dois lados, PMDB e PTB, trocando acusações e perseguições, e em tom difamatório, os partidários de Dr. Antônio, candidato pelo PMDB eram chamados de “formiguinhas”, enquanto que os partidários de Padre Antônio candidato pelo PTB/PFL eram chamados de “marimbondos”. Tal fato mantinha acesos os inflamados discursos de campanhas que eram refletidos em tom de acusações, ou apontando os benefícios realizados para o município nos comícios por ambos candidatos e aliados políticos. Do lado de Padre Antônio, os discursos se desenvolviam da seguinte maneira:

Foi sim, foi o povo quem falou, em todas as ruas, em todas as esquinas, em todos os povoados, em todos os córregos, em todos os distritos, em todas as fazendas desse município o nome é Titoni. Só

Titoni pode salvar o povo de São Domingos do Prata. Uma candidatura que nasce no meio do povo, que têm a identidade do povo, que quer servir o povo e a prova disso são os trinta anos de trabalho, trinta anos de dedicação, deixando, como bem disse hoje a Dona Maria José, um alto cargo na LBA (Legião Brasileira de Assistência) para vim servir a esse povo, na “Feira do Produtor”. Como sacerdote, que vida exemplar, filho do distrito do Bananal, criado no Catuli e no Bento, companheiro de vocês. Filho desse município, de pais pobres, mas que tem a vontade de restituir a esse município, de devolver a esse município tudo aquilo que esse povo fez para os seus pais, tudo aquilo que esse povo fez por ele, emprestando um apoio incondicional para a construção dessa maravilhosa matriz. Essa vontade de servir o povo, essa vontade de prestar ainda mais serviço a esse município, precisa de uma credencial, e essa credencial é o mandato de prefeito. E esse mandato está entregue primeiro a Deus e depois a vocês. (Discurso do Deputado Federal José Santana de Vasconcelos em Campanha Política de Padre Antônio, na eleição municipal de 1988).

A reflexão política mediante o discurso era direcionada para a vida pessoal do candidato atrelada a seus feitos e benfeitorias destinados ao povo. No caso de Padre Antônio, seus feitos enquanto religioso, sua origem no meio rural e sua dedicação em favor dos mais necessitados, eram freqüentemente lembrados visando sensibilizar o povo para sua vitória eleitoral. Os discursos inflamados e o prestígio que Padre Antônio possuía no meio social ajudavam constantemente a retórica dos candidatos que o apoiavam.

Mas deixem que eu fale, deixem que eu me lembre, porque ele nasceu em uma família muito humilde, extremamente humilde, lá no Bananal, como bem lembrava aqui o nosso querido Deputado Mendes Barros. Ele morou no Bananal, no Catuli, morou no Bento onde numa noite de uma casa sem energia elétrica, um grupo de homens guiados pelo meu pai traziam em clastre iluminado por tochas de bambu, o seu pai moribundo para morrer aqui em São Domingos do Prata, em uma noite lá do Bento. E o jovem Antônio desde cedo iniciado, não só na religião católica que abraçaria como sacerdote, mas iniciado nessa grande santa religião, que faz a grandeza dos povos, a “religião do trabalho”. Eu pergunto a vocês se alguém já ouviu ou alguém de sua família já ouviu falar que o Antônio vivia entre sedas e alfaias, vivendo no luxo, vivendo no desperdício ou vivendo na piagem. Não! Por que todo o testemunho que recolhemos do Antônio, do Padre Antônio, do Titoni, é sempre testemunho de um homem que fez do trabalho na igreja, nas comunidades e em todos os lugares a sua preocupação quase obsessiva. Padre Antônio é obcecado pelo trabalho. E eleito prefeito, se Deus quiser e com o meu voto no dia 15 de Novembro, ele fará do trabalho a sua religião entronizada dentro da prefeitura de nossa terra. Não tem outros compromissos. O único compromisso dele é com o trabalho, com a sua gente, com a sua terra, com a prefeitura municipal. Eu terei, meu querido amigo Padre Antônio, o enorme orgulho em dar o meu voto a você no dia 15 de Novembro de 1988. (Discurso do Deputado Federal Paulino Cícero em Campanha Política de Padre Antônio, na eleição municipal de 1988).

Por outro lado, o adversário político de Padre Antônio seguia com discursos provocativos e em tom de apontar suas benesses para o município em mandatos anteriores. Eis um depoimento de um dos opositores ao Padre Antônio:

Para fazer observações maléficas, não devo nada a ninguém. Tenho a tranqüilidade de realizar, nunca utilizei dinheiro de qualquer conta que seja, não compro ninguém com voto, não compro com dinheiro o voto, mas sempre ajudei com algumas coisas o povo nesses vinte e três anos de São Domingos do Prata. Portanto, não utilizo e nem a prefeitura utiliza, como muitos oportunistas estão dizendo, que a prefeitura está gastando dinheiro em minha campanha, não há absolutamente. João Braz nunca me

ajudou. Não vou ajudar e não preciso do João me ajudar. O João ajuda em obras naturalmente que ele faria em quaisquer circunstâncias como ele sempre fez, jamais para me beneficiar. Não fazemos este tipo de campanha, também não admito que alguém faça o meu inventário em vida, porque sobre qualquer pretexto se citei alguns nomes foi porque a crônica me solicitou. Tive sempre a lisura de não mencionar nomes, se alguém me citou porque apóia o outro candidato, foi por insistência dos outros. Sempre procurei ajudar as pessoas que me procuravam em quaisquer circunstâncias, então tenho um crédito! Um crédito moral com essa comunidade. Como todo mundo fala não vai ser agora que eu precisarei fazer política suja. Tenho uma profissão, fiz um juramento, e não vai ser agora que eu vou mudar o meu comportamento. Fiz um juramento perante aos homens e não vou mudar. Na minha profissão serei Dr. Antônio em todas as circunstâncias. Não admito subterfúgios em falar quem sou eu. Isso ou aquilo, que eu sou professor, etc. Não Admito! Eu sou é médico mesmo e serei sempre médico e, estarei com vocês em quaisquer circunstâncias. (Discurso do candidato a prefeito, Dr. Antônio, na eleição municipal de 1988)

A revelação por meio de palavras dos políticos da situação em não utilizar a máquina pública em proveito próprio nas eleições, mostra um outro lado, como o próprio candidato Dr. Antônio Roberto Lopes de Carvalho afirma anteriormente, de ajudar as pessoas com algumas “coisas” que não fosse o dinheiro público, o que independentemente da ajuda, material e, ou, prestação de serviços, confirma a tese de uma política clientelista com fortes indícios de assistencialismo. Outro ponto marcante nos discursos políticos dos candidatos, é em levantar questões generalizantes que ocorrem em qualquer parte do Brasil e do mundo, como por exemplo, a preocupação com o desemprego e o meio ambiente, como será exposto a seguir, e que possui alto poder de sensibilização da população em relação a essas questões:

Também muito de vocês não devem lembrar, mas essas árvores, fomos nós que plantamos, fomos nós juntamente com o pessoal da prefeitura, pessoas dedicadas, pessoas que se identificaram comigo. Nós íamos plantar essas árvores com especial carinho. Aqui também temos o nosso amigo Paulo Moraes a quem eu peço uma salva de palmas. Pessoa que muito nos ajudou na elaboração dessa planta e que sempre esteve ao nosso lado nos acompanhando com essa dedicação, com esse entusiasmo de bom pratiano, autêntico representante de São Domingos do Prata. Essa praça como todos vocês sabem, ela representa alguma coisa de grandiosa para nós, de uma certa feita, alguém quis inverter os valores e desfazer daquele que deu o nome a essa praça. Certo! Foi muito importante esse homem, mas omitiu, fez uma grande injustiça com aquele que construiu essa praça, não mencionou aquele que construiu essa praça. Isso dói no coração da gente. Isso dói no coração da gente, mas vocês darão a resposta na hora oportuna. Não sou homem agradecido, não tenho arrependimento dos meus atos, sempre procuro analisar meus atos profundamente, antes de tomar qualquer atitude para não ter arrependimento. Não tenho arrependimento dos meus atos. Arrependimento, deverão ter aqueles que cometeram violência. Arrependimento, deverão ter os lobos, os leões que querem assumir a pele de cordeiro. (Discurso do candidato a prefeito, Dr. Antônio, na eleição municipal de 1988)

Os discursos nos comícios políticos buscavam sensibilizar a população, tocando em assuntos como a história de vida sofrida, a conquista, por meio do suor do trabalho, a preocupação com os pobres e doentes, a ajuda material, psicológica e espiritual aos necessitados, dentre outros, que sensibilizavam o público, fazendo com

que esse se identificasse com os relatos dos políticos. Assim, buscava-se mudar a mentalidade do eleitor, ora posicionando-se a favor da manutenção da estrutura de dominação política que existia em São Domingos do Prata a décadas, ora propondo mudanças e renovação, no sentido de trazer uma administração municipal participativa e com a atuação efetiva da população no governo municipal.

3.7 CAMPANHA POLÍTICA DE 1992

Derrotado nas eleições de 1988 por uma diferença de quase dois mil votos (ver Quadro 6.3. da pág-79) a favor do candidato da situação, Dr. Antônio Roberto Lopes de Carvalho, Padre Antônio começou a desenvolver, nesse mesmo ano, a organização do Grupo Integrado para o Progresso do Prata (GIPP), que tinha por objetivo trabalhar junto aos pequenos produtores rurais que não faziam parte das cooperativas existentes do município, e que não possuíam vínculo com associações e sindicatos de trabalhadores rurais da região. Esses pequenos produtores, geralmente, caracterizavam-se por possuir pequenas faixas de terras, ou eram meeiros que trabalhavam nas terras dos fazendeiros, em busca de sua subsistência e de sua família.

Nessa mesma época, foram organizados por Padre Antônio, com o apoio da EMATER e do Sindicato Rural dos Trabalhadores Rurais de São Domingos do Prata, diversos projetos de plantio de feijão, alho, milho e arroz, sob orientação técnica da EMATER. Essa iniciativa contribuiu para aumentar a renda do pequeno produtor rural e possibilitou a realização de concurso para eleger o produtor rural que obtivesse maior produtividade em seu plantio, culminando com a formação de um banco de sementes selecionadas para futuros plantios. Foi realizada também, juntamente com a EMATER, a criação de tanques de peixes, organização de abelhas para produção de mel, incentivo à criação de cabras leiteiras e galinhas poedeiras, visando dinamizar e ampliar os negócios do pequeno produtor rural. Assim, foram realizadas compras comunitárias por meio da Secretaria Estadual de Abastecimento que, em parceria com as Associações Comunitárias de Desenvolvimento (ACD's), apresentavam os pedidos de gêneros alimentícios que vinham de Belo Horizonte, com preços controlados pela

CEASA (Central de Abastecimento de Suprimentos Alimentícios), chegando até as comunidades rurais com baixos custos.

Buscando aumentar a autonomia do produtor rural frente à dependência do comércio local de insumos agrícolas, foram feitas solicitações, às comunidades rurais, com o apoio da EMATER, para organizarem pedidos coletivos de compras de insumos e equipamentos a preços reduzidos. Por intermédio do Centro de Desenvolvimento Comunitário (CDC) e do Grupo Integrado para o Progresso do Prata (GIPP) foi organizado o “Momento da Feira Livre”, em parceria com os produtores rurais de São Domingos do Prata e a Prefeitura Municipal de João Monlevade que proporcionaram a ampliação dos negócios diretamente relacionados ao meio rural. Paralelamente, procurava-se deixar à disposição dos produtores rurais técnicos ligados à EMATER, que prestavam assistência e instruíam os produtores rurais, desde o plantio até a comercialização dos produtos.

Simultaneamente, o espaço reservado ao GIPP foi utilizado pelos seus membros para reflexão da situação sócio-política do município, o que permitiu consolidar novas alianças políticas, necessárias para levar novamente Padre Antônio a candidato a prefeito nas eleições municipais de 1992.

Novamente, os partidários da situação política local mobilizaram-se e efetivaram a coligação PMDB/PFL, tendo como candidato o ex-prefeito João Braz Martins Perdigão, que concorria ao seu segundo mandato como prefeito. Dadas as circunstâncias políticas do momento, atreladas aos valores políticos tradicionais, como a troca de favores, distribuições de materiais e cestas básicas, compra de votos, utilização da “máquina pública”, fraudes eleitorais, entre outros, e contando com o apoio explícito do atual prefeito, Dr. Antônio Roberto Lopes de Carvalho, como expressados em vários depoimentos por meio de entrevistas, teve início, no ano de 1992, as campanhas municipais.

Em 15 de novembro de 1992 foi vencedor o candidato João Braz Martins Perdigão, que somou 4.951 votos, contra 3.460 votos conquistados por Padre Antônio que, mais uma vez, viu frustrada a sua pretensão de ser prefeito do município de São Domingos do Prata.

Para os partidários de João Braz Martins Perdigão, ele era considerado um homem político desbravador, que lutou a favor das pessoas carentes e realizou obras visando os interesses comuns da população. Para os adversários ele era clientelista e possuía traços de um “fazendeiro coronel”, que utilizava a troca de favores para conquistar votos nas urnas. Política com ele “era no amor ou no terror”. Perseguia os adversários políticos e buscava passar para as pessoas uma imagem de pessoa educada, boa, humilde e que cumprimenta todo mundo. Tomava café nas casas das pessoas e colocava placa com o seu nome em tudo o que fazia. “Era um lobo na pele de cordeiro”. Não tinha transparência política e pregava o individualismo, sendo mais fácil dominar as pessoas. “Era cada um por si e Deus pra todos.” Dava “circo e pão” para o povo, buscando realizar muitas festas para agradar o povo. Nunca respeitava o poder da câmara municipal, pois ele fazia as obras e depois apresentava os projetos para apreciação dos mesmos. Tinha os vereadores como subordinados ao seu poder. Não aceitava crítica e perseguia as pessoas com ameaças e inibições.

Frente a essas evidências divergentes, o cenário político instituído nessa campanha, repetiu os discursos e as práticas políticas de outrora e confirmou a hegemonia política local mantida desde a segunda metade do século passado. Para os opositores, Padre Antônio (Titoni) era uma pessoa centralizadora e autoritária, tomava as decisões por si próprio e sempre detinha a palavra final nas principais decisões que eram tomadas. Já os aliados o consideravam um líder participativo, amigo e generoso com as pessoas. Fazia tudo em favor do social, e não buscava nada para si mesmo, pois “dava sem esperar nada em troca”. Mas se ele era tudo isso, em seus aspectos positivos e negativos, alguns depoimentos justificam o seu insucesso na política da seguinte maneira:

Titoni não se elegeu por colocar seu intento exclusivamente nas mãos de Deus e “jogar limpo”. Na verdade ele foi derrotado em 1992 por pães com salame e cachaça, ou seja, para vencer a “ignorância do povo” Deus não é o bastante, principalmente, se o eleitor estiver de barriga vazia. Portanto, a impressão que se tinha era de que o povo tinha medo de elegê-lo e ele se corromper, em função da fama dos maus políticos. Enfim, ao se decidir pelo fim do celibato, Titoni provocou um baque geral na cidade, e talvez muitos não votaram nele nas eleições em que ele disputou simplesmente por motivos de ciúmes, quem sabe! (Sr. Informatizado, Profissional Liberal, 61anos, 16/02/2005).

Assim, tendo em vista as evidências expostas ao longo desse capítulo, pode-se afirmar que a imagem de prefeito que permeava a “consciência coletiva” da maioria

do eleitorado pratiano, não coincidia com a imagem de prefeito transmitida por Padre Antônio (Titoni) em suas tentativas de assumir o poder público municipal. Além disso, outros fatores corroboraram significativamente para que Padre Antônio não se tornasse prefeito de São Domingos do Prata como o fato dele ter saído da Igreja Católica para se casar e por não ter conseguido se alinhar aos ideais e estratégias políticas utilizadas por seus adversários políticos, que a décadas conseguiam garantir a dominação do poder político local.

Tal análise, permite pensar que atributos ou valores como carisma, política, religião, poder e dominação perpassaram e ainda perpassam toda a estrutura política que se institucionalizou ao longo de quarenta anos (1958 – 1998) em que Padre Antônio. Suas ações, enquanto liderança influente no município de São Domingos do Prata, que conscientizaram e mobilizaram milhares de pessoas para a construção de empreendimentos coletivos, que na maioria das vezes visavam o bem comum e a independência dos pequenos produtores rurais e dos segmentos populares, não o capacitavam para assumir o cargo de prefeito, o que será analisado no capítulo a seguir.

4. DA DOMINAÇÃO CARISMÁTICA À INSTITUCIONALIZAÇÃO DO PODER POLÍTICO: REFLEXÕES A PARTIR DO LEVANTAMENTO DE CAMPO

As abordagens teóricas neste capítulo, permitem analisar sobre o papel da Igreja Católica no contexto brasileiro, os aspectos e valores culturais, as práticas políticas existentes em nossa sociedade, bem como o uso do carisma enquanto dom político e religioso, que são considerados as bases necessárias para se analisar e compreender as múltiplas faces de liderança utilizadas pelo líder político e comunitário, que durante quatro décadas (1958-1998) orientou, organizou e esteve à frente das principais transformações ocorridas em São Domingos do Prata, nas áreas política e religiosa, que serão discutidas a seguir.

4.1 O PODER CARISMÁTICO E SUAS IMPLICAÇÕES NA SOCIEDADE

Sempre nos chama a atenção as multidões exaltadas, emocionadas, atraídas por uma força incontrolável e magnetizadora em torno de “personalidades extraordinárias”, que aparecem sob as mais variadas modalidades, podendo ser destacadas as seguintes: lideranças políticas, religiosas, militares, formadoras de conhecimento e opinião. Essa “força magnética ou atrativa” revelada nos olhares revirados do epilético, na fúria frenética do guerreiro, na retórica vazia do demagogo, na mansidão sem limites do “profeta modelo”, que atrai seus seguidores e ultrapassam o cotidiano social, foi nomeada por WEBER (1999) de “Carisma”.⁶⁵

O portador do carisma assume as tarefas que considera adequadas e exige obediência e adesão em virtude de sua missão. Se as encontra, ou não, depende do êxito. Se aqueles aos quais ele se sente enviado não reconhecem sua missão, sua exigência fracassa. Se o reconhecem, é o senhor deles enquanto sabe manter seu reconhecimento mediante “provas”. Mas, neste caso, não deduz seu “direito” da vontade deles, à maneira de uma eleição; ao contrário, o reconhecimento do carismaticamente qualificado é o *dever* daqueles aos quais dirige sua missão.⁶⁶

⁶⁵ Carisma é definido por WEBER como “a qualidade extracotidiana, (...) e em virtude da qual atribuem-se a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre humanas ou, pelo menos extracotidianos específicos ou então se a toma como enviada de Deus, como exemplar e, portanto, como líder.” (1991: 169).

⁶⁶ WEBER, M. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Trad. de Régis Barbosa & Karen Elsabe Barbosa. Vol. 2. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 1999, p-324.

Antes de Weber, vários foram os pensadores de diversas áreas do conhecimento científico, como aqueles que desenvolveram trabalhos direcionados em compreender a natureza humana e seus reflexos na transformação e desenvolvimento da sociedade, que buscaram entender por que algumas pessoas chamam mais a atenção do que outras. O que está por trás dos feitos “heróicos” de personalidades consideradas extraordinárias em suas épocas, ao longo da história da humanidade? Quais os motivos que levaram, e ainda levam, multidões a seguirem líderes carismáticos, religiosos e políticos, ou seus ensinamentos e doutrinas, como Jesus Cristo, Maomé, Buda, Lênin, Gandhi, Napoleão Bonaparte, Hitler, Mussolini, e no Brasil, Getúlio Vargas? Como entender esses acontecimentos extraordinários? As respostas para essas inúmeras questões, decorrentes da manifestação do *carisma*, têm fascinado há algum tempo, estudiosos de diversas áreas do conhecimento científico pela importância das transformações que trazem e trouxeram ao longo da história da humanidade.

Trata-se de compreender o carisma, aos olhos das teorias de DESCARTES (1974) e PASCAL (1999) que se embrenharam no estudo da razão, entendendo-a como uma faculdade de calcular, sendo apenas capaz de falar sobre os meios, nunca sobre os fins, e que é facilmente influenciada pelas circunstâncias do momento. HUME (1999), que preconizou a destruição do domínio da razão, substituindo-a pela supremacia dos sentimentos. KANT (1999), que buscava recuperar o poder da razão alegando a existência dos “imperativos categóricos”, que comandariam as ações e seriam compreendidos por todo o ser humano, STUART MILL (1996), que retrata a glorificação do “gênio”, sendo considerado precursor da noção moderna de *carisma*, NIETZSCHE (1986) que repudiava veemente a moralidade liberal e destacava a figura do “super homem”, ou seja, a afirmação do direito dos mais fortes ao comando, e finalmente, WEBER (1987), que, após analisar e ser influenciado em parte pelos teóricos supracitados, entendia o *carisma* como um extravasamento emocional que se manifesta em uma pessoa específica, contagiando, assim, o grupo ao seu redor.

O poder do carisma, ao contrário, fundamenta-se na fé em revelações e heróis, na convicção emocional da importância e do valor de uma manifestação de natureza religiosa, ética, artística, científica, política ou de outra qualquer, no heroísmo da ascese, da guerra da sabedoria judicial, do dom mágico ou de outro tipo. Esta fé revoluciona os homens “de dentro para fora” e procura transformar as coisas e as ordens segundo seu querer revolucionário. No entanto, deve-se compreender corretamente esta

oposição. Apesar de todas as diferenças fundamentais da esfera em que circulam, as “idéias” religiosas, artísticas, éticas, científicas e todas as demais, particularmente também as organizatórias políticas e sociais, surgiram, do ponto de vista psicológico, de uma maneira essencialmente idêntica. Trata-se de um “avaliar” subjetivo, “a serviço da época”, o qual quer atribuir algumas idéias ao “intelecto” e outras à “imaginação” (ou seja, como for a distinção): a “imaginação” matemática de um Weierstrass, por exemplo, é “intuição” exatamente no mesmo sentido que aquela de qualquer artista, profeta ou demagogo; não é aqui que se encontra a diferença. Não se encontra, e isto cabe enfatizar para se compreender a significação do “racionalismo”, na pessoa ou nas “vivências” anímicas do criador das idéias ou das “obras”. Encontra-se, ao contrário, na forma em que são internamente apropriadas e “vivenciadas” pelos dominados ou liderados.⁶⁷

Mas, para além das relações entre líderes e liderados, dominantes e dominados, o carisma não se sustentará, caso o possuidor do carisma não obtiver o reconhecimento social daqueles que seguem seus ensinamentos e ordens. A partir dessa análise, podemos refletir a respeito da ação carismática em nossa sociedade, da seguinte maneira: imaginemos situações reais diversas, em que podemos observar pessoas desempregadas, frustradas, desacreditadas, atemorizadas com o aumento da violência e com a falta de perspectivas e oportunidades futuras. Imaginemos, ainda, pessoas descrentes de seus valores e princípios, injustiçadas pelo jugo das leis, marginalizadas e jogadas à própria sorte, invadidas de um profundo sentimento de autocondenação e perda de identidade, impotentes para modificar a realidade em que vivem, excluídas do convívio social. Eis aí o “terreno fértil” para se produzir o surgimento e a manifestação de líderes carismáticos que se apresentam como mediadores e solucionadores de problemas sociais, políticos e econômicos.

É fato comprovado em diversas pesquisas que se apoiaram nas teorias weberiana sobre o estudo do *carisma*, que o poder de dominação e controle das lideranças carismáticas sustentou-se de sentimentos que ultrapassam a normalidade e o cotidiano das pessoas, cujo *dom da graça*, torna-se a principal fonte de crença dos que seguem os líderes carismáticos. A devoção carismática, em vários momentos da história da humanidade, costumava manifestar-se em grupos e comunidades constituídas de indivíduos, cuja mentalidade é semelhante à do líder que domina seus seguidores.

A história da humanidade sempre foi marcada pelo surgimento de grandes líderes carismáticos, principalmente nas instâncias política e religiosa, considerados

⁶⁷ Idem, 1999, pp-327-328.

pelos seus seguidores, *homens ilustres* que detinham o *dom da graça* e *poderes sobrenaturais*, além de serem possuidores de um *magnetismo* que envolvia a *massa* em benefício próprio, fazendo uso permanente do discurso, enquanto instrumento de persuasão e legitimação de poder:

Em sua forma primária o carisma não tem qualquer modelo fixo de autoridade; os que são por ele envolvidos não fazem nenhuma concessão ao regulamento previsto, desprezam o comércio e o lucro econômico, e almejam a destruição de todas as estruturas e a desintegração de todos os grilhões dos costumes. O carisma desse tipo é revolucionário e criativo, ocorrendo em épocas de crise social, abrindo caminho para um novo futuro. Nos movimentos carismáticos, as pessoas não obedecem mais aos costumes ou à lei; em vez disso, os seguidores se submetem às exigências imperiosas de uma figura heróica, cujas ordens não são legitimadas pela lógica, nem pela posição do herói em qualquer hierarquia estabelecida, mas somente pelo “poder de comando” do indivíduo carismático.⁶⁸

Alguns estudiosos contemporâneos classificam as personalidades carismáticas, ora destacando o seu magnetismo e atemporalidade, ora evidenciando seu papel político e espiritual. Em todos eles, o talento artístico puro e simples, a beleza física ou a capacidade intelectual não explicam totalmente o surgimento de uma “personalidade carismática”, embora essas características ajudem a descrever ou manter, e até mesmo, sustentar, as lideranças carismáticas. Essas características, percebidas nos modelos de sociedades atuais, oferecem as bases necessárias para que os atores sociais reproduzam a cada momento, ícones de lideranças carismáticas que emergem como “protótipos ideais” a serem seguidos.

A obediência cega e a entrega total ou parcial, do indivíduo às “mãos” do líder, contribuem para validar o *dom da graça* que é a manifestação mais pura do carisma de liderança. Por trás do termo *carisma* está implícito um conjunto de ações individuais que se encontram em poder do líder carismático, como forma de assegurar sua autoridade e sua dominação sobre os liderados, o que conseqüentemente tende a acarretar algum tipo de reconhecimento social. Essas ações variam entre situações particulares, como encontros e reuniões com o grupo, até situações mais complexas como, por exemplo, a intervenção na vida pessoal, social, cultural, ideológica, religiosa e política de uma determinada nação.

Nesse sentido, a busca por um modelo consistente que dê fundamentos ao entendimento da atração carismática está, por sua vez, intimamente ligada a um

⁶⁸ LINDHOLM, Charles. Carisma: êxtase e perda de identidade na veneração ao líder. Trad. de Carlos Augusto Costa Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p-40, 1993.

modelo que permita a compreensão efetiva da natureza humana. O conjunto de teorias e de pensadores que se embrenharam por essa via tem disponibilizado, ao longo da história, elementos importantes para descrever os seres humanos, não como deveriam ser, nem como gostariam de ser, mas como realmente são. O passo inicial, dado no sentido de demonstrar a perversidade e ganância humana, foi apontado por MAQUIAVEL (1999) quando ele revelou a realidade nua e crua da condição humana, inaugurando a base necessária para seu “príncipe” governar.

O carisma da *virtù* é próprio daquele que se conforma à natureza de seu tempo, apreende-lhe o sentido e se capacita a realizar praticamente a necessidade latente nas circunstâncias. No uso do instrumental dos mecanismos de poder, a neutralidade moral decorreria da adequação do agir à realidade. O homem político deve estar sempre atento aos sinais da *fortuna*, pois conhecerá a ruína se, mudando o tempo e as coisas, não alterar seu comportamento.⁶⁹

Entretanto, o conceito *naturalista* da condição humana, preconizada por MAQUIAVEL (1999), torna-se frágil, ao ser submetido nas relações carismáticas, pois nessas relações, o líder é aclamado por seus seguidores como uma espécie de “divindade”, contrapondo-se ao pensamento científico moderno, que refuta tal qualidade em um líder carismático. Não se trata, porém, de partir de evidências sobrenaturais para explicar o estado carismático do líder em relação a seus seguidores; mas torna-se necessário, para melhor compreender o carisma, começar pela premissa maquiavélica que nos revela uma personalidade humana desmistificada e desencantada.

Tal concepção do acontecer histórico complementa-se com uma compreensão da psicologia humana. Embrenhei-me, por meio do estudo dos antigos e da intimidade com os potentados da época, que os homens são todos egoístas e ambiciosos, só recuando da prática do mal quando coagidos pela força da lei. Os desejos e as paixões seriam os mesmos em todas as cidades e em todos os povos.⁷⁰

Procedendo dessa forma, algumas questões poderiam ser levantadas: Qual é o significado desse modelo *naturalista* da condição humana? Onde se encontram suas origens? Para tentar responder a essas questões importantes e pertinentes à compreensão do carisma nos dias atuais, serão apresentadas, sucintamente, algumas discussões de pensadores que trataram de forma explícita ou implicitamente este tema, sem pretensão de esgotá-lo, obviamente.

⁶⁹ MAQUIAVEL, N. **O príncipe e escritos políticos**. Trad. de Olívia Bauduh. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p-19.

⁷⁰ Idem, 1999, p-17.

Como se verá mais adiante, desde os tempos mais remotos, estudiosos, têm apresentado a humanidade em um profundo antagonismo, que coloca na mesma arena, “paixão” e “razão”. Neste conflito, a *paixão* era entendida como algo inexplicável, mais sentida do que conhecida; enquanto que por sua vez, a *razão* era concebida como uma “instância superior”, capaz de colocar as paixões a seu serviço, controlando-as e direcionando-as para objetivos mais compreensíveis. Para PASCAL (1999) quanto para DESCARTES (1999), a razão é essencialmente uma faculdade de calcular, sendo capaz de compreender apenas os “meios”, jamais os “fins”, podendo conseqüentemente, ser influenciada pelas circunstâncias do momento.

Estas observações, advindas das teorias de DESCARTES (1999) e PASCAL (1999), serviram de pano de fundo para que HUME (1978) justificasse a supremacia dos sentimentos sobre a razão. Nascia assim, em HUME (1999), uma visão fortemente *empirista* da natureza humana. Agindo dessa forma, HUME (1999) demonstrou que cada ser humano possui experiências e histórias de vida diferentes, conseqüentemente, possui paixões igualmente diferenciadas. A teoria humiana, além de contribuir para o destronamento da razão, desmistifica a religião e a tradição, inaugurando uma base filosófica para a coleta pragmática de dados e possibilitou um “novo impulso desmistificador”, característicos do método científico.

O pensamento de HUME (1978), com suas implicações lógicas a respeito de seu “empirismo”, encontrou seguidores, mas também provocou reações de pensadores como KANT (1999), que buscava resgatar o poder da razão, afirmando a existência dos “imperativos categóricos” que guiariam as ações humanas e seriam de fácil entendimento a todos os seres humanos.

O imperativo categórico formula-se nos seguintes termos: *age de tal maneira que o motivo que te levou a agir possa ser convertido em lei universal*. Segue-se do imperativo categórico que, assim como ele contém apenas a forma da razão – universalidade sem contradição –, a razão pura nele implicada é por si mesma prática, dando ao homem uma lei universal de conduta, que se chama lei moral. Em suma, o imperativo categórico afirma a autonomia da vontade como único princípio de todas as leis morais e essa autonomia consiste na independência em relação a toda a matéria da lei e na determinação do livre-arbítrio mediante a simples forma legislativa universal de que uma máxima deve ser capaz.⁷¹

⁷¹ KANT, I. **Crítica da razão pura**. Trad. de Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p-15.

A idéia central dos “imperativos categóricos” em KANT (1999) é a idéia de que devemos tratar a nós mesmos, e aos outros, como fim e não como meio. Seria a possibilidade de influenciar as pessoas com argumentos racionais, e não com argumentos meramente não-rationais, dando às pessoas a capacidade de compreender sua própria condição humana, ações e atitudes. Mas, o modelo kantiano estava fadado a falhar, principalmente, na prática. As evidências que se procurarão mostrar a partir do desenvolvimento desse trabalho e de outros que já foram desenvolvidos, apontam para o fato de que as pessoas estão muito mais propensas a serem influenciadas por argumentos não-rationais, ao mesmo tempo em que os argumentos racionais quase sempre falham na obtenção de algum tipo de consenso. Para FREITAS (2002), “não é do racional, mas do irracional que surgem os grandes acontecimentos. O racional cria a ciência, o irracional conduz a história. As massas se deixam seduzir por idéias que lhes são incutidas na alma e não no intelecto”.⁷² Por outro lado, a teoria humiana, dadas as suas modificações e adaptações, serviu de base teórica para o surgimento de uma nova ciência, de caráter mais “utilitarista”.

A partir de então, um modelo alternativo de compreensão da natureza humana é apresentado por STUART MILL (1996) e NIETZSCHE (1986), que oferece elementos importantes para a moderna noção de carisma. Ao introduzir o conceito de “gênio”, STUART MILL buscava diferenciá-lo das pessoas ditas “comuns”, alegando que o gênio é uma espécie de luz condutora, um fenômeno raro e inexplicável. Esse “homem superior”, que MILL nomeou de gênio, é um ser dinâmico, rígido, afastado do ambiente comum dos mortais, enérgico e que luta altruisticamente para modificar o mundo, de acordo com seu tipo ideal de perfeição. Contudo, a noção de gênio, introduzida por STUART MILL, afastou-se da visão humiana, em relação à uniformidade das paixões; distinguiu-se do igualitarismo dos utilitaristas, do reducionismo Smithiano⁷³ que submetia todas as paixões ao interesse da avareza. Em contrapartida, STUART MILL apostou em uma nova *teleologia*, baseada nas premissas fundamentais das pessoas que apresentavam sentimentos mais “nobres”.

⁷² LE BON (1910) citado por FREITAS, M. E. de., In **Cultura organizacional: identidade, sedução e carisma?** Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2002, p-135.

⁷³ Neste caso, o autor chama a atenção para a análise de Adam Smith em seu livro intitulado: **A riqueza das nações – Investigação sobre sua natureza humana e suas causas**. Vol. I. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

A configuração de gênio poético e romântico esculpida por STUART MILL (1996), em contraposição ao mecanicismo e empirismo encontrados em franco desenvolvimento na Inglaterra de sua época, foi repudiada por NIETZSCHE (1999), que combatia e eliminava, absolutamente, qualquer presença de *telos* sagrado ou normativo. Para FOUCAULT (1989), Nietzsche percebia a natureza humana como um “animal doentio”, e propunha uma noção de “Gênio” ou “Super Homem” diferentemente da noção de “gênio poético” preconizada por Stuart Mill. O “Super Homem” Nietzscheano é essencialmente um guerreiro, possuidor de qualidades superiores e com uma vitalidade esmagadora. Essas qualidades, imanentes ao gênio, são descritas por NIETZSCHE (1986), como “vontade de poder,” sendo uma espécie de paixão com intuito exclusivo de dominar. De acordo com NIETZSCHE (1999), todos aqueles que possuem a capacidade de expressar esse poder de liderança elementar, transgressor e explosivo, dominam naturalmente os fracos. São heróis que fazem suas próprias histórias e formulam suas próprias leis fora das convenções, fundamentadas nos impulsos autênticos de seus desejos pessoais.

Além desses autores e teorias supracitadas, outras foram essenciais no desenvolvimento e conclusão desta pesquisa, sendo importante a incorporação de teorias nas áreas de psicologia e sociologia, que, em nosso entender, serviram como base argumentativa e explicativa do carisma enquanto fonte de poder e dominação. Para isso, serão apresentados a seguir os “tipos ideais de dominação” Weberiano acerca do entendimento do carisma.

4.2 CARISMA COMO MANIFESTAÇÃO DE DOMINAÇÃO E PODER

A abordagem teórica sobre o carisma, preconizada por WEBER (1999), tem chamado a atenção particularmente para a dicotomia que existe entre situações regidas por esse princípio e aquelas que se baseiam em instituições rotineiras e racionais. A noção de carisma está, por sua vez, ligada a acontecimentos extraordinários, principalmente em sua forma mais primitiva, diferentemente dos princípios organizativos e burocráticos das modernas instituições de nossa sociedade. Pressupõe uma personalidade individual, dotada de poderes e qualidades extraordinários, que foge ao

cotidiano. É constituído por habilidades e virtudes raras, muitas vezes compreendidas como “instâncias superiores” ou como produto da graça divina. A partir do reconhecimento de seus atributos por parte de seus seguidores, o líder carismático exerce extraordinária influência e dominação sobre seus seguidores, isoladamente ou sobre as multidões, que o seguem numa relação emocional assimétrica regida pela paixão, pela obediência passiva e pelo reconhecimento de suas qualidades heróicas:

O problema da era moderna não é a experiência carismática em si: “o carisma”, afinal, é uma dádiva. Na essência, ele não possui nenhum conteúdo substantivo além de ser uma experiência momentânea de êxtase, proporcionando um momento profundo e transcendente oposto à alienação e ao isolamento do mundo material – uma lembrança sobre a qual a vida comum pode ser construída. O paradigma estabelecido por Weber e Durkheim, e reafirmado pela teoria psicológica, alega, de fato, que a sociedade baseia-se numa comunhão profundamente evocativa do eu com o outro, uma comunhão que não oferece a razão, mas sim a vitalidade experimentada. Sem esta dissolução eletrizante de fronteiras, a vida perde seu sabor, a ação perde a força e o mundo se torna sem cor e monótono.⁷⁴

Nesse sentido, as características extraordinárias do líder carismático seriam passageiras, em termos de análises históricas mais complexas, podendo dar lugar a uma dominação tradicional ou burocrática, mediante um processo conhecido como “rotinização do carisma”. Por outro lado, a perpetuação do carisma de líderes como Jesus Cristo e Mahatma Gandhi, a título de exemplo, tem contribuído para garantir a continuidade e influência futura de suas lideranças via estrutura doutrinária, ideológica ou institucional. A partir daí, o desafio teórico de WEBER (1999) foi e continua sendo entender como se daria esse processo, ou seja, como o carisma se relacionaria com as instituições.

Em termos gerais, pode-se afirmar que o exercício de liderança conduz todos os seus esforços no sentido de legitimação de algum tipo específico de dominação, seja ele pessoal ou institucional. O líder é visto pelos que se apóiam em sua liderança (liderados), como um referencial a ser seguido. Seguir a trajetória e os desígnios apontados pelo líder é satisfazer objetivos nos quais se acredita, e que requerem o direcionamento de uma pessoa (o líder), com qualidades “extracotidianas”. Mas esses objetivos somente poderão ser atingidos a partir do momento em que as ações coordenadas e orientadas pelo líder tornarem-se significativas e demonstrarem algum tipo de benefício para o grupo, indivíduos ou comunidade envolvida.

⁷⁴ LINDHOLM, Charles. **Carisma**: êxtase e perda de identidade na veneração ao líder. Trad. de Carlos Augusto Costa Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993, p-219.

A dificuldade inicial em classificar as ações de liderança desenvolvidas pelo ex-pároco do município de São Domingos do Prata, levou-nos a comparar esse tipo de liderança, com os três conceitos de “dominação” propostos por WEBER (1991). Esses conceitos de dominação apresentam-se sob os seguintes “tipos ideais”, quais sejam, “Tradicional ou Patrimonial”, “Legal ou Racional Burocrático” e “Carismático”.

No tipo de “dominação tradicional” sobressaem os laços de submissão, marcada por relações de “patriarcalismo”, onde prevalecem categorias englobantes como a honra, a amizade, o parentesco e a reprodução da tradição entre dominantes e dominados. A obediência ao “outro” desenvolve-se por meio do respeito a toda uma “tradição”, em que o dominante é visto como possuidor de valores superiores, detentor do “dom da graça” ou pela relação de “servidão” e “interesses pessoais”, em que o ser dominado se encontrará sempre em posição de dependência em relação ao dominante pois, esse último lhe oferece abrigo e proteção, mantendo para com aquele um caráter de fidelidade e obediência irrestrita. Desse modo, a relação de dominação apresenta características determinantes em que “o conteúdo das ordens está fixado pela tradição, cuja violação desconsiderada por parte do senhor poria em perigo a legitimidade do seu próprio domínio, que repousa exclusivamente na santidade delas.”⁷⁵ Nesse tipo de dominação, valores que acarretam posições de controle e autoritarismo são fundamentais para legitimar o poder de dominação e autoridade entre os envolvidos:

A questão do autoritarismo das elites aponta para o próprio exercício da dominação econômica, política e cultural que se situa em um quadro de tensão permanente. Sobretudo porque a dominação se estabelece em um campo de guerra onde seu próprio exercício se caracteriza pela incompletude e resistência. Incompletude que se manifesta através das próprias contradições do projeto de dominação, embora recorra a um permanente esforço de cimentar essas contradições, instituindo uma representação de harmonia, completude e totalidade.⁷⁶

A manutenção e garantia do poder da dominação tradicional vem da crença no passado eterno, na justiça e na pertinência da maneira tradicional de agir. O líder tradicional é o senhor, que mantém seu poder e controle sob seus súditos, em detrimento da sua posição de sucessor, de uma relação de poder que lhe é transmitida ao longo do tempo, por gerações passadas e que possuem a mesma coesão grupal de crenças e valores. Apesar de suas ordens possuírem um caráter personificado e

⁷⁵ Idem, p-131.

⁷⁶ MONTENEGRO, A. T., **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 1992, pp-11-12.

arbitrário, sua área de abrangência é garantida pelos costumes e hábitos, sendo que seus súditos o obedecem por respeito à sua posição tradicional.

Para WEBER (1991) a “Dominação Racional Legal” consiste em uma organização burocrática, pois “qualquer direito pode ser criado e modificado mediante um estatuto sancionado corretamente quanto à forma”.⁷⁷ Neste caso, a relação entre dominantes e dominados reduz-se a uma formalidade legal preestabelecida, em que as ações desenvolvidas são amparadas por um “contrato” ou “leis” que regulamentam todo o processo de dominação.

O processo de dominação do poder racional legal, que garante a sua legitimidade, provém de normas legais estatutariamente definidas em bases racionais e impostas em equivalência de igualdade a todos. Na dominação racional legal, a observância da justiça da lei é o pano de fundo de sua legitimação. Nesse caso, as pessoas obedecem às leis, e não à pessoa propriamente dita, como nas dominações tradicional e carismática, porque acreditam que as leis são constituídas e elaboradas por um procedimento escolhido, tanto pelos subordinados quanto pelos dirigentes. Além disso, o dirigente é visto como uma pessoa que alcançou tal posição, exclusivamente por procedimentos legais via promoção, nomeação, progressão automática de cargos, concursos, entre outros, e é em consequência de sua posição conquistada que ele exerce o poder dentro das áreas preestabelecidas estatutariamente pelas regras e regulamentos sancionados legalmente.

De acordo com WEBER (1999), a “dominação carismática” representa uma força magnética, percebida neste contexto como meio de atração, que subjuga os atingidos em prol de uma veneração do carisma do líder.

É a devoção afetiva à pessoa do senhor e a seus dotes sobrenaturais (carisma) e, particularmente: a faculdades mágicas, revelações ou heroísmo, poder intelectual ou de oratória. O sempre novo, o extracotidiano, o inaudito e o arrebatamento emotivo que provocam constituem aqui fonte da devoção pessoal.⁷⁸

Sendo assim, em relação à “dominação carismática”, ROTH e SCHLUCHTER (1984), observaram que esse tipo de dominação perfaz uma trajetória em que o dominante é sempre possuidor de valores ou habilidades que transcendem o espaço social comum

⁷⁷ WEBER, Max. **Sociologia**. In: COHN, G.(Org.) & FERNANDES, F. (Coordenador.). São Paulo: Ática, 1991, p-128.

⁷⁸ WEBER, M., **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Vol. 2. DF: UNB, 1999, p-324.

das pessoas. É alguém que aparece de repente no meio da “multidão” e consegue, por meio de palavras e atitudes, convencer ou conduzir certas pessoas a atingir objetivos específicos. Esse, enquanto líder, possui capacidade de contornar determinadas situações até então vistas pela maioria dos assistidos, como impossíveis de serem solucionadas sem intervenções, e que encontram nas ações do dominante (líder) a superação e resolução de tais circunstâncias. Quando isto acontece, o possuidor de tais habilidades consegue persuadir todo um grupo ou comunidade a realizar atividades conforme suas ordens e condutas.

Nesse sentido, o poder carismático é um poder destituído de base racional, é instável e facilmente incorpora aspectos revolucionários. O seu poder não pode ser delegado, nem recebido em herança, como o tradicional. A legitimação da autoridade carismática provém das características pessoais carismáticas do líder e da devoção e arrebatamento que consegue impor aos seguidores.

O quadro abaixo mostra de forma objetiva as várias formas de dominação e seus significados levantados por Weber e que possuem importantes papéis no contexto das instituições e na sociedade de modo geral.

QUADRO 4.2: TIPOLOGIA DE SOCIEDADE E TIPOLOGIA DE AUTORIDADE

Tipos de Sociedade	Características	Exemplos	Tipos de Autoridade	Características	Legitimação	Aparato Administrativo
Tradicional	Patriarcal e patrimonialista. Conservadora	Clã, tribo, família, sociedade medieval	Tradicional	Não é racional. Poder herdado ou delegado. Baseada no senhor.	Tradições, hábitos, usos e costumes.	Não é racional. Poder herdado ou delegado. Baseada no senhor.
Carismática	Personalista, mística e arbitrária. Revolucionária.	Grupos revolucionários, partidos políticos, nações em revolução.	Carismática	Não é racional, nem herdada nem delegável. Baseada no carisma.	Características pessoais (heroísmo, magia, poder mental) carismáticas do líder.	Inconstante e instável. Escolhido conforme lealdade e devoção ao líder e não por qualificações técnicas.
Legal, racional ou burocrática	Racionalidade dos meios e dos objetivos.	Estados modernos, grandes empresas, exércitos.	Legal, racional ou burocrática	Legal, racional impessoal, formal. Burocrática.	Justiça da lei. Promulgação e regulamentação de normas legais previamente definidas.	Burocracia.

Adaptado In CHIAVENATO, I. **Teoria geral da administração – abordagens descritivas e explicativas**. Vol. 2, 4ª ed. São Paulo: Mc Graw-Hill, p-14, 1993.

Entretanto, os tipos de dominação Racional Legal, Carismática e Tradicional não são encontrados na sociedade em seu estado “puro”, pois são “tipos ideais”, construídos para compreender os sistemas de dominação, controle e autoritarismo existentes, mas muitos dos traços determinantes de cada conceito estão presentes nas instituições e nas sociedades de nossa época.

Para BOURDIEU (1989), muitos desses traços estão presentes nos representantes políticos ou nas instituições que possuem representatividade política, como os partidos, sindicatos, municípios, estados e nações. Ele observou, em seus estudos, que determinadas lideranças utilizam-se de seus feitos para se projetarem na política institucional, compondo uma elite de poder com representatividade legítima, ou sob coação. Para esse autor, o representante político exerce, sobre determinada região ou comunidade, o papel de defensor e reivindicador para o atendimento das necessidades e interesses da comunidade ou região a que pertence, procurando satisfazer à sua “clientela”. Quando se rompe ou não se atende as necessidades e interesses da população, o representante político contribui para desfazer o elo de fidelidade e de “troca de favores” que existem entre a comunidade que o nomeou representante de seus interesses político, econômico e social. Essas práticas e valores constituem, em muitos casos, o “jogo político” que se forma por meio de interesses e posições privilegiadas que configuram a “vida política” dos cargos representativos:

O que faz com que a vida política possa ser descrita na lógica da oferta e da procura é a desigual distribuição dos instrumentos de produção de uma representação do mundo social explicitamente formulada: o campo político é o lugar em que se geram, na concorrência entre os agentes que nele se acham envolvidos, produtos políticos, problemas, programas, análises, comentários, conceitos, acontecimentos, entre os quais cidadãos comuns, reduzidos ao estatuto de consumidores, devem escolher, com probabilidades de mal-entendido tanto maiores quanto mais afastados estão do lugar de produção.⁷⁹

⁷⁹ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p-164.

Sendo assim, a representação política local, não se reduz apenas à comunidade na qual pertence o representante, mas se insere em uma estrutura política com maior abrangência e poder de decisão. As intenções e pretensões de uma comunidade com características próprias estão diretamente subordinadas às manifestações políticas gerais de nosso país. A representação política no Brasil não tem garantido de forma efetiva o processo de cidadania e acesso equitativo às leis por parte de todos os brasileiros. São leis promulgadas, mas que carecem de aspectos práticos a fim de legitimá-las:

No Brasil, a construção da cidadania ocorre de forma inversa àquela que se dá nos países do chamado primeiro mundo. Aqui, não basta a promulgação de leis porque elas são insuficientes. A cidadania surge então como resultado de um processo histórico de lutas no qual as leis são um de seus momentos. A mudança gradual e lenta da cultura política é fator e resultado do exercício da cidadania, sob a forma ativa, aquela que opera via a participação dos cidadãos, de forma que interfere, interage e influencia na construção dos processos democráticos em curso nas arenas públicas, segundo os princípios da equidade e da justiça, tendo como parâmetros o reconhecimento e a vontade expressa de universalização dos direitos. Destaca-se ainda, os aspectos cognitivos do processo interativo que se estabelece entre os participantes dos novos espaços públicos não-estatais, ao discutirem as propostas e idéias, ao estabelecerem prioridades etc., num processo pedagógico de aprendizado via exercício da democracia.⁸⁰

Essa estrutura política, vigente na sociedade brasileira, permite aos representantes políticos a legitimação de seu poder, com maior ou menor eficiência em termos de abrangência, em determinado grupo ou comunidade a qual é representante. Segundo BOURDIEU (1989: 164),⁸¹ “a intenção política só se constitui na relação com um estado do jogo político e, mais precisamente, do universo das técnicas de ação e de expressão que ele oferece em dado momento”. Essa noção permite observar que os valores e práticas políticas, construídas ao longo da história do Brasil, caracterizaram as ações de *clientelismo*, *patronagem* e *paternalismo*, que culminava quase sempre em troca de favores e proteção aos aliados, características essas comuns no cenário político nacional e regional, e que ganham “valor” nos mandos e desmandos da elite de poder que se mantinham no poder e que hoje ampliou seu foco de atuação política às alianças com outros segmentos da sociedade brasileira, principalmente nas cidades do interior.

⁸⁰ GOHN, M. G., **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. 2ª ed., São Paulo: Cortez, 2001, pp-89-90.

⁸¹ Idem, p-165.

Essas ações políticas são fruto de práticas tradicionais encontradas no seio da sociedade. Elas ganharam força e legitimidade a partir do momento em que certas práticas políticas foram formalizadas pelos costumes e pelas altas posições assumidas por determinadas pessoas. Hoje em dia, essas práticas políticas encontram-se tão arraigadas na mentalidade da população, que se converteram em regras e normas que organizam e conduzem determinadas práticas políticas na sociedade brasileira.

4.3 VALORES E PRÁTICAS POLÍTICAS NO BRASIL

Esse modelo formalizado de uma política clientelista no Brasil permeou e ainda permeia as relações sociais, fere a constituição federal e legitima práticas e costumes, advindos das relações de poder e dominação, encontradas em nossa estrutura política, desde o período colonial, e que ainda se mantêm arraigadas na prática política atual, principalmente no interior do país, podendo ser destacada nesse cenário político, a região Nordeste do Brasil.

A questão fundamental que parece surgir dessa brevíssima discussão é: qual a natureza específica da hierarquia no Nordeste brasileiro? A comparação entre costa e sertão aparecerá aqui como pano de fundo desta que será a questão fundamental desse trabalho. Como foi dito, veremos que a hierarquia no Nordeste não exclui, mas pressupõe violência e arbitrariedade, e ao mesmo tempo se nutre das relações de classe. Esse trabalho pretende demonstrar a possibilidade da existência de uma síntese entre hierarquia, violência e relações de classe, mas sua ênfase recairá no primeiro desses termos. Veremos que categorias como “respeito” fundam relações estruturais, mesmo num contexto cada vez mais impessoal; isso não exclui que, ao mesmo tempo, a arbitrariedade do patrão possa também contribuir, em grande medida, para a constituição da realidade social.⁸²

Com o advento da República, as elites agrárias assumiram o poder, constituindo por mais de três décadas a chamada *República Oligárquica* (1894-1930). Segundo FAORO (2000) a transição entre o regime monárquico imperial para o republicano “irá acentuar e exacerbar a função eleitoral do coronel. Tirar-lhe-á as albardas centrais não para autonomizá-lo, mas para entregá-lo aos poderes estaduais e federal. Esta transição está na essência dos acontecimentos que partem do 15 de Novembro de 1889”.⁸³

A partir de então, esse cenário político da história do Brasil tornou-se solo fértil para a proliferação, no interior do país, principalmente na região Nordeste, do fenômeno denominado *coronelismo*, ou seja, foi o retorno ao poder, dos fazendeiros que detinham o controle político e econômico no meio rural, desde os tempos da monarquia. FAORO (2000), em suas análises, afirma que desde a colonização do Brasil pelos portugueses, os fazendeiros, conhecidos por “coronéis”, sempre detiveram

⁸² LANNA, M. P. D. **A dívida divina: troca e patronagem no nordeste brasileiro**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1995, p-46.

⁸³ FAORO, R., **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. Vol 2. 10ª ed. São Paulo: Globo; publifolha, 2000, p-243.

prestígio, ora assumindo o poder diretamente em certas localidades, ora se opondo aos governantes que tentavam interferir em suas "terras" e "redutos" políticos, como foi, a título de exemplo, a disputa entre os partidos políticos dos "conservadores" e "liberais" que abrigavam os "coronéis", entendidos aqui como grandes fazendeiros e políticos influentes:

No meio rural, o coronel era um *bem amado*. A sua *clientela* – isto é, a imensa maioria de camponeses miseráveis, que dele dependiam e giravam ao seu redor e dispunham dos favores – lhe devotava absoluta fidelidade. Para ter devoção de seus *clientes*, o coronel lhes cedia partes de suas terras para a sua subsistência, ajudava-os nas doenças, com médicos e remédios, e lhes garantia proteção nos problemas com a polícia e, por vezes, com a justiça. Em troca, essa *clientela* era forçada a votar nos candidatos que ele apoiava.⁸⁴

Diversos autores detiveram-se em entender a gênese e as práticas do coronelismo, buscando elucidar suas ações de poder e dominação. LEAL (1993), observou que seu *habitat* são os:

municípios do interior, o que equivale a dizer os municípios rurais, ou predominantemente rurais; sua vitalidade é inversamente proporcional ao desenvolvimento das atividades urbanas, como sejam o comércio e a indústria. Conseqüentemente, o isolamento é fator importante na formação e manutenção do fenômeno.⁸⁵

Sob outro enfoque, LANNA (1995), ao analisar o coronelismo no Nordeste brasileiro, observou que dois são os elementos fundamentais que ainda mantêm vivo a chama deste fenômeno secular. Esses elementos são as práticas comuns entre as relações de *patronagem* e *compadrio* que dão forma e legitimidade à figura do "coronel", que reproduz, no interior da comunidade, sua autoridade e controle. Tanto os laços de *patronagem* como os de *compadrio* são vistos enquanto formadores de comunidades em que as pessoas se aproximam ora para prestar serviço ao fazendeiro, ora para convidar esse mesmo fazendeiro para apadrinhar seus filhos, o que, na maioria das vezes, acarreta em troca recíprocas de "favores", gerando uma nova relação, qual seja, a de *clientelismo* como observou LANNA (1995). Esses valores e práticas também encontram-se presentes em muitas de nossas instituições como forma de perpetuar o poder e a dominação sobre os demais indivíduos.

Elementos como o *clientelismo*, prática comum entre os políticos da "elite agrária brasileira", contribuíram significativamente na configuração hierárquica de

⁸⁴ SILVA, F. de Assis., *Século XX: a caminho do terceiro milênio*. São Paulo: Moderna, 2001, pp-16-17.

⁸⁵ LEAL, V. N., *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo, no Brasil*. 6ª ed. São Paulo: Alfa-omega, 1993, p-251.

diversas instituições de nosso país. Além do *clientelismo*, uma outra prática foi constantemente utilizada entre as classes sociais, como instrumento de dominação no interior do Brasil denominada *patriarcado*, e atualmente, como identificou MILIBAND (1999), encontra-se presente em muitas das nossas organizações e instituições. As relações de *patriarcado* que mesmo tendo sido percebido como meio de exploração entre as relações sociais de classe, não deixou de ser consideradas um instrumento valioso de dominação em poder da elite agrária brasileira, em especial, os *coronéis*. De acordo com MILIBAND (1999: 475), “a exploração não é de maneira alguma o único objetivo da dominação; o patriarcado, por exemplo, como forma de dominação, propicia aos seus beneficiários vantagens outras que não a exploração de mais valia”,⁸⁶ como entendia MARX (1982), ao analisar o sistema capitalista burguês.

De acordo com WEBER (1991), as práticas encontradas no *patriarcado*, se enquadram no “tipo ideal” de “dominação tradicional”; dominação essa marcada pela honra, laços de parentesco, obediência, paternalismo e troca de favores. Portanto, enquanto fenômeno típico do período da república oligárquica no Brasil (1894-1930), o coronelismo, com suas práticas de *clientelismo* e *patriarcado*, desenvolveu-se sob o jugo de uma elite de poder, no qual elementos como a “honra”, a “obediência” e a “fidelidade” são perpetuados por uma tradição que garante, via dominação das camadas mais pobres e desinformadas da população brasileira, cargos políticos institucionalizados.

Diferentemente da “patente militar” encontrada na atualidade, “o coronel é sempre alguém de reconhecida autoridade e prestígio que possui, potencialmente, possibilidades de atender às demandas de sua clientela, sejam elas públicas ou privadas”.⁸⁷

Essa análise conjuntural permite-nos afirmar que muitas dessas relações e práticas estão contidas nas inúmeras ações desenvolvidas por políticos, como médicos e fazendeiros que detiveram o poder político ao longo de grande parte da história política do município de São Domingos do Prata. O que estimulou esta investigação, ao

⁸⁶ MILIBAND, R., **Análise de classes**. In teoria social hoje. (orgs.) Anthony Giddens e Jonathan Turner; tradução de Gilson César Cardoso Souza. São Paulo: Editora da UNESP, 1999, p-475.

⁸⁷ JANOTTI, M. L. M., & ROSA, Z. P., **História oral: uma utopia?** Memória, História, Historiografia – Revista Brasileira de História 25/26. São Paulo: Editora Marco Zero & ANPUH, Set/1992 a Ago/1993, p-07.

contrário do que aconteceu com os “coronéis” e com inúmeros padres e religiosos que conseguiram se projetar politicamente no cenário municipal, estadual e federal(,) foram os motivos que levaram o ex-pároco a amargar duas derrotas consecutivas com vistas a ocupar o cargo de prefeito de São Domingos do Prata, depois de ter dedicado mais de trinta anos de sua vida em favor dos habitantes deste município. Ou seja, apesar de se aliar a vários segmentos sociais e políticos de prestígios no município, ele não obtém êxito em seus objetivos políticos. Porém, o fato de ter sido um padre com forte *poder carismático* no seio da sociedade em que trabalhou não lhe garantiu em contrapartida o reconhecimento institucionalizado, esperado no campo político por parte da população, beneficiada por uma série de intervenções política e religiosa, realizadas por esse mesmo pároco.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estrutura política analisada em São Domingos do Prata, ao longo de quatro décadas (1958 – 1998), período que coincide com a chegada e morte de Padre Antônio no município, apresentou as seguintes características: disseminação de valores e crenças com intuito de favorecimentos e troca de favores; concentração do poder político em segmentos sociais de maior prestígio social como as classes médica, jurídica e a elite agrária local; inibição por meio da “manobra política” da ascensão de lideranças políticas emergentes; desenvolvimento de ações políticas voltadas ao assistencialismo e protecionismo; personificação da instituição pública municipal e das obras públicas realizadas; centralização do poder público municipal como forma de exercício do autoritarismo; e consolidação no interior das comunidades locais de práticas políticas de caráter clientelista e, ou, patronagem.

Desse modo, tais características possibilitaram a formação de uma “cultura política local” vinculada a valores tradicionais e conservadores. Sendo assim, o termo *cultura* apresenta-se sob múltiplas facetas, podendo ser destacados vários aspectos desde moderno, democrático, autoritário, até provinciano, eclesial, conservador, progressista, que constituem as principais faces da cultura política, encontradas na sociedade, de maneira mais generalizada, e nas instituições, de modo mais específico.

A compreensão dos aspectos culturais que envolvem as práticas políticas no Brasil, perpassa por categorias analíticas como valores, ideologias, crenças, atitudes e sentimentos que podem ser consideradas a base necessária de uma orientação subjetiva, com vista às mudanças nas estruturas sócio-política e nas relações sociais encontradas no cotidiano da sociedade brasileira. A importância de elementos subjetivos no processo de análise da realidade social demonstra que a “cultura política” da sociedade brasileira seriam mantidas ou transformadas por meio do processo da socialização política. Portanto, instituições como a família e a escola, seriam percebidas como os principais instrumentos de socialização política, seguidos pelos meios de comunicação de massa, grupos formais e informais.

Assim, pode-se observar que os costumes, crenças, ideologias, sentimentos, atitudes, bem como os valores advindos da vivência e experiência política constituem a

cultura política de uma instituição, partido, grupo ou sociedade. Essa configuração dá-se em consequência dos meios pelos quais os indivíduos são submetidos dentro do processo de socialização. Entretanto, pode-se afirmar que a cultura política é definida dentro do contexto sócio-político a qual pertence determinado grupo de indivíduos e, contribui de forma significativa, enquanto ação transformadora, para a história coletiva do regime político em evidência na sociedade brasileira. O resultado da relação entre estrutura política e valores culturais, consolidou a identidade política brasileira, em meio às diversidades regionais. Então, falar de cultura política é analisar o comportamento dos indivíduos nas ações coletivas, os conhecimentos que os indivíduos têm a respeito de si próprio e da realidade que os cerca, a simbologia e o significado da linguagem praticada no dia a dia, bem como as principais correntes de pensamento e ideologias existentes.

Esses tipos de relações culturais sócio-política, podem ser ainda percebidos, atualmente, nas práticas eleitorais e no carisma político de algumas personalidades espalhadas pelo Brasil afora, principalmente no interior do país, como é o caso das evidências encontradas no município de São Domingos do Prata por meio de testemunhos e análise de documentos. Nesse cenário sócio-político local, encontra-se a figura dinâmica e influente do ex-pároco do município, que assumiu em um primeiro momento o papel de liderança religiosa (1958 – 1977) e, posteriormente, exerceu a função de liderança política (1978 – 1998). Essa divisão temporal não representa mera ruptura drástica entre o exercício de liderança religiosa e política, pois durante todo esse período não se constatou a separação entre uma e outra, já que ambas, apesar das peculiaridades e complementaridade, perpassaram durante todo esse período (1958 – 1998) a personalidade marcante de Padre Antônio no município.

É este elo entre o religioso e o político que configurou a trajetória política de Padre Antônio no município. Suas ações, reproduzidas no interior da comunidade local, eram assimiladas pela crença de uma possível vivência e construção do “Reino de Deus” aqui na terra. Tendo como foco o evangelho cristão, Padre Antônio, na condição de ex-pároco da Igreja Católica, não poupou esforços para implantar neste mundo o “Reino de Deus” baseado em ajudas aos mais necessitados e desprotegidos, entrega

total ao próximo, vivência da caridade, amor e doação, solidariedade e trabalho em equipe, partilha e comunhão de bens, acesso à educação e ao trabalho, valorização da amizade. O conjunto desses aspectos apresentado sob a ótica e o ideal de vida cristã sugerido e defendido por Padre Antônio, tenderia, ao final desse projeto humanitário e evangelizador, levar as pessoas à “promoção integral do ser humano” na sociedade, eliminando a dependência, exploração e dominação de uma pessoa sobre a outra. A utopia por detrás dessa proposta “renovadora” de conduta de vida, por mais distante e impossível de ser alcançada, encontrou seguidores nos diversos segmentos da sociedade local.

Com a propagação dessas idéias de “transformação da vida humana”, Padre Antônio ao se projetar no cenário político com o objetivo de trabalhar mais para a população e implementar uma nova forma de se fazer política, tendo como base o projeto de administração pública participativa, viu seus planos conflitarem com a política tradicional do município. Esse choque de interesses na política local, revelou ao longo do tempo, por meio das sucessivas derrotas de Padre Antônio nas eleições municipais que ele participou, que o seu “reino não era desse mundo”, pois os ideais políticos baseados na “palavra de Deus” por ele difundido, não recebeu a compreensão necessária dos eleitores para o eleger prefeito do município. Mas por outro lado, Padre Antônio conquistou “autonomia moral” e “reconhecimento social” até mesmo dos adversários políticos, que o permitiu intervir, opinar e ser respeitado nas instâncias social e política do município, sem porém exercer o papel de prefeito, seu maior desejo.

Conseqüentemente, depois de uma dedicada vida em favor da população e do progresso do município de São Domingos do Prata, Padre Antônio não conseguiu implantar o seu “reino” aqui na terra, pois as derrotas nas eleições foram acarretadas pelos seguintes fatores: as pessoas tinham medo dele se corromper como os demais políticos; Padre Antônio não acreditava na possibilidade de ser traído pelas pessoas que ele ajudou e conviveu durante décadas; algumas pessoas ficaram revoltadas e frustradas com sua saída do sacerdócio e a opção pela vida matrimonial; e finalmente ele não recebeu o aval majoritário da população por meio de votos nas eleições em que disputou, pois suas idéias, consideradas “renovadoras” não conseguiu credenciá-lo

como o “messias”, enviado por Deus, capaz de cumprir a sua missão, segundo ele próprio em revelações feitas a amigos e parentes, que era a de transformar profundamente a estrutura política, social, econômica, religiosa e cultural do município, bem como a vida das pessoas em suas instâncias essenciais de sobrevivência e bem-estar (Educação, Trabalho, Alimentação, Saúde e Lazer).

Assim, essas idéias intituladas “renovadoras” por aqueles que vivenciaram o contexto histórico (1958 – 1998) em São Domingos do Prata, provocaram a reação da elite política local que se uniu em decorrência das ameaças que significavam as idéias difundidas por Padre Antônio. Tal reação baseava-se na intervenção de lideranças e militantes políticos que atuavam, nas diversas comunidades rural e urbana, que compõem o município, sob a ótica de estratégias políticas fundamentadas no assistencialismo, na compra de votos, manipulação da consciência política coletiva, favorecimentos, doações de materiais, ameaças, perseguições e intrigas políticas.

Possuidor de um carisma religioso e político no tempo em que atuou em São Domingos do Prata, Padre Antônio não conseguiu efetivar seu projeto político e assim, poder ajudar, por meio da política institucionalizada, os segmentos populares e promover o desenvolvimento de todas as comunidades rurais, distritos e bairros do município. Com uma proposta simples, baseada no evangelho, Padre Antônio, em determinado momento conseguia sensibilizar a população que o ouvia com atenção, mas não possuía habilidades políticas para se enquadrar no “jogo político tradicional” que acompanha o município de São Domingos do Prata, desde a sua fundação.

No entanto, suas ações comunitárias, religiosas e, principalmente políticas, ao longo desse considerável período (1958 – 1998), não foram suficientes para atender a seus anseios pessoais de ascender ao cargo de prefeito do município, tornando-se uma liderança política que conduziria os segmentos populares e marginalizados da sociedade, para o bem-estar social e a consolidação de uma vida mais digna e próspera para todos.

Apesar de seu dinamismo e carisma, que conseguia influenciar e mobilizar milhares de pessoas para realizarem mudanças e transformações sociais e econômicas em São Domingos do Prata, Padre Antônio não obteve êxito na vida política, mesmo

quando assumiu um mandato político indireto na condição de vice-prefeito no período de 1983 a 1988. As suas múltiplas ações de liderança, enquanto padre, pareciam convergir para sua ascensão política, pois as obras que ajudou a criar e que agregaram valores à população e ao município como as Obras Sociais São Domingos de Gusmão (O.S.S.D.G.), a construção da Igreja Matriz, a instalação da Feira do Produtor, a criação do Sindicato Rural dos Trabalhadores Rurais, creches, associações comunitárias, cooperativa, dentre outras, não foram suficientes para projetá-lo institucionalmente na política, apesar de ser reconhecido socialmente como um versátil “homem político”.

Do outro lado do cenário político, encontrava-se uma estrutura de poder consolidada no município que utilizava estratégias arraigadas nos valores tradicionais e conservadores de se fazer política, configurando uma estrutura política fundamentada no clientelismo e, ou, patronagem. Além das estratégias políticas, o grupo que detinha o poder político local era composto por médicos, fazendeiros, profissionais liberais, religiosos que não se alinhavam aos valores e práticas progressistas propostos por Padre Antônio, militares e comerciantes que na maioria das vezes, não possuíam o mesmo carisma e reconhecimento de Padre Antônio, mas que, de certa forma conheciam as “manobras políticas” a serem utilizadas, conseguindo neutralizar quaisquer tentativas de forças políticas adversárias que por ventura viessem ameaçar a estrutura política vigente na época.

Para além do jogo político local, o fato de Padre Antônio ter saído da condição de sacerdote da Igreja Católica e, posteriormente casar-se, encontrou nos valores religiosos conservadores e tradicionais da população do município, de maioria católica, sentimentos de frustração, descrença e repúdio, apesar de ter tido apoio de uma parcela considerável dos habitantes. Esse episódio transcorreu de forma significativa para a vida política de Padre Antônio e foi constantemente utilizado pelos seus adversários, que procuravam denegrir sua imagem perante a população, afirmando que “lugar de padre é na igreja”, tirando constantemente proveito desse episódio, através das urnas. O resultado disso tudo foi a constante derrota política de Padre Antônio nas eleições em que disputou.

Mesmo que para a população de São Domingos do Prata seja inegável a contribuição de Padre Antônio para o município, fato esse reconhecido hoje em dia até mesmo pelos adversários políticos do passado, o que se percebeu ao longo desse trabalho é que Padre Antônio mesmo não sendo prefeito do município, conseguiu perpetuar na memória da população local a imagem de “homem santo e milagreiro”, de um grande amigo e pai, de um “mito” sem precedentes na história do município, bem como a de um incansável sacerdote e homem público.

Para além das instâncias política e religiosa, a complexidade e amplitude dos trabalhos comunitários organizados e implementados sob a orientação e liderança de Padre Antônio, além de despertar o interesse dos mais variados segmentos sociais do município, chamou a atenção de instituições conhecidas nacional e internacionalmente que apostaram em seu trabalho e em sua capacidade de mobilizar e organizar as pessoas em prol de interesses e benefícios comuns. Ressalta-se a partir daí, o seu trabalho não só como liderança religiosa e política, mas a sua multifuncionalidade que transitava em diversas áreas. Quando era preciso ele assumia o papel de extensionista, conselheiro, amigo, “advogado”, “médico” e até de “santo ou milagreiro”. Mas, relevava-se tutorial, impositivo e imediatista em questões que requeriam decisões urgentes e emergentes.

Com todo esse histórico de acertos e erros, a imagem presente na memória coletiva da população de São Domingos do Prata em relação ao papel exercido por Padre Antônio durante quatro décadas, sob olhares de amigos e inimigos, aliados e adversários políticos, religiosos e não religiosos, conterrâneos e estrangeiros, simpatizantes e não simpatizantes, é a de uma “personalidade marcante” que amava o que fazia, não aceitava as injustiças sociais, lutava pelos ideais coletivo, extremamente dinâmico, e que apesar da não institucionalização de seu nome enquanto chefe do poder público municipal, não perdeu a fé e a crença na transformação total do ser humano, mesmo sob evidências de traição e calúnias. Mas apesar de tudo, Padre Antônio era um homem, e todo homem possui fraquezas e fortalezas, verdades e mentiras, esperanças e decepções, bondade e maldade, amor e ódio, dúvidas e certezas.

6. BIBLIOGRAFIA

- BABBIE, E. **The practice of social research**. Belmont, California: Third Edition, wadsworth publishing company, 1983, 551p.
- BARBOSA, L. **Igualdade e meritocracia: a ética do desempenho nas sociedades modernas**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2003, 215p.
- BÍBLIA SAGRADA: **Antigo e novo testamento**. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969, 1238p.
- BOFF, L. **Teologia da libertação: Igreja, carisma e poder**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1981, 230p.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, 484p.
- BOSI, E. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, 219p.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, 311p.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.
- CAMARGO, A. **Os usos da história oral e da história de vida: trabalho com elites políticas**. Dados - Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, **27**(1): 5-28, 1984.
- CAMURÇA, M. A. **Secularização e reencantamento: a emergência dos novos movimentos religiosos**. BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais. Nº 41. São Paulo: ANPOCS, pp-55-69, 1996.
- CHIAVENATO, I. **Teoria geral da administração – abordagens descritivas e explicativas**. Vol. 2, 4ª ed. São Paulo: McGraw-Hill, 1993, 818p.
- DA MATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1990, 287p.
- D’ALESSIO, M. M. **Memória: leituras de M. Halbwachs e P. Nora**. Memória, História, Historiografia – Revista Brasileira de História 25/26. São Paulo: Editora Marco Zero & ANPUH, Set/1992 a Ago/1993, 97-103.
- DENZIN, N.K. **Interpretando as vidas de pessoas comuns: Sartre, Heidegger e Faulkner**. Dados - Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, **27**(1): 29-43, 1984.
- DESCARTES, R. **Discurso de método e outros escritos**. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999, 335p.
- DESCARTES, R. **Oeuvres de Descartes**. In Adam-Tannery. Paris: Vrin-CNRS, 1974.
- DOUGLAS, Mary. **Como as instituições pensam**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998. 141p.
- FAORO, R. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. Vol 2. 10ª ed. São Paulo: Globo; publifolha, 2000, 392p.

- FERREIRA, M. de M. **História oral e multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Diadorim Editora, 1994, 157p.
- FILHO, A. M. **Clientelismo e representação em Minas Gerais durante a primeira república: uma crítica a Paul Cammack**. Dados - Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 27, nº 2, 1984, pp-175 a 197.
- FOUCAULT, M. **Nietzsche, a genealogia e a história**. In Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- FREITAS, M. E. de. **Cultura organizacional: identidade, sedução e carisma?** Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2002, 178p.
- GODBOUT, J. **O espírito da dádiva**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999, 272p.
- GOHN, M. da G. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. 2 ed., São Paulo: Cortez, 2001, 120p.
- HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 3ª ed., 1992, 224p.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos tribunais, 1990, 189p.
- HUME, D. **Investigação acerca do entendimento humano**. Tradução de Anoar Aiex. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999, 352p
- HUME, D. **A treatise of human nature**. Ed. L. A. Selby-Bigge (org.). Londres: Oxford University Press, 1978.
- IOKOI, Z. M. G. **Igreja e camponeses: teologia da libertação e movimentos sociais no campo – Brasil e Peru, 1964-1986**. São Paulo: HUCITEC, 1996, 255p.
- JANOTTI, M. de L. M. **O coronelismo: uma política de compromissos**. 6ª ed. São Paulo: Editora brasiliense, 1987, 88p.
- JANOTTI, M. L. M., & ROSA, Z. P. **História oral: uma utopia?** Memória, História, Historiografia – Revista Brasileira de História 25/26. São Paulo: Editora Marco Zero & ANPUH, Set/1992 a Ago/1993, 07-16.
- KANT, I. **Crítica da razão pura**. Tradução de Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999, 511p.
- LAVALLE, A. G. & CASTELLO, G. **As benesses deste mundo: associativismo religioso e inclusão socioeconômica**. CEBRAP: Revista novos estudos, São Paulo, (68): 73-93, março/2004.
- LANNA, M. P. D. **A dívida divina: troca e patronagem no nordeste brasileiro**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1995, 389p.
- LEAL, V. N. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo, no Brasil**. 6ª ed. São Paulo: Alfa-omega, 1993, 280p.
- LÖWY, M. **Marxismo e teologia da libertação**. São Paulo: Cortez, 1995.

- MAINWARING, S. **A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo, Brasiliense, 1987. 300p.
- MAQUIAVEL, N. **O príncipe e escritos políticos**. Tradução de Olívia Bauduh. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999, 287.
- MARX, K. **O capital – crítica da economia política**. Vol. I, 8ª ed. São Paulo: DIFEL, 1982, 287.
- MAUSS, M. **Ensaio de sociologia**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981, 496p.
- MILIBAND, R. **Análise de classes**. In teoria social hoje. (orgs.) Anthony Giddens e Jonathan Turner; tradução de Gilson César Cardoso Souza. São Paulo: Editora da UNESP, 1999, 609p.
- MILL, J. S. **Princípios de economia política – com algumas de suas aplicações à filosofia política**. Tradução de Luiz João de Baraúna. Vol. II São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996, 560
- MIRANDA, Júlia. **Carisma, sociedade e política: novas linguagens do religioso e do político**. Rio de Janeiro: Relume Dumará – núcleo de antropologia da política, 1999, 137p.
- MONTENEGRO, A. T. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, p-13, 1992, 152p.
- MOTTA, F. C. P. **Cultura organizacional e cultura brasileira**. São Paulo: Atlas, 1997, 325p.
- NIETZSCHE, F. **Ecce Homo**. São Paulo: Editora Max Limonad, 1986.
- NIETZSCHE, F. **Obras incompletas**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999, 464p.
- PASCAL. **Pensamentos**. Tradução de Olívia Bauduh. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999, 285.
- PEREIRA, J. R. **Movimento associativista rural e Igreja em São Domingos do Prata-MG**. Dissertação de mestrado. Lavras: ESAL, 1991, 106p.
- QUEIROZ, M. I. P. de. **História, história oral e arquivos na visão de uma socióloga**. História oral. Org. de Marieta de Moraes. Rio de Janeiro: Diadorim editora, 1994, pp-101–116.
- ROCHA, E. P. G. **O que é mito**. 5ª ed. São Paulo: brasiliense, 1991, 97p.
- ROTH, G., SCHLUCHTER, W. **Max weber's vision of history: ethics e methods**. University of California press. Berkeley and Los Angeles, California, 1984, 211p.
- SANTIAGO, F. T. **São Domingos do Prata: subsídios para a história**. Belo Horizonte: Santa Edwiges, 1995, 327p.
- SCHERER-WARREN, I. **Redes de movimentos sociais**. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1996, 143p.

- SILVA, F. de A. **Século XX: a caminho do terceiro milênio**. São Paulo: Moderna, 2001, 256p.
- SILVA, H. & CARNEIRO, M. C. R. **História da república brasileira: a fuga de João Goulart –1962/1963**. São Paulo: Editora Três, 1998, 155p.
- SILVA, L. H. da. **Sindicato de Estado, representação e assistencialismo: a trajetória histórica de um sindicato de trabalhadores rurais**. Dissertação de mestrado. Viçosa: UFV, 1995, 114p.
- SMITH, A. **A riqueza das nações – Investigação sobre sua natureza humana e suas causas**. Tradução de Luiz João de Baraúna. Vol. I. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996, 479p.
- SMITH, C. **The emergence of liberation theology – radical religion and social movement theory**. The university of Chicago Press, Chicago and London, 1991.
- THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 1992, 108p.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Trad. de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992, 385p.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais - A pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987, 175p.
- WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 5ª ed. São Paulo: Pioneira, 1987.
- WEBER, M. **Ciência e política: duas vocações**. Trad. de Leônidas Hegenberg & Octany Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 2002, 124p.
- WEBER, M. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Trad. de Régis Barbosa & Karen Elsabe Barbosa. Vol. 2. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 1999, 584p.
- WEBER, M. **Ensaio de sociologia**. Organização e introdução de H. H. Gerth e C. Wright Mills. Trad. de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, 530p.
- WEBER, M. **On charism and institution building**. Edited by S. N. Eisenstadt. Chicago: University of Chicago Press, 1968.
- WEBER, M. **Sociologia**. In: COHN, G. (Org.) & FERNANDES, F. (Coordenação). São Paulo: Ática, 1991, 167p.

7. ANEXOS

ANEXO I: Principais datas e fatos que marcaram a trajetória das ações políticas, comunitárias e religiosas, bem como a história de vida de Padre Antônio

Datas	Fatos
1929	Nasceu no dia 21 de março em São Domingos do Prata - MG
1940	Ingressa no seminário de Mariana – MG
1954	É ordenado padre, em novembro deste ano
1958	Assumiu a paróquia de São Domingos do Prata
1960	Fundou as Obras Sociais de São Domingos de Gusmão (OSSDG), da qual foi seu primeiro presidente
1962	Iniciou a construção da igreja matriz de São Domingos de Gusmão
1969 a 1971	Organizou pequenos produtores rurais do município com cursos ligado ao PIPMO (Programa Intensivo de Preparação de Mão-de-Obra).
1972	Fundou a Feira do Produtor subordinada às OSSDG
1976	Deixou de exercer o ministério sacerdotal, casou e passou a residir em Belo Horizonte, onde trabalhou como gestor do Programa de Complementação Alimentar pela Legião Brasileira de Assistência (LBA)
1978	Fundou a CORPRATA e foi o primeiro presidente
1983	Assumiu a vice-prefeitura de S.D. do Prata
1988	Candidatou-se a prefeito, mas não foi eleito
1992	Candidatou-se novamente a prefeito, mas não se elegeu
1996	Adoeceu – sofre derrame cerebral
1998	Faleceu aos 68 anos de idade em 27 de Maio.

ANEXO II: Lista de nomes fictícios⁸⁸ de pessoas que participaram das entrevistas semi-estruturada e seus respectivos perfis:

NOME DO ENTREVISTADO	IDADE	PROFISSÃO
1- Dona Juventude	57 anos	Professora
2- Sr. Cooperado	60 anos	Professor
3- Sr. Juvêncio	73 anos	Agricultor
4- Sr. Prudente	76 anos	Tipógrafo
5- Dona Perseverança	73 anos	Professora
6- Dona Felicita	75 anos	Bordadeira
7- Sr. Curador	53 anos	Profissional Liberal
8- Sr. Justiça	40 anos	Funcionário Público
9- Sr. Bonsucesso	69 anos	Empresário
10- Dona Generosa	64 anos	Lavadora
11- Dona Boa Vontade	78 anos	Funcionária Pública
12- Dona Paciência	52 anos	Professora
13- Dona Vida Longa	85 anos	Aposentada
14- Sr. Alcebíades	56 anos	Construtor
15- Dona Fortaleza	55 anos	Agricultora
16- Dona Sorriso	72 anos	Agricultora
17- Dona Esbelta	84 anos	Professora
18- Sr. Pródico	69 anos	Farmacêutico
19- Sr. Justino	65 anos	Comerciante
20- Dona Esperança	74 anos	Aposentada
21- Dona Flor	69 anos	Aposentada
22- Sr. Batalha	63 anos	Produtor Rural
23- Sr. Villa Lobos	75 anos	Produtor Rural
24- Dona Justiça	60 anos	Aposentada
25- Dom Misericordioso	83 anos	Aposentado

⁸⁸ O uso de nomes fictícios visa preservar a identidade do entrevistado e não expor de forma direta seu nome verdadeiro com objetivo de não causar futuros constrangimentos aos colaboradores dessa dissertação.

ANEXO III: Questões preliminares que serviram de base para a elaboração do Roteiro de entrevista Semi-estruturada a ser apresentado a seguir (Anexo IV)

- Identificação geral dos entrevistados (nome, onde nasceu, profissão, etc.).
- Relato de quando conheceu o Padre Antônio e em que circunstância.
- Qual foi sua relação com o Padre Antônio (tipo, motivo, período e ano)?
- Qual é a lembrança mais marcante que tem dele (qualquer momento de sua vida pode ser destacado pelo entrevistado)? Por quê?
- Quais as idéias dele que foram mais marcantes, na sua opinião? Por quê?
- Em que Padre Antônio contribuiu para sua vida?
- Quais as idéias ou atitudes do Padre Antônio que você discordava? Por quê?
- Quais eram os comentários sobre a pessoa de Padre Antônio?
- Que tipo de líder era Padre Antônio para você?
- Quais as diferenças entre o Padre Antônio como pároco do município, como liderança política e como pessoa?
- Quais eram suas expectativas em relação às ações do Padre Antônio?
- Qual foi a atividade mais importante que ele fez pelo município quando ainda era padre? Por quê?
- Qual foi a atividade mais importante que ele fez pelo município quando já não era padre? Por quê?
- A presença do Padre Antônio faz falta na sua vida e na vida do município? Por quê?

ANEXO IV: ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Nome do entrevistado: _____

Estado Civil: _____ Idade: _____ Horário da Entrevista: _____

Data de nascimento: ____/____/2004 Local de Nascimento: _____

Endereço: _____

_____. UF: _____ Data da Entrevista: ____/____/2004.

Profissão ou Ocupação: _____

1) Há quanto tempo, você mora em São Domingos do Prata? _____

1.1.) Você nasceu aqui em São Domingos do Prata? Se não, veio de onde? Por que veio para São Domingos do Prata? _____

2) Você conheceu o Padre Antônio (Titoni)? Se sim em que época? _____

3) Qual a lembrança que você tem dele? _____

3.1.) Das lembranças que você têm do Padre Antônio (Titoni) qual foi a mais marcante? Por quê? _____

3.2.) Como você percebia as ações de Padre Antônio (Titoni)? _____

4) Das ações religiosas que ele promoveu, qual a que teve mais significado ou sentido para você? Por quê? _____

5) Na sua opinião, qual (is) as principais contribuições feitas por Padre Antônio (Titoni) ao município de São Domingos do Prata? Por quê ele realizou essas contribuições? _____

5.1.) Com que frequência, você mantinha contatos com ele? Em reuniões? Nas missas? Que mais? _____

6) O Padre Antônio (Titoni) conseguia mobilizar a comunidade que você faz parte? Como ele conseguia isso ? Explique? _____

7) Padre Antônio (Titoni) se candidatou por duas vezes e nunca foi prefeito do município? Na sua opinião, porque ele não conseguiu? _____

7.1.) Na situação política atual de São Domingos do Prata ele conseguiria ser prefeito? Por quê? _____

8) Você foi beneficiado direta ou indiretamente por alguma ação de Padre Antônio (Titoni)? De que forma? Por quê? _____

9) Você participou diretamente ao lado de Padre Antônio (Titoni) de alguma ação política ou comunitária no município? Qual foi? Como foi a atuação sua e dele? Por quê? _____

10) Como foi a sua reação quando soube do casamento dele com a Bibiana? Como foi a reação das outras pessoas? Por quê? _____

11) Você conheceu ou participou das “Obras Sociais São Domingos de Gusmão” (O.S.S.D.G)? Se sim, de que forma? Como ela foi formada? Como se firmou? Como declinou? Por quê?

12) Você conheceu ou participou da “Feira do Produtor”? Se sim, de que forma? Como ela foi formada? Como se firmou? Como declinou? Por quê? _____

13) Você conheceu ou participou da “CORPRATA” (Cooperativa Agroindustrial de São Domingos do Prata) ? Se sim, de que forma? Como ela foi formada? Como se firmou? Como declinou? Por quê?

14) Você conheceu ou participou do “GIPP” (Grupo Integrado para o Progresso do Prata)? Se sim, de que forma? Como ele foi formado? Como se firmou? Como declinou? Por quê?

15) Você conheceu ou participou do Sindicato Rural de São Domingos do Prata? Se sim, de que forma? Como ele foi formada? Como se firmou? Como declinou? Por quê? _____

16) Você conheceu ou participou de alguma outra obra de caráter religioso ou político, ou de outro caráter, liderada por Padre Antônio (Titoni)? Se sim, como foi? Como ela foi formada? Como se firmou? Como declinou? Por quê? _____

17) Em sua opinião qual foi o momento mais atuante de Padre Antônio (Titoni) em São Domingos do Prata? Foi como “religioso” ou como “político”? Porque? _____

18) Como foi a atuação de Padre Antônio (Titoni) como pároco da cidade? Porque? _____

19) Como foi a atuação de Padre Antônio (Titoni) como Vice-prefeito da cidade? Porque? _____

20) O que significou Padre Antônio (Titoni) para a sua vida e para a população de São Domingos do Prata?

21) Como era a relação dele com a população?

a) com os produtores rurais: _____

b) com os menos favorecidos e marginalizados: _____

c) com os políticos aliados: _____

d) com os políticos adversários: _____

e) com a Igreja Católica: _____

f) com as crianças: _____

g) com os jovens: _____

h) com as mulheres: _____

i) com os homens: _____

j) com os idosos: _____

k) com as instituições do município (Cooperativa, sindicatos, prefeitura, empresas particulares, etc.): _____

l) com os comerciantes: _____

m) com os “de fora”: _____